UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

MAX WESLEY FLORENTINO DA SILVA

SE ESSA PRAÇA FOSSE MINHA, EU MANDAVA, EU MANDAVA OCUPAR: entre permanências e mudanças nas Praças de Campina Grande-PB em suas revitalizações (2013 a 2017)

CAMPINA GRANDE – PB

2018

MAX WESLEY FLORENTINO DA SILVA

SE ESSA PRAÇA FOSSE MINHA, EU MANDAVA, EU MANDAVA OCUPAR: entre permanências e mudanças nas Praças de Campina Grande-PB em suas revitalizações (2013 a 2017)

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do Título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Área de concentração: Desenvolvimento Regional.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento e Conflitos Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Jackeline Feitosa Carvalho.

CAMPINA GRANDE – PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586s Silva, Max Wesley Florentino da.
Se essa praça fosse minha, eu mandava, eu mandava ocupar [manuscrito] : entre permanências e mudanças nas praças de Campina Grande - PB em suas revitalizações (2013 a 2017) / Max Wesley Florentino da Silva. - 2018.
200 p. : il. colorido.
Digitado.
Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa , 2018.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Jackeline Feitosa Carvalho , Departamento de Ciências Sociais - CEDUC."
1. Espaço Público. 2. Área Urbana . 3. Planejamento urbano . 4. Praça. 5. Revitalização urbana . I. Título
21. ed. CDD 711.5

Elaborada por Estela F. P. dos Santos - CRB - 15/841 BCIA1/UEPB

MAX WESLEY FLORENTINO DA SILVA

SE ESSA PRAÇA FOSSE MINHA, EU MANDAVA, EU MANDAVA OCUPAR: entre permanências e mudanças nas Praças de Campina Grande-PB em suas revitalizações (2013 a 2017)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Defesa realizada no dia: 23 de Novembro de 2018.

CONCEITO: APROVADO

BANCA EXAMINADORA

Drª. Maria Jackeline Feitosa Carvalho (Orientadora)

Dr. Lemuel Dourado Guerra Sobrinho (Examinador Interno – PPGDR/UEPB)

Dr. Vanderlan Francisco da Silva (PPGCS/UFCG)

Dedico este trabalho com todo o meu amor e carinho às minhas mães (Maria de Fátima e Maria das Neves – in memorian) sem as quais não teria chegado até aqui. Foram estas que com seus esforços sempre me guiaram e me deram força para seguir em frente.

AGRADECIMENTO

Escrever uma dissertação, não é um processo realizado de forma isolada, pois é um processo em que há sempre presente algumas pessoas com as quais estabelecemos trocas constates de ideias, um diálogo continuo que enriquecem e contribuem de forma decisiva para a construção da pesquisa, assim, nesse trajeto muitas dessas pessoas, tiveram uma significante participação as quais merecem o meu mais profundo agradecimento.

Esta pesquisa intitulada "Se essa Praça Fosse Minha, Eu Mandava, Eu Mandava Ocupar: entre permanências e mudanças nas Praças de Campina Grande-PB em suas revitalizações (2013 a 2017)" é, de fato, resultado de muito esforço e de um trabalho coletivo.

Portanto, primeiramente quero agradecer a DEUS e a Nossa Senhora Aparecida por sempre guiar meus caminhos, me proteger, me abençoar e iluminar meus pensamentos.

Agradeço imensamente à minha mãe, por todo o empenho e apoio em minhas formações e pelo amor a mim transmitido.

Também, os meus familiares por todo apoio e carinho, durante toda essa trajetória.

A minha orientadora, Professora Dra. Maria Jackeline Feitosa, não apenas pelo fato de estimular seus alunos e orientandos a um despertar para as reflexões sobre o coletivo, sobre o diverso. Suas aulas ficarão sempre em minha memória, sempre tão instigantes e prazerosas de se participar. Sou grato demais, por todo incentivo e apoio nesta minha formação e por me orientar em todas as etapas deste trabalho de maneira dedicada e paciente. Foi, sem sombras de dúvidas, a pessoa que de fato, fez acontecer esse trabalho. Muitíssimo obrigado.

Ao Professores Dr. Lemuel Guerra, que durante todo o mestrado, sempre se mostrou disponível e atento, não apenas no desenvolver deste trabalho, mas também interessado na pessoa dos alunos que por ele, passam, ou quem sabe ficam. Suas aulas são, sempre, estímulos de inquietação e excitação a voos mais altos. Sua atenção como humano para com humano é digna de louvor. Que você, continue sempre brilhando para nós.

Remerceio ao Professor Dr. Antônio Albuquerque da Costa, que em nossa qualificação nos proporcionou valiosas orientações para um melhor desenvolvimento desse trabalho.

E ao Professor Dr. Vanderlan Francisco, por ter aceitado a realização da leitura do nosso trabalho final e, assim, contribuir de forma significativa com suas considerações para esta dissertação.

Amizade reserva um lugar fundamental em nossas vidas, contudo, ela se faz tão necessária como a importância de alimentar-se no dia a dia, por isso, grato sempre serei aos eternos amigos de longas datas, Daniele Cunha e Alysson Nóbrega, por todo apoio, carinho e amor de sempre. Nossa amizade é algo raro de se ver. É um verdadeiro e importantíssimo tesouro dado por Deus. É nela que muitas vezes busco força pra seguir. Amo-os demasiadamente. Obrigado.

Aos grandes amigos de grandes caminhas que em cristo fomos unidos, pelo incentivo e apoio na realização deste trabalho: Milena, Ana Luiza, Ana Paula e Elis. Das coisas boas que a vida nos dá, vocês. Amo-as demais. Agradecido.

Das grandes surpresas que a vida coloca em nossa caminhada, vocês: Nayara, Ana Carla, Laíse, e Paula. Pessoinhas do meu agrado. Amigas. Nos momentos difíceis e nos momentos de alegrias, vocês se fizeram presentes nesse trabalho. Muitas partilhas, muitas ajudas, muitas presenças. Amo muito. Muito obrigado.

A JPMF: não por um minuto, não por uma hora, sim por toda vida. Minha certeza, uma escolha: o Amor. Meu amor. Eternizado em meu coração.

Ao amigo Cristiano (Kyo), que esteve sempre disponível e atento aos processos de desenvolvimento desta pesquisa, contribuindo de forma significativa com o seu olhar, revelado nas imagens que buscamos capturar durante as diversas vezes que estivemos nas praças para registrar os fatos que buscassem transmitir e contribuir com as reflexões sobre as mais diversas dinâmicas de usos das praças, relatadas neste trabalho. Seus clicks fizeram toda a diferença. Grato.

Também às Praças, por tudo que são. Por serem as protagonistas desse trabalho. Suas belezas, seus encantos, palco de acontecimentos e vivências diversas imprescindíveis às cidades e usos que os citadinos nela incorporam. Mesmo elementos do concreto, tantas vezes pálido e opaco, as Praças são cenários de vida, permanências e mudanças que, ao se colocarem para mim por outros sentidos nos fez entende-las por outras maneiras; às quais, também, agradeço. Obrigado, também, aos entrevistados para esta pesquisa, a todos, e em especial aos usuários das praças, os quais puderam contribuir de forma significativa para a construção desse trabalho.

Por fim, agradeço a todos que de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho.

“O desenvolvimento, na realidade, diz respeito às metas da vida. Desenvolver para criar um mundo melhor, que responda às aspirações do homem e amplie os horizontes de expectativas. Só há desenvolvimento quando o homem se desenvolve” **Celso Furtado.**

RESUMO

A praça é um importante espaço urbano onde as trocas sociais, culturais, religiosas, políticas e econômicas são realizadas pela população. Este fato requer atenção das políticas públicas no quesito espaço urbano, em sua concepção conceitual e arquitetônica, para que sejam possíveis interações de forma mais apropriada. Assim, esta pesquisa tem como objetivo analisar, as dinâmicas de usos de quatro praças revitalizadas na cidade de Campina Grande-PB, que são: Praça Treze de Maio, Praça do Cascudo, Praça Francisco Pinto e Praça da Bandeira A problemática se baseia na seguinte indagação: a revitalização das praças de Campina Grande apresenta condições que atendam às necessidades da população, em especial no quesito das formas contemporâneas de usos desses espaços? A relevância desta pesquisa, reside em se pensar as relações desses espaços com a interface dos usuários, comerciantes locais e gestores, a partir das revitalizações implantadas, sendo importante o fator de integração no processo de apropriação pelos citadinos dos espaços urbanos públicos nas cidades. Dentre os instrumentos metodológicos utilizados, tivemos a pesquisa de campo com observação direta, assim como a realização de entrevistas semiestruturadas realizadas com os usuários das praças, os comerciantes, moradores do entorno imediato e o atores da gestão pública - Prefeito, Secretário de Planejamento, Arquiteto, Administradores das Praças – que tiveram participação direta relacionada à revitalização. Outro recurso que utilizamos foi o uso de imagens fotográficas, de forma que possibilitasse identificar significativas mudanças ou permanências das dinâmicas de uso e territorializações das praças revitalizadas. Para atingir esta finalidade, procuramos identificar as dinâmicas de uso, apropriações e territorializações das praças e seus entornos, bem como caracterizar os usuários após a revitalização. Buscamos também analisar a percepção dos atores locais - população, comerciantes, gestores e técnicos – no tocante à revitalização das praças. Esta pesquisa se caracteriza pela abordagem qualitativa dos dados. Como resultado, identificamos que estas revitalizações de praças em bairros periféricos possibilitou a retomada de vários tipos de atividades relacionadas ao lazer, ao comércio e à prática de atividades esportivas. Isto trouxe novos usuários e elementos contemporâneos de reforma, como no caso da Praça da Bandeira – revestimentos dos bancos, piso, jardineiras e o novo sistema de iluminação – que corroboram com as dinâmicas de usos existentes na praça. Constatamos, também, que no período noturno, após a instalação do novo sistema de iluminação, as territorializações e tipos de usos da Praça da Bandeira aumentaram.

Palavras-chave: Espaço Público; Cidade; Praça.

ABSTRACT

The town square is an important urban space where social, cultural, religious, political and economic exchanges are carried out by the population. This fact requires attention of the public policies in the urban space field when it comes to its conceptual and architectural conception, so that interactions are possible in a more appropriate way. Thus, this research aims to analyze, the dynamics of four revitalized squares in the city of Campina Grande-PB, which are: Treze de Maio square, Cascudo square, Francisco Pinto square and Bandeira square. This research is based on the following question: do the revitalization of the squares of Campina Grande present conditions that meet the needs of the population, especially in the contemporary forms of use of these spaces? The relevance of this research lies in thinking about the relationships of these spaces with the users' interface, local merchants and managers, based on implanted revitalizations, being important the integration factor in the process of appropriation by the citizens of the public urban spaces in the cities. Among the methodological instruments used, there was the field research with direct observation, as well as the accomplishment of semi-structured interviews with the users of the squares, merchants, residents of the immediate environment and the public managers, like the city Mayor, public managers and architects who directly worked on those renovations. Photo images were also used as resource to spot relevant urban dynamics, space modifications and also some resilient features on the use and appropriation of those areas. To achieve this goal, it was necessary to identify the dynamics of use, appropriations and territorializations of the squares and their environments, as well as characterize users after revitalization. The perception of local population, merchants, managers and technicians were also analyzed, regarding the revitalization of the squares. This is a qualitative research and as a result, it was identified that the revitalizations of squares in peripheral neighborhoods allowed the return of various types of activities related to leisure, commerce and sports practice. This has brought new users and contemporary elements of renovation, such as seat coverings, floor coverings, gardening and the new lighting system in Bandeira square, that corroborate with the dynamics of existing uses in the square. It was also noticed that at night, after the installation of the new lighting system, the territorializations and types of uses of Bandeira square increased.

Keywords: Public Space. City. Town Square.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da Localização das Praças 8
Figura 2: Praça do mercado de Nuremberg (Alemanha) 22
Figura 3:Cidade de Nuremberg 23
Figura 4:Cidade de Ruthenburg 24
Figura 5: Cidade de Parma 24
Figura 6: Cidade de Mântua 25
Figura 7: Cidade de Ravena 25
Figura 8:Cidade da Florença (Praça de Profundidade) 26
Figura 9: Cidade de Módena (Praça de Largura) 26
Figura 10: Praça Signoria, Florença – Disposição dos objetos decorativos nas praças medievais. 27
Figura 11: Novas cidades do final da idade média – Tcheco-eslovacas (1-Budweis; 2-Novy Jicin; 3-Klattau; 4-Wodnian; 5- Morawska Trebova; 6-Domazlice) 28
Figura 12: Cidades ideais Renascentistas (1-Cidades ideais descrita por Vitruvio; 2-Cidade Ideal descrita por Filatete, 3- Cidade ideal descrita por Pietro Cateano) 29
Figura 13: Cidade de Scamozzi – (1593 – Cidade projetada e construída – a esquerda o projeto e a direita vista aérea da cidade). 30
Figura 14: Piazza Del Popolo – (a esquerda o projeto e a direita vista da cidade) 31
Figura 15: Praças Reais em Paris. (1-Place Verdôme; 2- Place Dauphine; 3- Place Royale; e 4-Place Victoires) 32
Figura 16: Praça Renascentista (reorganização do Capitólio – Roma) 33
Figura 17: Praça do Capitólio (a esquerda, antes da intervenção e a direita, depois da intervenção) 33
Figura 18: Praças das Residências (Coesão estabelecida – abertura de um pátio em um dos seus lados e fechamento dos demais lados com conjuntos arquitetônicos) 34
Figura 19: Praça da Concordia – Paris (1753) 35
Figura 20: Pace de D'Êtoile (atual Praça Charles-de-Gaulle) 37
Figura 21: Traçado de Cerdá – Barcelona. 37
Figura 22: Evolução dos quarteirões. 38
Figura 23: Praça do Comércio – Lisboa. 45

Figura 24: Planta da Cidade do Salvador – 1551. 46
Figura 25: Planta da Cidade do Rio de Janeiro – 1713. 46
Figura 26: Praça do Brasil Colônia – Bahia (1-território de Jesus; 2-Colégio dos Jesuítas; e 3-Convento São Francisco) 47
Figura 27: Praça do Brasil Colônia – Rio de Janeiro (1-Largo do Carmo; 2-Convento do Carmo; 3-Casa dos Governadores; e 4- Chafariz) 48
Figura 28: Praça do Brasil Colônia – Ouro Preto (1-Praça dos Governadores; 2- Casa dos Governadores; 3- Câmara e cadeia) 48
Figura 29: Centro de Campina Grande 63
Figura 30: Praça do Mercado 64
Figura 31: Av. Floriano Peixoto - área onde se localizava a Praça do Mercado 65
Figura 32: Praça Epitácio Pessoa 66
Figura 33: Praça Epitácio Pessoa – Comércio Feira 67
Figura 34: Prédios localizados em frente à Praça Epitácio Pessoa 67
Figura 35: Prédios localizados em frente à antiga Praça Epitácio Pessoa onde hoje se encontra a Rua Maciel Pinheiro 68
Figura 36: Praça Félix Araújo 69
Figura 37: Busto de Félix Araújo 69
Figura 38: Figura 38: Praça Félix Araújo 2018 70
Figura 39: Praça Coronel Antônio Pessoa 71
Figura 40: Praça Coronel Antônio Pessoa 71
Figura 41: Praça Coronel Antônio Pessoa 72
Figura 42: Praça João Pessoa, 2018 73
Figura 43: Praça do Algodão 74
Figura 44: Praça do Relógio 75
Figura 45: Praça João Pessoa 76
Figura 46: Inauguração da Praça João Pessoa 76
Figura 47: Ponto Central 77
Figura 48: Praça João Rique década de 90 78
Figura 49: Praça João Rique, 2018. 78
Figura 50: Largo da Lapa 79
Figura 51: Praça da Independência 80

Figura 52: Praça tenente Alfredo Dantas, 2018.....80
Figura 53: Praça do Rosário 81
Figura 54: Praça do Rosário 82
Figura 55: Praça Índios Carirys.....83
Figura 56: Praça José Américo – 1950.....83
Figura 57: Busto Ministro José Américo de Almeida.....84
Figura 58: Praça da Bandeira.....85
Figura 59: A Samaritana.....85
Figura 60: Praça da Bandeira final da década de 1950.....86
Figura 61: Praça da Bandeira final da década de 1980.....87
Figura 62: Praça da Bandeira.....87
Figura 63: Praça da Bandeira, 2018.....88
Figura 64: Cadeia Pública.....89
Figura 65: Praça Clementino Procópio.....90
Figura 66: Empresa de Força e Luz.....91
Figura 67: Praça da Luz ou Largo da Luz 92
Figura 68: Praça da Ternura 92
Figura 69: Praça Clementino Procópio.....93
Figura 70: Praça Clementino Procópio, 2018.....94
Figura 71: Mapa de Localização da Praça da Bandeira.....101
Figura 72: Praça da Bandeira antes da revitalização 103
Figura 73: Praça da Bandeira após revitalização.....104
Figura 74: Praça da Bandeira, 2018.....105
Figura 75: Praça da bandeira – assentos dia 107
Figura 76: Praça da Bandeira – assentos noite 108
Figura 77: Praça da Bandeira – Cafeteria.....109
Figura 78: Praça da Bandeira – mesas e bancos dia.....110
Figura 79: Praça da Bandeira – mesa e bancos noite 110
Figura 80: Jogo de Tabuleiro e Jardineiras.....111
Figura 81: Praça da Bandeira – bicicletas 111
Figura 82: Praça da Bandeira – Postes de Iluminação.....112
Figura 83: Praça da Bandeira – iluminação noite.....113

Figura 84: Praça da Bandeira – moradores de rua 114
Figura 85: Praça da Bandeira – pombos 115
Figura 86: Praça da Bandeira – engraxates 116
Figura 87: Praça da Bandeira – trocas de figurinhas antes da revitalização 117
Figura 88: Praça da Bandeira – trocas de figurinhas depois da revitalização 118
Figura 89: Manifestações e atos Praça da Bandeira 120
Figura 90: Leitura na praça 121
Figura 91: Ponto de Moto Taxi 122
Figura 92: Praça da Bandeira – trailer lanche 123
Figura 93: Praça da Bandeira – trailer lanche 2 123
Figura 94: Mapa de Localização da Praça da 13 de Maio. 129
Figura 95: Praça 13 de Maio, 2018 130
Figura 96: Praça 13 de Maio, 2018 130
Figura 97: Praça da 13 de Maio – antes da revitalização 131
Figura 98: Praça da 13 de Maio – fiteiro de lanches 131
Figura 99: Praça da 13 de Maio – Pátio coberto 132
Figura 100: Praça da 13 de Maio – percursos e iluminação 133
Figura 101: Terreno utilizado pelos comerciantes ao lado da Praça 13 de Maio. 134
Figura 102: Comerciantes no entorno da Praça 13 de Maio 136
Figura 103: Praça de alimentação vizinho ao terreno dos comerciantes removidos da praça 136
Figura 104: Localização dos Comerciantes no entorno da Praça 13 de Maio. 137
Figura 105: Praça da 13 de Maio – acesso a praça 138
Figura 106: Praça da 13 de Maio – equipamentos para atividades físicas 141
Figura 107: Pátio de Estacionamento CPTRAN 142
Figura 108: Caminhada na Rua Ana de Azevedo 144
Figura 109: Praça da 13 de Maio – grades no entorno da praça - a 145
Figura 110: Praça da 13 de Maio – grades no entorno da praça -b 145
Figura 111: Praça da 13 de Maio – Playground 146
Figura 112: Praça da 13 de Maio – área em frente à igreja 146
Figura 113: Praça do Cascudo – Mapa de Localização 148
Figura 114: Praça do Cascudo – antes da revitalização 149
Figura 115: Praça do Cascudo – vegetação 149

Figura 116: Praça do Cascudo, 2018. 150
Figura 117: Crianças utilizando equipamentos da Academia Popular como balanços 151
Figura 118: Praça do Cascudo – brinquedos 151
Figura 119: Praça do Cascudo – Equipamentos para atividades físicas 152
Figura 120: Praça do Cascudo – Academia Popular 153
Figura 121: Praça do Cascudo – Passeios utilizados para caminhadas 153
Figura 122: Praça Francisco Pinto - Mapa 160
Figura 123: Praça Francisco Pinto – antes da revitalização 161
Figura 124: Praça Francisco Pinto – lixo e entulho 161
Figura 125: Praça Francisco Pinto – percursos 162
Figura 126: Praça Francisco Pinto, 2018. 163
Figura 127: Praça Francisco Pinto – brinquedos 165
Figura 128: Praça Francisco Pinto – equipamentos atividade física 166
Figura 129: Praça Francisco Pinto – toldo no passeio 167
Figura 130: Praça Francisco Pinto – trailer lanche - a 168
Figura 131: Praça Francisco Pinto – trailer lanche - b 168
Figura 132: Praça Francisco Pinto – assentos - a 169
Figura 133: Praça Francisco Pinto – assentos -b 169
Figura 134: Praça Francisco Pinto – brinquedos - a 171
Figura 135: Praça Francisco Pinto – equipamentos e crianças 171
Figura 136: Praça Francisco Pinto – passeios e crianças - a 171
Figura 137: Praça Francisco Pinto – passeios e crianças - b 172
Figura 138: Praça Francisco Pinto – Culto Religioso 173

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 7

1.1. Sobre o processo de pesquisa **11**

1.2 A praça como elemento relevante no espaço urbano **16**

1.3 Cartografia histórica da praça **21**

1.3.1 Praças medievais 21

1.3.2 Praças Renascentistas 28

1.3.3 As Praças Barrocas 34

1.3.4 As Praças no século XIX 35

1.3.5 As Praças no século XX (Modernas) e as Praças do século XXI (Contemporâneas) 38

1.3.6 Praças Portuguesas 43

1.3.7 Praças Brasileiras 45

1.4 A relação entre desenvolvimento urbano/regional e a produção de espaços públicos nas cidades contemporâneas **49**

1.5 Espaços públicos e Territórios **54**

2 – **TECENDO A PRAÇA EM SEU USOS: UMA APROPRIAÇÃO DA PESQUISA** 61

2.1 Campina Grande e a historiografia de suas praças 61

2.2 Dinâmicas e rugosidades das praças de Campina Grande **63**

2.2.1 Praça Municipal e/ou Praça do Mercado 64

2.2.2 Praça Epitácio Pessoa 66

2.2.3 Praça Félix Araújo 68

2.2.4 Praça Presidente João Pessoa 70

2.2.5 Praça João Rique 73

2.2.6 Praça Tenente Alfredo Dantas 79

3.2.7 Praça da Bandeira 81

2.2.8 Praça Clementino Procópio 88

3.1 Praça da Bandeira **100**

3.2 Praça 13 de Maio **126**

3.3 Praça do Cascudo **147**

3.4 Praça Francisco Pinto **159**

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS 176

5 – REFERÊNCIAS 180

APÊNDICE A - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARA USO PESSOAL DE TRABALHO EM CAMPO 183

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA – MORADORES DO ENTORNO IMEDIATO DA PRAÇA E USUÁRIOS DA PRAÇA 185

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA – ATORES DA GESTÃO PÚBLICA: ARQUITETOS, TÉCNICOS, ADMINISTRADORES E GESTORES ENVOLVIDOS COM AS REFORMAS DAS PRAÇAS 187

APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA – COMERCIANTES 189

INTRODUÇÃO

A praça é um espaço público urbano onde as trocas sociais, culturais, religiosas, políticas e econômicas, pela população são muitas vezes protagonizadas, fato este que a caracteriza no recinto urbano como um elemento de grande importância.

Em Campina Grande, as praças, em toda a sua historicidade, têm exercido papel de fundamental importância nos usos e no contexto social, cultural, econômica e político da cidade, evidenciando-se como importante espaço sociocultural para a cidade. A partir de 2013, as praças de Campina Grande vêm passando por um processo, denominado pela Prefeitura Municipal de Campina Grande, de "revitalização". Estas revitalizações são realizadas com base em projeto que busca recuperar o uso das praças locais a partir da reforma dos elementos existentes e/ou implantação de novos layouts, como academias populares para o incentivo da prática esportiva e o aumento da área verde da cidade com o plantio de mudas arbóreas nativas da região.

Assim, a pesquisa coloca a seguinte problematização: A revitalização das praças de Campina Grande apresenta uma concepção que atende às necessidades da população quanto as formas contemporâneas de uso desses espaços? Qual a participação da população nos projetos de revitalização das praças? Como os atores da vida urbana territorializam nesse espaço urbano revitalizado? A apropriação deste espaço público por territorialidades contribui para a segregação socioespacial?

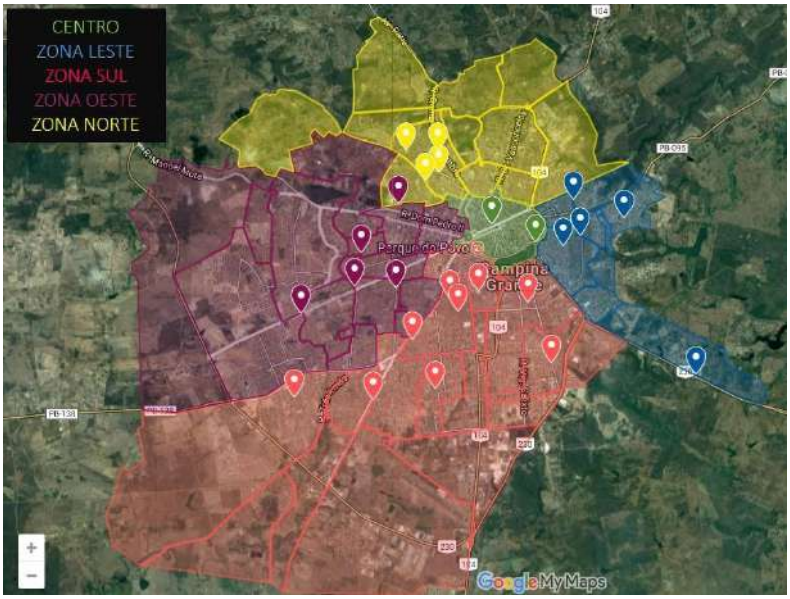
Esses questionamentos me levaram à investigação, a partir de observações corriqueiras realizadas em meus percursos no dia a dia na cidade de Campina Grande (PB). Minha primeira impressão foi que, após as revitalizações de algumas praças da cidade, esses espaços públicos apresentavam dinâmicas de usos não vistas antes, o que me trouxe o interesse de entender quais podem ser os resultados de revitalizações em espaços coletivos urbanos.

Logo, esta pesquisa tem como objetivo analisar as dinâmicas de uso após revitalizações realizadas em quatro (04) praças das vinte e cinco (25) praças revitalizadas até a realização desta pesquisa (figura 1) localizadas em diferentes espaços da cidade de Campina Grande-PB. Também busca identificar as dinâmicas existentes entre a praça e o seu entorno imediato, as apropriações e territorializações pelos usuários, verificar a participação da

sociedade na concepção do projeto de revitalização, bem como caracterizar os usuários antes e após as reformas realizadas. De modo geral, entender as experiências de usos existentes após as revitalizações e a participação de atores locais como usuários, comerciantes, gestores e técnicos.

Logo, a pesquisa teve por objeto de estudo: **Praça da Bandeira** localizada no bairro Centro, escolhida por ser uma praça de grande importância no contexto histórico da cidade e pela realização de eventos relevantes como o Festival de Inverno, movimentos sociais que englobam campanhas de arrecadação de alimentos e agasalhos e protestos de cunho político. **Praça 13 de Maio**, localizada no bairro da Palmeira, por estar situada em um local onde as edificações em seu entorno imediato apresentam diversidades de uso (igreja, universidade, moradias, Órgãos Públicos) e devido à instalação de um gradil contornando a praça, tornando-a menos acessível e intrigando a população quanto à sua acessibilidade. **Praça do Cascudo**, localizada no bairro da Liberdade, que foi escolhida por ser uma praça onde a participação dos moradores de seu entorno, na busca por melhorias deste espaço, foi decisiva para sua revitalização. **Praça Francisco Pinto**, localizada no bairro do Santa Rosa, em um local com ampla visibilidade por estar situado em uma rua com bastante fluxo de pessoas e veículos. Após a revitalização, o local é intensamente frequentado pela população, principalmente no período noturno, trazendo àquele espaço dinâmicas de uso antes não perceptíveis.

Figura 1: Mapa da Localização das Praças



Fonte: Produção própria, 2018.

A relevância desta pesquisa, reside em pensar as relações desses espaços com a interface dos usuários, gestores e comerciantes dos espaços pesquisados, a partir das revitalizações implantadas. Outro ponto relevante apresentado é o fator de integração no processo de apropriação pelos citadinos dos espaços urbanos públicos.

A partir dos objetivos delineados para esta pesquisa, adotamos a metodologia de pesquisa com abordagem qualitativa, apropriando-se do que Strauss e Corbin (1998) definem sobre sua finalidade: compreender o significado e experiências das pessoas para se obter detalhes ininteligíveis de fenômenos, como sentimentos, processos de construção de pensamentos, emoções, significados, valores, etc.

Vários foram os instrumentos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa de campo, como a observação direta que foi realizada através de visitas periódicas às praças, anotando-se os diversos tipos de usos nos locais; as entrevistas semiestruturadas com os usuários e moradores do entorno imediato. Também foram realizadas, entrevistas com alguns dos gestores públicos que tiveram relação direta com as revitalizações. Para além da revisão bibliográfica, utilizamos imagens antigas e atuais que possibilitam identificar significativas mudanças ou permanências durante as revitalizações. A utilização deste recurso contribuiu de forma significativa para as análises desta pesquisa.

As entrevistas foram realizadas com aqueles que, direta ou indiretamente, se vincularam aos projetos de revitalização, da concepção à execução, bem como seu público-alvo: gestores públicos (prefeito e secretários de planejamento urbano); técnicos envolvidos no planejamento, elaboração e execução dos projetos de revitalização das praças (arquitetos, engenheiros, gestores de obras, etc.), população (usuários, transeuntes, moradores do entorno imediato, turistas, etc.) e comerciantes formais e informais (ambulantes e fixos)[1].

Para este intuito, a Dissertação foi organizada com a seguinte estrutura: O Primeiro Capítulo, “Trajetos e andanças: a historicidades das praças”, traz inicialmente a descrição do processo de pesquisa, e em um segundo momento traz uma reflexão sobre a praça e sua morfologia no espaço urbano, onde apresentamos a cartografia histórica da praça. Abordamos, também, a relação entre desenvolvimento urbano/regional e a produção de espaços públicos nas

---

[1]Foi um total de 63 entrevistas realizadas entre usuários, comerciantes, moradores do entorno imediato e atores da gestão pública com atuação direta nas revitalizações.

cidades contemporâneas, finalizando o Capítulo com a temática sobre os Espaços públicos e Territórios. Neste capítulo estão apresentadas as principais características e conceitos para fundamentação dos objetivos desta pesquisa.

Já no Capítulo 2, “Tecendo a praça em seus usos: uma apropriação da pesquisa” trazemos uma elucubração sobre Campina Grande e a historiografia de suas praças, apresentamos a relação de Campina Grande com suas primeiras praças, trazendo uma reflexão sobre as dinâmicas e rugosidades das praças de Campina Grande.

O Capítulo 3, “As praças, suas permanências e suas Mudanças”, traz a pesquisa de campo e os locais escolhidos como objeto de estudo desta Dissertação, apresentando os dados coletados e suas respectivas análises.

A pesquisa espera corroborar não apenas com o entendimento da importância das dinâmicas espaciais, culturais e políticas existentes na cidade de Campina Grande, como também na importância da reflexão referente à participação dos atores sociais na apropriação dos espaços públicos.

1 - TRAJETOS E ANDANÇAS: A HISTORICIDADES DAS PRAÇAS

Neste primeiro capítulo trabalharemos a definição e as funções de uma praça a partir das literaturas sobre o tema e a representação que as praças tiveram em sociedades passadas, complementando sobre o significado das mesmas na atualidade a partir de sua cartografia.

1.1. Sobre o processo de pesquisa

A ideia de estudar as praças após a revitalização sob um viés social, ocorreu a partir de inquietações que me surgiram ao presenciar, em meus percursos diários, a ocupação desses locais, de forma mais intensa e numerosa, por parte dos citadinos. Questionamentos a respeito das reais necessidades da população quanto a configuração arquitetônica desses espaços e a importância de se inserir nesses lugares elementos que os usuários gostariam de ver e ter, foram os estímulos que insuflaram em mim a necessidade de realizar esta pesquisa. Por ter formação em Engenharia Civil, sendo a minha voltada primordialmente à importância da responsabilidade técnica e econômica dos projetos desenvolvidos, com pouca ênfase na questão social e desenvolvimento local.

Em minha primeira experiência como profissional de Engenharia Civil, indo residir em Boa Vista-RR, tive como primeiro trabalho, a construção de casas populares, através de um projeto social de demolição de casas de madeiras existentes em alguns bairros da cidade, que deveriam ser substituídas por casas de alvenaria. Houve uma ação conjunta da construtora executora das obras – na qual trabalhava - com a equipe de assistência social da Prefeitura da cidade de Boa Vista. Desta forma, durante o processo de demolição das malocas[2] e as construções das casas de alvenaria, foi oferecido às famílias acompanhamento e assistência pública. A partir desse projeto, percebi a importância social dos projetos que desenvolvíamos e que estes estavam diretamente ligados à tessitura urbana. Vejo, que através da realização dessa pesquisa, minha perspectiva no quesito social foi ampliada.

[2] É a forma como nativos da cidade de Boa Vista-RR denominam residências construídas com madeiras e que geralmente possuem um cômodo único onde todas as atividades são realizadas pela família que ali reside.

O processo da pesquisa se deu, inicialmente, pela composição da fundamentação teórica, bem como da busca por compreensão dos elementos que norteiam as dinâmicas de uso e apropriação das praças. A revisão da bibliografia, se deu de forma que se pudesse possibilitar o diálogo entre teoria e pesquisa. Trabalhamos também com o recurso da imagem fotográfica de modo a proporcionar um aprofundamento das análises das praças, por se tratar de um precioso documento sobre as ações temporais e acontecimentos sociais. Em nossa pesquisa, o uso da imagem procura contribuir para as reflexões-como elemento de resgate histórico

A pesquisa de campo foi composta por dois processos: observação direta, através das visitas às praças no período da pesquisa- e entrevistas semiestruturadas que abordam os tipos de usos das praças pela população. Os entrevistados escolhidos são comerciantes (formais ou informais), moradores do entorno imediato e também atores da gestão pública, dentre eles o Prefeito, o Secretário de Obras, o Arquiteto e o Administrador da Praça da bandeira.

As entrevistas realizadas foram do tipo *semiestruturadas, ou seja,* utilizamos um roteiro pré-estabelecido (Apêndice), mas de forma bastante flexível para que possibilitasse um tom de conversa entre os entrevistados e o entrevistador, sendo realizadas durante o período de visitas as praças na pesquisa de campo. Em sua totalidade, foram 63 entrevistas.

Na Praça da Bandeira foram entrevistados um total de 10 (dez) usuários da praça (estudantes, dona de casa, professor, sem profissão, vendedor, comerciante), 3 (três) moradores do entorno imediato (Freira que reside na Escola Damas – coordenadora - e moradores do Edifício Lucas – estudante e aposentada) e 4 (quatro) comerciantes. A faixa etária está entre 18 e 68 anos, sendo 7 (sete) homens e 10 (dez) mulheres. No que se refere ao nível de escolaridade são 3 (três) entrevistados com nível fundamental, 10 (dez) com nível médio e 4 (quatro) com nível superior. Na Praça Francisco Pinto foram entrevistados 8 (oito) usuários (estudantes, professor, funcionário público, dona de casa, sem profissão –desempregado-), 5 (cinco) moradores do entorno imediato (donas de casa, engenheiro, aposentado, pesquisador) e 4 comerciantes. A faixa etária está entre 19 a 72 anos, sendo 10 (dez) homens e 7 (sete) mulheres. No que se refere ao nível de escolaridade são 2 (dois) entrevistados com nível fundamental, 11 (onze com nível médio e 4(quatro) com nível superior. Já na Praça do Cascudo foram entrevistados 6 (seis) usuários (dona de cada, estudantes, professor, aposentado, engenheiro), 5 (cinco) moradores do entorno imediato (dona de casa, vendedor, enfermeira, aposentados) e 2 (dois) comerciantes. A faixa etária está entre 22 a 65 anos, sendo 8 (oito) mulheres e 5 (cinco) homens. No que se refere ao nível de escolaridade são 4 (quatro) entrevistados com nível

fundamental, 6 (seis) com nível médio e 3 (três) com nível superior. Na Praça 13 de Maio foram entrevistados 5 (cinco) usuários (donas de casa, empresário, lojista, enfermeiro), 2 (dois) moradores do entorno imediato (aposentado e estudante), 3(três) comerciantes, o pároco atual da Igreja que fica em frente à praça e o pároco responsável à época da revitalização. A faixa etária está entre 25 a 74 anos, sendo 7 (sete) homens e 3(três) mulheres. No que se refere ao nível de escolaridade são 1 (um0 entrevistado com nível fundamental, 4 (quatro) com nível médio e 5 (cinco) com nível superior. Dentre os integrantes da Gestão Pública foram entrevistados o Prefeito Romero Rodrigues, o Secretário de Planejamento André Agra, o Arquiteto da PMCG Gustavo Araújo e o Administrador das Praças do Bairro do Centro.

A experiência das entrevistas foi interessante, pois pudemos observar o quanto muitos dos entrevistados gostam de discutir sobre espaços públicos. Em algumas situações, já no final da pesquisa de campo, alguns usuários das praças, chegaram a nos procurar pedindo para serem entrevistados, o que nos passou a impressão de uma necessidade por parte da população de exprimir suas opiniões, de forma que pudessem contribuir para uma melhoria desses espaços e assim, serem melhor assistidos.

Uma outra experiência interessante foi a de entrevistar os atores da Gestão Pública, sendo a maior dificuldade de acesso ao Prefeito Romero Rodrigues. Após inúmeras tentativas de encontros sem sucesso. Surgiu a ideia de ir ao seu encontro em um ato político onde o mesmo teve fala em palanque, para o anúncio da revitalização de uma nova praça no bairro do Centenário. Ao término do evento, sugeri que realizássemos a entrevista ali mesmo, dentro do veículo que o transportava, o que foi acordado. Quanto aos demais gestores entrevistados, tivemos fácil e rápido acesso em seus respectivos locais de trabalho. Durante as entrevistas, a percepção foi a ênfase das falas, que sempre convergiam em tons de publicidades políticas dos feitos do Prefeito Romero Rodrigues. Apesar de sempre atentarem a responder os questionamentos que fizemos, as respostas sempre convergiam, em algum momento, de forma ao que vinha sendo realizado pelo Prefeito.

Não houve uma ordem de escolha das praças a serem seguidas, nem horários previamente definidos. As visitas às praças foram realizadas entre o período de julho de 2017 a agosto de 2018, sempre atento a serem realizadas nos três turnos, manhã, tarde e noite, em todas as quatro praças escolhidas. Foram realizadas visitas em outras praças revitalizadas antes do período desta pesquisa, para que pudéssemos analisar se existe um padrão nos projetos de reforma. Pudemos constatar um padrão em alguns elementos presentes nos projetos de

revitalização, como por exemplo academias populares, lixeiras, passeios para a prática de atividades físicas e o plantio de árvores nativas, exceto na revitalização da Praça da Bandeira, onde houve alteração de alguns elementos como os tamanhos das jardineiras, troca de revestimentos de piso e alvenarias, a instalação de mesas de jogos, mas que não contemplou a instalação de uma academia popular[3], elemento sempre presente nas demais praças revitalizadas.

Durante as visitas as praças[4], os olhares dos usuários eram sempre curiosos para decifrarem o que fazíamos ali, a experiência era sempre diferente de local para local, a exemplo da*s visitas na* Praça do Cascudo, que nas primeiras idas os moradores locais estavam sempre comentando uns com os outros sobre a nossa presença. Esta praça foi apropriada pelos moradores do entorno, com pouca variação de usuários. Rapidamente nossa presença foi percebida, o que nos trouxe olhares atentos e curiosos. *"*O que será que ele veio fazer aqui?" Em alguns momentos, logo no início das visitas, os moradores que primeiro viam a nossa presença, logo contatavam outros moradores para virem observar. Esse foi um dos motivos que nos levou a escolher esta praça para a realização das primeiras entrevistas, pois houve um maior conforto para a continuidade da pesquisa.

Um segundo exemplo interessante ocorreu na praça Francisco Pinto, durante as entrevistas realizadas com os comerciantes, pois estes demostravam todo o tempo estar apreensivos com as observações da pesquisa. Ao serem abordados, todos questionaram o porquê das entrevistas, pois receavam serem expulsos da praça devido a alguns conflitos com moradores do entorno imediato. Também esteve inquieto o administrador da Praça da Bandeira quanto às nossas visitas, nos questionando para que estávamos realizando entrevistas e anotando dados da praça.

É importante ressaltar uma reflexão sobre a utilização do termo "revitalização". A palavra se refere às interferências realizadas nas praças de Campina Grande, termo este também utilizado pelos pela Gestão Pública diretamente ligada às obras e pela mídia local.

Ao analisarem o processo de transformação, alguns autores literários apontam que uma edificação ou um espaço público urbano passa pelo processo de reabilitação, requalificação,

---

[3] Cabe apontar que, como veremos mais à frente, a Praça da Bandeira não comportaria esse tipo de elemento por fatores como a localização da praça, pelo tamanho e variedade de elementos que já se encontram na praça, bem como pelas tipos de usos que se faz desta praça.

[4] Talvez por está portando de um kit pesquisador: prancheta, lápis e gravador.

renovação, e revitalização. Estes conceitos acabam por ter diferentes definições quando utilizado por autores como urbanistas, arquitetos, e pesquisadores, não havendo uma conceituação definida e padrão para ser utilizada. Contudo, entendemos que, apesar dos variados termos e conceitos que encontramos, a ideia central converge para uma mesma finalidade, que é a de valorar essas edificações ou espaços públicos por meio de intervenções. Decidimos utilizar os conceitos apresentado por Colvero (2010), de forma que possamos identificar cada modalidade de intervenção que esses espaços urbanos ou edificações passam, corroborando para uma melhor compreensão quanto à utilização do termo "revitalização" nesta pesquisa.

> (...) o conceito de *reabilitação* urbana foi construído na Europa na década de 1950 e se caracteriza como "política dirigida às áreas consolidadas da cidade para valorização de potencialidades sociais, econômicas e funcionais. (...) O patrimônio é incorporado como objetivo do planejamento físico territorial (...) e a manutenção das populações residentes é de responsabilidade do poder público", pois, a reabilitação das residências é tomada como a "ação que preserva (...) as tipologias, os volumes, os usos do solo e a composição social dos seus moradores"
> A *renovação* de cidades, por sua vez, se remete aos projetos de modernização do território, com mudanças na forma, nesse caso, "a renovação é sempre precedida à demolição de edifícios ou conjuntos" para que, em seguida, o espaço esteja renovado dentro das atuais perspectivas de modernização das infra-estruturas para atender as novas exigências tecnológicas das empresas e para a localização de investimentos econômicos.
> A *revitalização*, de modo geral, está mais ligada à dinamização cultural, turística e de consumo, com investimentos em projetos de reforma e embelezamento de fachadas dos prédios e dos espaços públicos, com segurança pública e lazer, a fim de retomar o efeito simbólico, da memória histórica do lugar, no cotidiano das pessoas que usam e ocupam o território.
> Quanto à *requalificação*, partimos do entendimento que, apesar de englobar os conceitos anteriores, remete-se à compreensão da dinâmica dos processos de (re) produção social do espaço e da realidade social do território vivido, no sentido de desenvolver projetos e planos para devolver e propor qualidade ao espaço físico e social em ambientes construídos. (COLVERO, 2010, p.39).

Assim, decidimos pelo uso do termo revitalização nesta pesquisa, por ser utilizado sempre pelos atores da Gestão Pública da PMCG, e buscamos conceituá-lo de acordo com que diz Colvero (2010). Enfatizamos também a dinamização que o espaço, após intervenções, pode adquirir *seja* no âmbito cultural, turístico ou de consumo.

1.2 A praça como elemento relevante no espaço urbano

Nesse momento, faremos um resgate literário sobre os conceitos e definições que os sociólogos, arquitetos, urbanistas e estudiosos dos espaços urbanos trazem sobre a praça, bem como algumas reflexões sobre a importância desse elemento urbano no contexto das cidades.

Os conceitos, as tipologias e as funções da praça são descritos por alguns autores que estudam esse espaço urbano de grande relevância no contexto das cidades que, apesar de serem inúmeros, é possível perceber que a maioria dos autores culminam em um ponto comum, concordando em conceituá-la como um espaço público urbano de grande relevância para as cidades. Abordaremos essas definições, para que de forma significante possam contribuir com um melhor aprofundamento no entendimento da importância desses espaços no meio urbano.

A definição de praça para Pinto (2003) é:

> Definimos praça como um espaço público aberto, construído ou adaptado a um vazio urbano, ou até mesmo aberto no meio do espaço urbano, e que tem seu uso definido – não apenas a partir da análise do entorno ao qual está inserida, ou dos prédios que compõem o conjunto da praça- mas também pela análise da tipologia adquirida em função da topografia e do seu entorno. (PINTO, 2003, p.26)

Neste mesmo contexto, Robba e Maceddo (2010) define a praça enfatizando a sua importância no contexto urbano bem como a função que ela tem para a cidade: "Praça são espaços livres de edificação, públicos e urbanos, destinados a lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos."

Durante a pesquisa de campo alguns significados sobre a praça, também foram descritos pelos entrevistados, os quais vejo com importância para esta pesquisa, como podemos verificar abaixo:

> "Arejar! É um local especial pra pensar. Praça é um local que quem inventou, inventou para as pessoas vim, fazer, repensar as ideias, colocar as ideias em dia né?" (Praça do Cascudo– Usuário da praça)

> Uma praça é um espaço de convívio, de convivência, de encontro de reencontros, *onde exatamente as pessoas passam a viver de forma um pouco diferente*. Se você for observar *o que era Campina no passado e o que é Campina* agora inclusive com a implantação do Mexe Campina, a gente implanta a praça, as vezes coloca uma proteção, onde as pessoas podem fazer uso desse Programa Mexe Campina que ele trabalha exclusivamente a questão da saúde preventiva, do condicionamento físico, da melhoria da qualidade de vida, viver mesmo numa idade um pouco mais avançada de forma saudável, e acho que foi realmente um diferencial muito grande na cidade, por isso que *a gente avançou bastante na quantidade de praças que foram edificadas em Campina Grande, porque as pessoas passaram a ver isso assim como,*

> *exatamente algo novo, inovador*, e que de fato veio para melhorar a qualidade de vida de cada comunidade dessa que foi beneficiada. (Romero Rodrigues – Prefeito de Campina Grande). (Grifo nosso)

Podemos observar que a percepção da praça, tem muitos elementos em comum, a exemplo de, a praça como espaço público propício para o encontro de pessoas, o encontro do diverso, do diferente, espaço para ser ocupado pelos citadinos pelos mais variados tipos de dinâmicas de uso.

Ainda nesse contexto o então Secretário de Planejamento de Campina Grande, André Agra, diz que "o grande conceito que está por trás disso é, criar ambientes de vivência, de lazer, e de prática de esportes (...) No fundo *as praças é um investimento de saúde*, porque as pessoas se divertem mais, praticam esportes e tem menos violência, o impactam é na saúde." (Grifo nosso).

Sobre a sua forma arquitetônica, a praça adquire algumas classificações, citadas por alguns autores, que levam em consideração a forma da praça e/ou as territorialidades apresentadas por elas no contexto do espaço urbano nas cidades.

A exemplo disso, Krier (1975) apud KOSTOF, 1992, p.147, classifica as praças quanto a sua tipologia em quatro grupos distintos, caracterizando-as como: *praças retangulares* (com alguma variação, tendo os cantos chanfrados); *praças ortogonais*; *praças circulares* (tendendo algumas vezes a ovais); *praças triangulares*; *praças angulares*; *praças com sistemas geograficamente complexos.*

Essa tipologia, em alguns casos, é influenciada por alguns fatores como a topografia do terreno, a disposição das construções já existentes, e também da função a ser exercida dentro do contexto urbano em que a praça está ou será inserida, tendo esses fatores relevância a serem considerada no estudo e planejamento para a criação de seu projeto, que contribuem para as possibilidades de apropriações e territorializações que podem ocorrer no local. Os tipos de praças em função da sua tipologia, tipos de uso ou os tipos de edificações existentes em seu entorno são mencionados por alguns autores, que as caracterizam de acordo com esses elementos.

Kostof (1992) diz que as antigas funções dadas às praças, foram a de mercado e a dos centros cívicos. Ele destaca a ágora grega (praças públicas das cidades gregas) como exemplo de um centro cívico e que em alguns momentos a praça do mercado e do centro cívico se

confundia em um mesmo local, mas que com o crescimento das cidades a separação dessas funções foram sendo particularizadas.

Pinto (2003) afirma que, a caracterização da *praça do mercado* se dá pela sua tipologia e uso, sendo uma praça aberta onde às pessoas se reuniam para a troca, venda e compra de mercadorias, além de outros serviços oferecidos e que a partir do século XVIII, foram sendo substituídas pelos mercados cobertos, ainda é possível encontrar algumas dessas praças com essa configuração, em alguns centros urbanos menos populosos.

Com relação a *praça cívica*, Pinto (2003), ressalva que o seu conceito se dá pelo fato de seu entorno ser marcado por importantes prédios públicos, o que a torna palco para as exposições públicas de poder. Algumas praças com esse tipo de uso ainda podem ser encontradas, sendo, também, utilizada com outras finalidades como a de encontros de negócios. Kostof (1992) afirma que a partir do século XIX, a praça cívica dispersa suas energias em diversas outras praças.

Outros tipos de praças são ressalvados por Kostof (1992):

A *praça das armas*, que servia como demonstração de poder e repressão para a população. Sendo praças de dimensões maiores com a presença de um monumental símbolo de poder localizado no seu centro geométrico. Enquanto a população utilizava a praça para se expressar, o poder da gestão pública a usava, também, para reprimir estas expressões. Kostof (1992) ressalva que praças de grandes dimensões e abertas, proporcionando grandes concentrações de pessoas, trazem por trás a ideia da facilidade de dominar o povo concentrado em um único grande espaço.

Já *praça dos jogos* é uma praça que surge a partir dos novos hábitos adquiridos pela população. Kostof (1992), afirma que são considerados os mais inocentes espaços públicos, sendo de fundamental relevância a morfologia arquitetônica a ser utilizada. Alguns exemplos dessas praças podem ser citados como, os anfiteatros romanos construídos para os jogos de gladiadores e na Renascença a Piazza Del Campo, em Siena, para os pálios italianos (corrida de cavalo). Nos dias de hoje, podemos encontrar em algumas praças, alguns elementos que propiciam e estimulam a prática dos exercícios físicos, com a instalação de equipamentos de ginástica, pistas para caminhar e correr, e ciclovias, atividades que ganham ênfase e são praticadas na vida contemporânea.

Kostof (1992) conceitua ainda, a *praça de tráfego*, como sendo uma praça isolada no meio de um cruzamento de ruas movimentadas e sua função se dá, unicamente para a ordenação

da circulação dos veículos em um determinado local, também como espaço utilizado pela população para atravessar as ruas e/ou avenidas abertas na malha urbana.

Uma outra tipologia também citada por Kostof (1992) são as *praças residenciais*, construídas em função dos quarteirões residenciais cujas aberturas se davam para pátios internos, limitando-as das ruas. Pinto (2003) ressalva que esse tipo de praça foi construído em grande número, no período Renascentista (século XVII), nos palácios reais, alguns exemplos também são encontrados nos Palácios Franceses, cujo objetivo, era intencional proporcionando a segregação social, separando a elite do povo. Algumas diretrizes municipais de planos urbanísticos das cidades contemporâneas, já solicitam a demarcação, em loteamentos residências, de quarteirões ou áreas que possam ser utilizados para a construção de espaços urbanos públicos como praças.

Para uma melhor análise do objeto de estudo deste trabalho, definimos a partir de Kostof (1992), a *praça lúdica*, como sendo a praça destinada a concentração da população para o lazer, diversão e cultura; o conceito de zona de passagem, espaços destinados para a passagem de transeuntes em direção aos seus destinos, não havendo a permanência dos mesmo na praça e por fim a *zona temporal*, praça utilizada como terminal para o transporte público coletivo da cidade, cujo o tempo de permanência do citadino, é estabelecido exclusivamente pelo tempo de chegada e saída dos transportes públicos.

Kostof (1992) ressalva da importância de um bom planejamento para a revitalização das praças nos dias de hoje, com vista aos tipos de usos previstos para a praça no contexto contemporâneo, bem como programas de incentivo para o uso da praça pela população, que com o advento e disseminação do “não lugar” como os shoppings centers, têm, apesar de serem menos utilizadas, ganhado mais espaço nas cidades contemporâneas.

Para Jacobs (2011), alguns requisitos são importantes para que as praças e os parques públicos, tenham vitalidade, enfatizando que, a existência por si só de um parque ou de uma praça, em um espaço urbano público qualquer de uma cidade, não é garantia de vitalidade para si mesmo e nem para o seu entorno. Afirma que, para que um parque em um bairro funcione, é preciso que quatro elementos estejam presentes: complexidade, centralidade, insolação e a delimitação espacial.

> A variedade de usos dos edifícios propicia ao parque uma variedade de usuários que nele entram e dele saem em horários diferentes. Eles utilizam o parque em horários diferentes porque seus compromissos diários são

> diferentes. Portanto, o parque tem uma sucessão complexa de usos e usuários. (JACOBS, 2001, p. 105)

A respeito desses quatro elementos, Jacobs (2011), define que a complexidade se refere à diversidade de usos e de pessoas que este espaço deve ter em seu entorno, conferindo ao parque ou à praça, a diversidade de horários e de finalidades para a sua utilização. Outro fator vinculado à complexidade é a riqueza espacial, concebida por elementos como, disposição das árvores, diferenças de níveis, perspectivas variadas – dependendo de onde o observador esteja na praça ele não visualiza uma ideia única da percepção da paisagem – visuais interessantes, dentre outros elementos. Com relação à centralidade, afirma que é necessário existir um elemento espacial central, ou que se apresente em hierarquia superior aos demais, servindo como referência no espaço da praça, atuando como polarizador dos usos e da legibilidade do espaço, servindo como referência central da praça por todos os usuários. A respeito da insolação, enfatiza a importância de áreas com incidência solar. Quanto à delimitação espacial, evidencia que as praças/parques devem ser conformadas por edificações em seu entorno imediato, e não ser configurados a partir de espaços derivados de sobras de áreas formadas pelas composições das localizações dos edifícios. "É preciso que as praças possuam delimitação espacial fornecida pelos espaços edificados ao seu redor."(Jacobs, 2011)

Lima (2000, p.195) ressalta que desde a ágora da Antenas antiga até os nossos dias, uma das funções da praça pública tem sido a de mesclar e diversificar atividades. Contudo, a praça, apresenta-se como elemento relevante no espaço urbano das cidades, por proporcionar as mais variadas possibilidades de usos que em seu contexto histórico têm sido influenciados pelas formas ou disposições em que está inserida. Logo, referenciaremos uma breve cartografia das praças em determinadas épocas, para que possa contribuir de forma significativa, de acordo com as suas tipologias e funções que perpassam a sua história, os atuais significados, composições e dinâmicas de usos das praças que serão analisadas nesta pesquisa.

Podemos entender a praça com um espaço que é vários espaços ao mesmo tempo, onde é possível encontrar o diferente a qualquer momento, espaço esse onde as contradições, que nela é possível de se encontrar, possam ser entendidas como algo construtivo, é o lugar onde as exclusões e as inclusões estão o tempo todo se encontrando, se cruzando, se misturando. Afinal será que em toda exclusão não é possível ter um pouco de inclusão? E em toda inclusão existir um pouco de exclusão? Talvez em toda exclusão sempre possa haver uma resistência e um

pouco de inclusão e em toda inclusão haverá também um pouco de resistência e de exclusão. Assim é possível perceber, também, esse paço público urbano que é a praça.

1.3 Cartografia histórica da praça

A praça, em seu contexto histórico, sempre exerceu um papel fundamental no contexto social da população, assim, iremos resgatar uma abordagem cartográfica histórica da praça, possibilitando uma melhor compreensão de suas funções nas cidades contemporâneas a partir de seu resgate histórico. Assim, apresentaremos, a partir das literaturas existentes, a contextualização da praça em sociedades e lugares onde ela sempre esteve presente, identificadas como praças medievais, renascentistas e barrocas, até as praças mais contemporâneas, buscando ressaltar a sua efetivação no contexto histórico das sociedades. Iremos também abordar as primeiras identificações das praças brasileiras, as quais apresentam fortes relações com as tipologias das praças portuguesas.

1.3.1 Praças medievais[5]

Segundo Pirenne (1989, p.167,) a cidade da Idade Média, conhecida também como Fortaleza, é uma comuna vivendo do comércio ao abrigo de um recinto fortificado, gozando de um direito, de uma administração e de uma jurisprudência de exceção que fizeram dela uma personalidade coletiva privilegiada.

Para Morris (1992, p.98) e Delfante (1997, p.89), as cidades medievais teve seu crescimento através de cinco etapas: cidades de origem romana, os burgos, as cidades a partir das aldeias, as bastirdes e as novas cidades.

O traçado das ruas na cidade medieval mostra-se irregular, principalmente quando as cidades são adaptadas a uma tessitura já existente, não havendo um ordenação no aspecto real e visual. São cidades muradas e suas ruas são os elementos fundamentais da estrutura urbana, sendo projetadas para a circulação de animais de carga e para a circulação de pedestres. Geralmente as suas ruas são extensões do mercado, e/ou do mercado da praça, delimitando em sua continuidade os quarteirões.

---

[5] Relativo ou próprio da Idade Média. A Idade Média é um período da história da Europa entre os séculos V e XV. Inicia-se com a Queda do Império Romano do Ocidente e termina durante a transição para a Idade Moderna.

Para Morris (1992, p.108-111) a cidade medieval tem como os principais espaços públicos, a praça do mercado, marcada por serem cidades de cultura comercial, e a praça da igreja, devido a ascensão burguesa e suas contribuições para a construção de várias catedrais a partir do século XII. Sitte (1992) relata outra praça que compõe as cidades medievais, não menos importante, é a praça da prefeitura, onde as construções dos edifícios públicos enfatiza a presença do poder na cidade e afirma que o tipo de praça e a função por ela desempenhada, determinam tanto a sua forma quanto as suas dimensões.

Morris (1992, p.109) afirma que a morfologia das praças do mercado possui configuração própria, e em sua maioria tem-se uma figura com forma irregular, pois a prioridade está nos edifícios em seu entorno que por sua vez delimitam o espaço aberto destinado à praça. Na figura 1, podemos observar a Praça de Nuremberg na Alemanha, como exemplo de uma praça do mercado do século XII, cuja função se mostra bem definida com espaço destinado ao serviço, ao comércio, à troca, compra e venda de mercadorias etc. podemos observar no entorno da praça os edifícios que delimitam a praça.

Figura 2: Praça do mercado de Nuremberg (Alemanha)

Fonte: BENEVOLO, 1983, p.350

Segundo Delfante (1997) a praça do mercado é o tipo de praça mais conhecida, e sua composição geralmente contém como elemento arquitetônico como uma fonte e/ou um poço. Outra praça relevante nesta época, segundo Morris (1992), eram as praças de igreja que eram espaços ao ar livre em frente as igrejas, sendo local de encontro das famílias após as cerimônias religiosas e também, como lugar onde as pessoas de outras cidades costumavam deixar seus

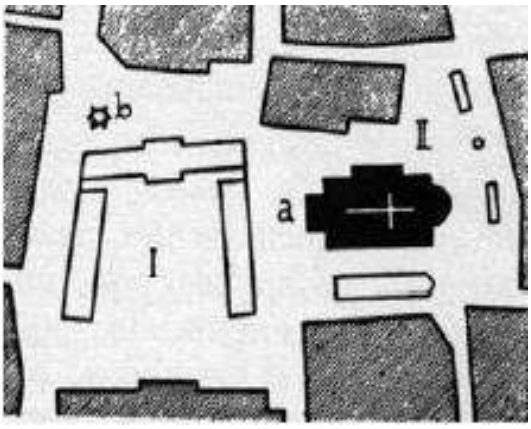
cavalos. Geralmente a praça do mercado, e/ou praça da prefeitura, e/ou a praça da igreja, são praças próximas uma da outra o que Morris (1992, p.110) define como “núcleo bipartido” e que Sitte (1992) denomina como conjunto das praças, composição característica das cidades medievais, tanto de cidades planejadas como as não planejadas, neste período.

É importante ressaltar algumas das características que compõem as praças das cidades medievais, que são citadas e consideradas importantes para Sitte (1992, p.35-74) conforme especificadas abaixo:

a) Centro livre - os monumentos estão dispostos de forma que o centro da praça se apresente livre, propiciando assim, a realização de eventos no local;
b) Coesão das praças – o entorno da praça apresenta-se fechado pelas fachadas de seus edifícios e pela disposição de seus monumentos, bem como a angulação das ruas, compondo uma coesão do espaço;
c) Dimensão e forma das praças – o tipo de praça (mercado, igreja ou prefeitura), define a forma e as dimensões de sua composição;
d) Irregularidade das praças – a naturalidade morfológica das praças estimula o interesse de quem a vê, ratificando o caráter pitoresco do conjunto;
e) Conjunto das praças – como relatado anteriormente, a proximidade das praças é característica das cidades medievais.

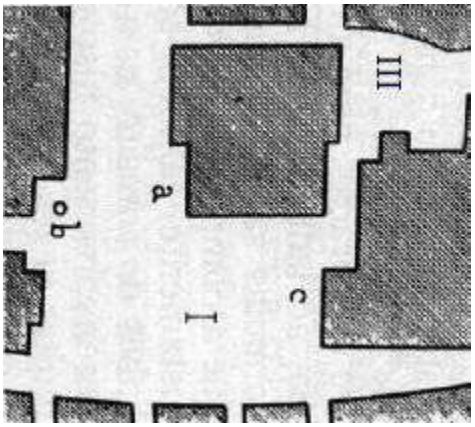
As figuras 3, 4 e 5 abaixo exemplificam essas características.

Figura 3:Cidade de Nuremberg



Fonte: SITTE, 1992, pp.37

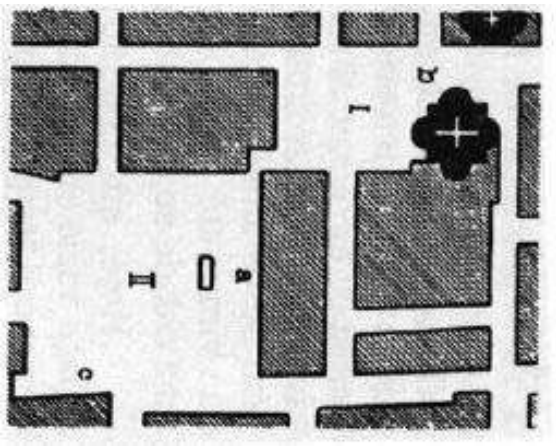
Figura 4:Cidade de Ruthenburg



Fonte: SITTE, 1992, pp.38

Legenda: (I-Praça do Mercado; II – Praça da Igreja; III – Praça da Prefeitura; a- Igreja; b – Chafariz; c – Bebedouro)

Figura 5: Cidade de Parma



Fonte: SITTE, 1992, p.48

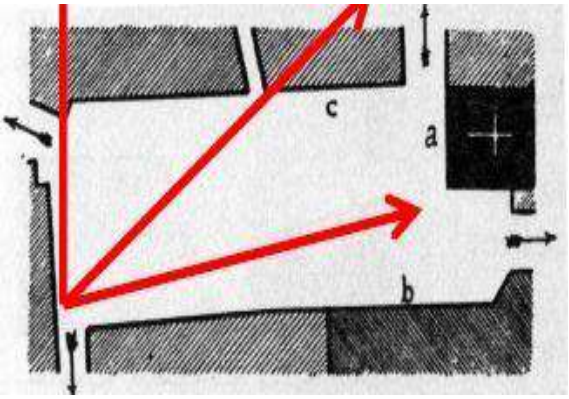
Legenda: I-Praça Menor; II Praça Maior; a – Palácio Comunal; b – Igreja; c – Palácio (Palácio Dela Podestesria)

Um fato interessante a ser mencionado na tipologia de algumas praças medievais, é quanto a coesão das praças, onde é possível observar na figura 6 e 7, a disposição das ruas que tangenciam as praças das cidades de Mântua e de Ravena, cuja visão de qualquer ponto da praça, não permite ao citadino que o olhar ultrapasse seus limites geométricos,

dificultando assim a identificação do que se há depois da praça. Sobre isto, Sitte (1992), analisa que:

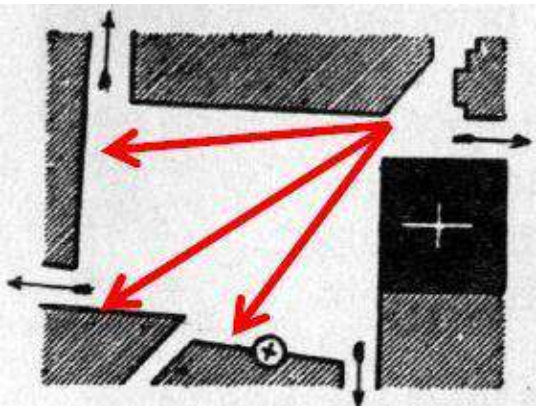
> (...) é fácil compreender que este tipo de orientação das ruas em forma de pás de turbinas representa a escolha mais oportuna, pois em qualquer ponto da praça se tem uma única visão para fora dela; portanto ocorre uma única interrupção no conjunto dos edifícios, de forma que a coesão de todo o contorno da praça parece continuar a partir de qualquer ponto dentro dela (...). (SITTE, 1992, p.49)

Figura 6: Cidade de Mântua



Fonte: SITTE, 1992, p.49

Figura 7: Cidade de Ravena

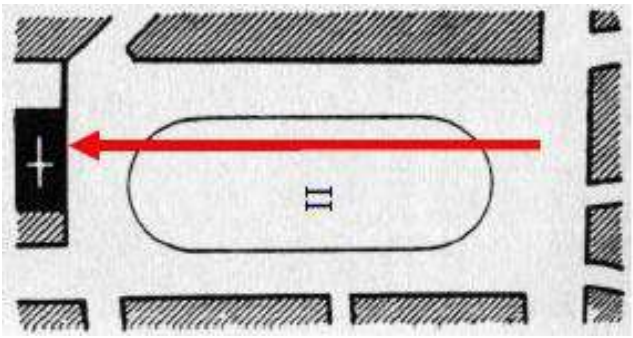


Fonte: SITTE, 1992, p.49

Uma outra característica, sobre a morfologia das praças, é especificada por Sitte (1992, p.56), que as categorizam de acordo com as suas dimensões diferenciadas tendo uma relação direta com a função da praça (praça de mercado, praça de igreja, praça de prefeitura): as praças

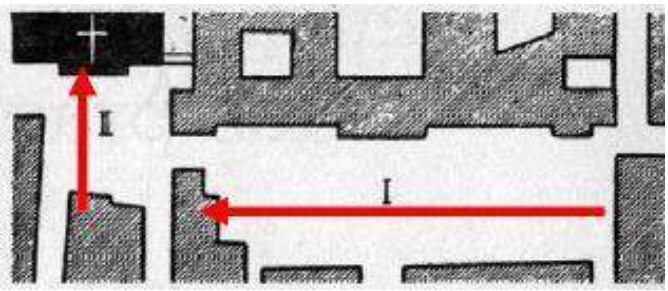
de largura e as praças de profundidade, cuja suas direções tem uma relação direta com os seus principais edifícios. As figuras a seguir, apresentam os exemplos dessa configuração, na cidade de Florença e a cidade de Módena, esses dois exemplos que caracterizam esse conceito, a praça de igreja como sendo a de profundidade e a praça real, onde há a presença dos prédios da prefeitura e que denomina a largura como dimensão principal, diferente da igreja sendo a altura é a dimensão principal, como sendo a de largura.

Figura 8:Cidade da Florença (Praça de Profundidade)



Fonte: SITTE, 1992, pp. 55

Figura 9: Cidade de Módena (Praça de Largura)



Fonte: SITTE, 1992, pp. 56

Outra observação interessante sobre as praças medievais são os elementos (monumentos) de composição decorativa da praça, que expressão imponência a praça. Sitte (1992) faz uma comparação entre as praças medievais e as praças do final do século XIV, quanto à disposição dos monumentos, cujo elementos estão dispostos no contorno das praças, proporcionando a centralidade da praça como uma área livre e aberta. Delfante (1997, p.96) enfatiza que, os monumentos são dispostos em pontos estratégicos, “de modo a criar diagonais,

eixos visíveis ou descontinuidade entre cheios e vazios", e conceitua-os como "mobiliário urbano". A figura abaixo apresenta a Praça Signoria, na Florença, mostrando a disposição dos monumentos decorativos.

Figura 10: Praça Signoria, Florença – Disposição dos objetos decorativos nas praças medievais.

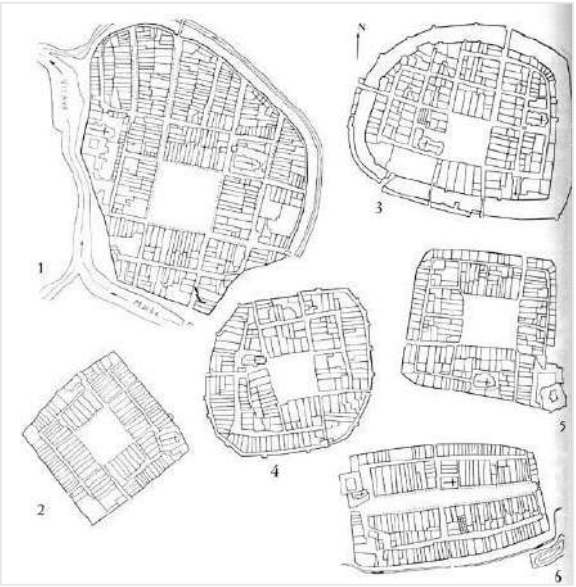
Fonte: SITTE, 1992, p.26

Segundo Sitte (1992, p.36) as cidades antigas usavam o "enigma do sentimento artístico, inativo e instintivo", e que, com o passar do tempo, vai desaparecendo este sentimento. Afirma ainda, que não há uma regra para a morfologia das praças, mesmo que exista uma descrição quanto a centralidade livre das praças, uma coesão entre elas, percepção quanto a forma, as dimensões e as irregularidades.

Entre o século XII e meados do século XIV, período chamado de Baixa Idade Média, novas cidades foram fundadas, seguindo um planejamento, podendo assim ser percebida a perda da espontaneidade do traçado urbano, descrita por Sitte (1992). Benevolo (1983, p.382) classifica-as como cidades lineares, circulares, radiocêntricos e em tabuleiro, por apresentarem formas variadas, sendo-as irregulares ou não, e enfatiza que nestas cidades existe uma facilidade em proporcionar uma harmonia e integração entre os espaços públicos e privados, por terem sido planejadas.

Benevolo (1983, p.396) diz que muitas destas cidades têm a praça como o centro e forma de desenvolvimento. A figura 5 exemplifica seis cidades a partir desse pressuposto.

Figura 11: Novas cidades do final da idade média – Tcheco-eslovacas (1-Budweis; 2-Novy Jicin; 3-Klattau; 4-Wodnian; 5- Morawska Trebova; 6-Domazlice).



Fonte: BENEVOLO, 1983, p.396

No entanto, podemos compreender que parte das praças medievais teve sua concepção em um contexto de uma estrutura urbana já consolidada, sem que houvesse um planejamento quanto a sua localização e morfologia. Delfante (1997, p.96) argumenta que o desenho da praça, encontra sua justificativa, no próprio traçado da cidade, cidade esta que precisa "ser durável, perene e permanecer sensível", favorecendo a sua morfologia irregular.

1.3.2 Praças Renascentistas[6]

A partir da Baixa idade Média[7], com o surgimento das cidades pensadas e planejadas, Delfante (1997, p.128) considera o "urbanismo da Renascença como uma evolução do urbanismo da Idade Média, que transforma o movimento cultural e social desde o século XIV". "A cidade que era livre e independente passa a ser a cidade-Estado" (PINTO, 2003; p.50).

O movimento Renascentista, surge na Itália, e seus pensadores buscam definir, em suas obras, a cidade ideal, através dos elementos métricos as proporções que proporcionam a

---

[6] Renascimento, Renascença ou Renascentismo são os termos usados para identificar o período da história da Europa aproximadamente entre meados do século XIV e o fim do século XVI.

[7] A Baixa Idade Média foi o período da história Medieval que vai do século XIII ao XV. Corresponde a fase em que as principais características da Idade Média, principalmente o feudalismo, estavam em transição. Ou seja, é uma época em que o sistema feudal estava entrando em crise. Muitas mudanças econômicas, religiosas, políticas e culturais ocorrem nesta fase.

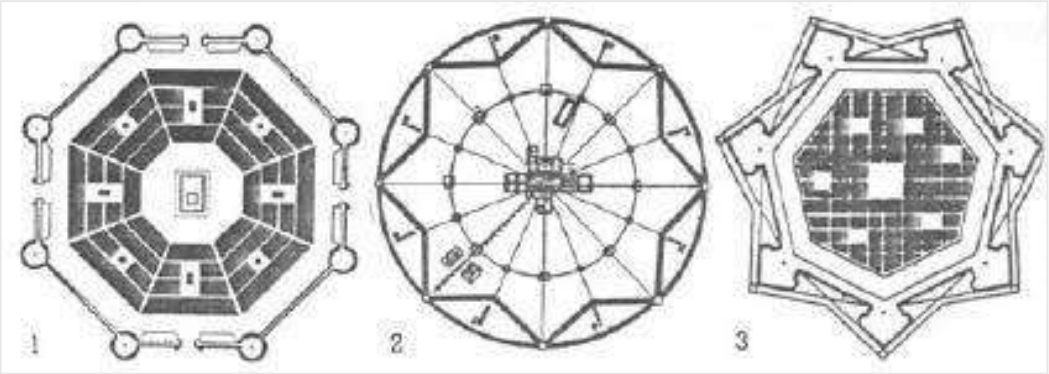
forma perfeita. Delfante (1997, p. 129) diz que “o objetivo real é o de mostrar ao público e, sobretudo, aos que tem o poder de decisão, graças a um domínio absoluto da perspectiva, concepções arquitetônicas susceptíveis de construir cidades perfeitas.”

Segundo Morris (1992) há três elementos primordiais que foram essenciais nos traçado das cidades renascentistas: a rua principal retilínea, os bairros vazados com o traçado reticular, e os recintos especiais, sendo estes especificados como:

> (...) os espaços destinados ao tráfego e formando parte da rede principal de vias urbanas, usada tanto para pedestres como por veículos; os espaços residenciais, pensados só para acesso pelo tráfego local aos edifícios e com o propósito recreativo; e, terceiro, os espaços para pedestres, nos quais é excluído o tráfego rodado. (MORRIS, 1992, p.182-183)

Apesar de serem cidades desenhadas e planejadas, as cidades renascentistas ainda permanecem construídas com muros em sua volta, contudo novos elementos arquitetônicos como rampas, baluartes, fossos, são inseridos sem perder a sua importância, as ruas agora são projetadas em traços retilíneos e sobre a ótica da perspectiva, buscando sempre uma harmonia com as fachadas das edificações, sendo forte o traçado reticular, como podemos observar na figura 12:

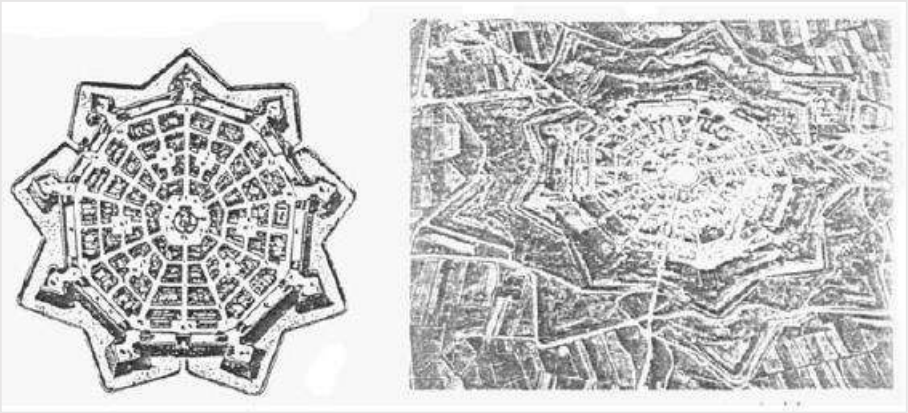
Figura 12: Cidades ideais Renascentistas (1-Cidades ideais descrita por Vitruvio; 2-Cidade Ideal descrita por Filatete, 3- Cidade ideal descrita por Pietro Cateano)



Fonte: LAMAS, 1989, p.169

A praça agora se torna o centro estrutural para onde as ruas retilíneas convergem e há uma predominância de modelos radio concêntricos nos projetos das cidades. A figura 13 apresenta esse modelo de desenho de cidade renascentista.

Figura 13: Cidade de Scamozzi – (1593 – Cidade projetada e construída – a esquerda o projeto e a direita vista aérea da cidade).



Fonte: LAMAS, 1989, p. 169

Delfante (1997) descreve o traçado desse modelo de cidade, cuja praça está situada concêntrica a sua forma geométrica.

> (...) a sofisticação geométrica que a beleza do desenho permite admirar sem, contudo o fazer compreender: as radiais que saem, por um lado, dos nove topos do eneágono e, por outro lado, do meio dos segmentos que os ligam, nem todas vão dar ao hexágono da praça central, cuja forma é acentuada por uma grande fonte com igual geometria. (DELFANTE, 1997, p.156)

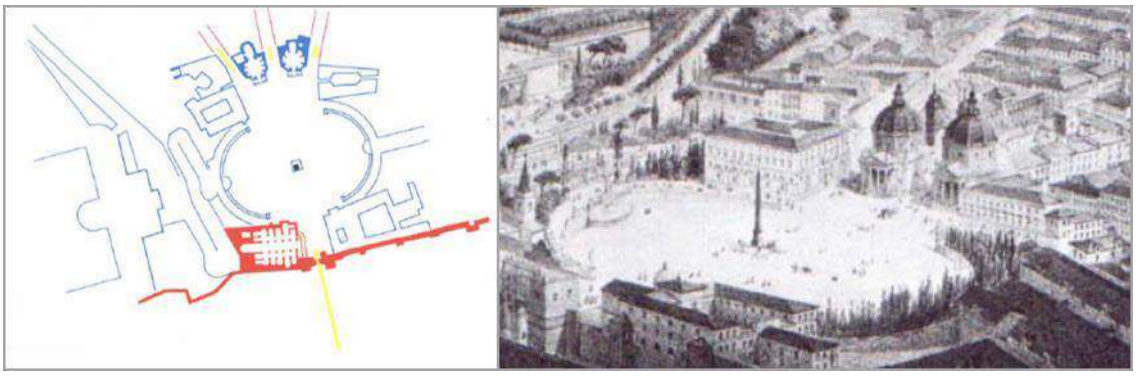
Comparando-se com as praças medievais, as praças renascentistas agora tem outra ênfase quanto a sua concepção dentro do conjunto dos elementos da cidade. As praças renascentistas já não surgem de um espaço vazio na estrutura urbana, sendo agora espaços criados para uma determinada função. Podemos então perceber a diferença entre a praça e o largo (praça seca) quando observados dentro do contexto urbano da cidade renascentista. Pinto (2003, p.53) enfatiza que quando os recintos ou lugares especiais passam a concentrar as principais edificações públicas, com valores político-social, funcional, simbólico e artístico, surgem às chamadas praças cívicas.

As praças renascentistas é um espaço onde acontecem as manifestações políticas, as festas públicas, as cerimônias oficiais, e eventos diversos. Sendo um elemento urbano ostentosamente decorado com monumentos, estátuas e obeliscos, sendo diferentemente das praças medievais quanto à disposição dos seus monumentos, agora dispostos em seu centro e

com a construção de edifícios isolados em seu entorno sem perder ainda a integralidade com os mesmos.

Para Lamas (1989) e Morris (1992) as praças renascentistas, são também referenciadas como recintos especiais, ou seja, os edifícios (religiosos, residenciais, o mercado e edifícios comerciais) presentes em seu entorno, ditam a funcionalidade da praça. Também se faz importante frisar a existência de recintos destinados ao tráfego, que possibilitam o ordenamento do trânsito e a integração entre a praça e as ruas. A exemplo, vide figura 14, podemos citar as primeiras intervenções realizadas na *Piazza Del Popolo*, que tinham como objetivo o ordenamento do tráfego.

Figura 14: Piazza Del Popolo – (a esquerda o projeto e a direita vista da cidade)

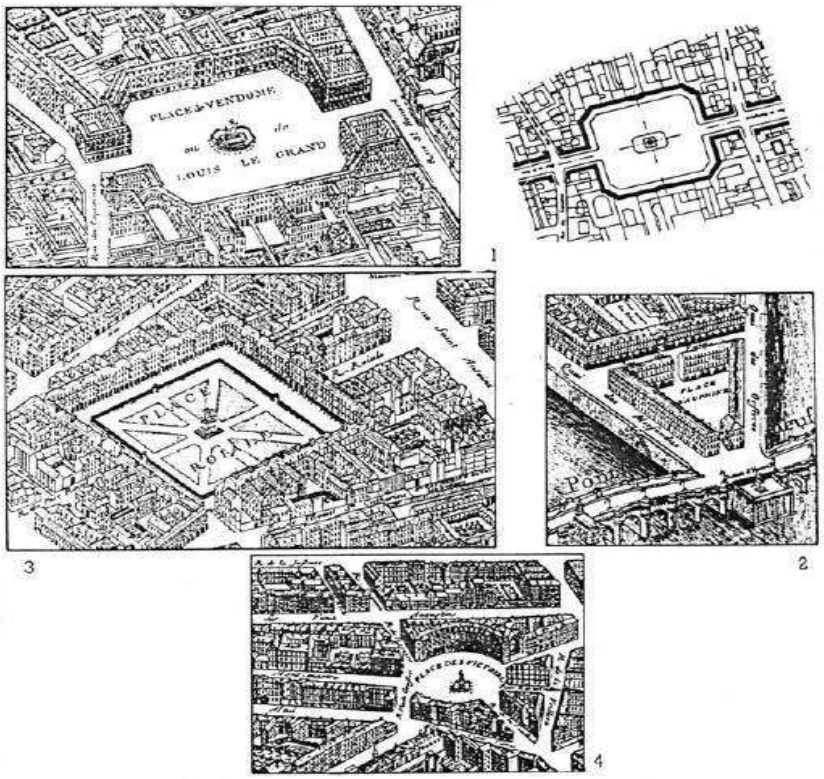


Fonte: BACON, 1995, p.154

Delfante (1997, p.168) relata que o indivíduo ao entrar pela Rua *Flamínia* (entrada monumental de Roma) observa que no eixo central da praça há a presença de um obelisco, ponto exato de convergência das três vias de circulação, que tem como objetivo ordenar as percepções visuais de acordo com o posicionamento do observador e as ruas que são perspectivadas corroboram para dá imponência as duas igrejas (Igreja *Santa Maria dei Miracoli* e Igreja *Santa Maria in Montesano*) presentes no entorno da praça.

Morris (1992) cita também, alguns modelos de praças residenciais desta época, cujo fechamento da praça é dado pelas residências, formando uma moldura para a estátua do Rei, com a finalidade de isolar a aristocracia do povo. Podemos observar na figura 15 modelos dessas praças, cujas intervenções vêm do período iluminista, onde as construções apresentam-se imponentes e o traçado em conjunto, limita o tráfego apenas para os residentes.

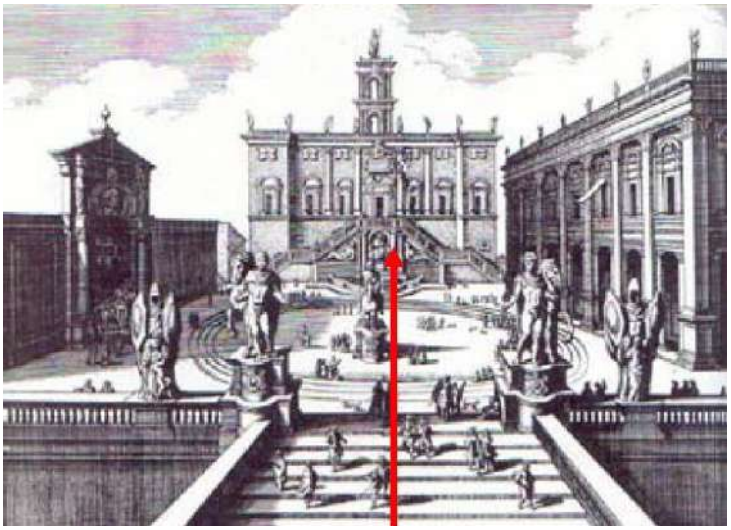
Figura 15: Praças Reais em Paris. (1-Place Verdôme; 2- Place Dauphine; 3- Place Royale; e 4- Place Victoires)



Fonte: LAMAS, 1989, p.175

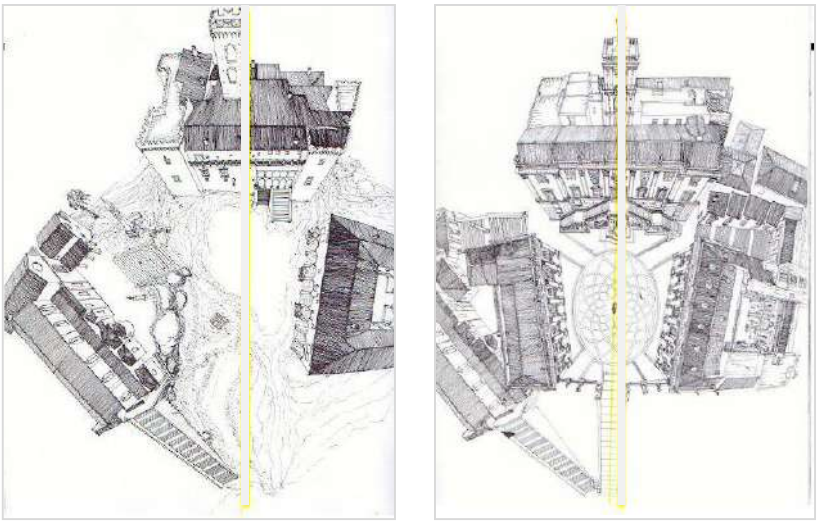
Lamas (1989) relata que há praças onde em seu entorno existem estabelecimentos públicos de grande relevância como edifícios civis, religiosos ou Reais, cuja circulação de veículos não é permitida. A Praça do Capitólio, em Roma, é um tipo de praça que exemplifica esse relação, praça e entorno, onde apenas a circulação de pessoas é permitida, sendo uma praça onde há apenas a existência de um acesso para pessoas, voltado para o *Palácio Del Senado* e sem ruas, não existindo assim tráfego conforme mostra a figura 16.

Figura 16: Praça Renascentista (reorganização do Capitólio – Roma)



Fonte: BACON, 1995, p.118

Figura 17: Praça do Capitólio (a esquerda, antes da intervenção e a direita, depois da intervenção)



Fonte: BACON, 1995, p.114 e 119

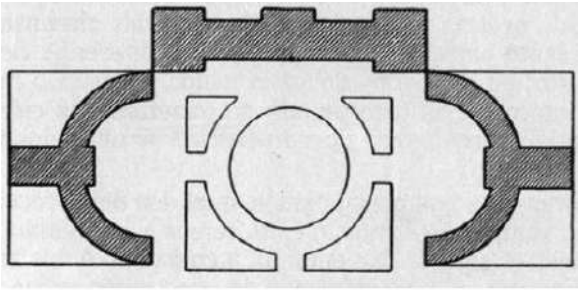
Segundo Bacon (1995), a Praça do Capitólio é um excelente exemplo de passagem da praça medieval para a renascentista, a qual podemos observar na figura acima (17) a configuração da praça antes e após a intervenção realizada, apresentando traçados renascentistas, cujos elementos inseridos apresentam uma nova escala, integração da arquitetura dos edifícios, disposição dos monumentos e a modulação.

1.3.3 As Praças Barrocas[8]

As praças do período Barroco, são marcadas por traços e figuras geométricas, bem como uma coesão em sua morfologia, apresentam também, as mesmas ideias renascentistas referentes às vias que se desembocam nas praças e os monumentos são dispostos em seu centro geométrico.

Como exemplos dessa coesão, Sitte (1992) destaca as praças das residências principescas do final do século XVII e do século XVIII, onde praticamente todas essas praças seguiam um padrão, tendo em sua configuração, um pátio aberto em uma de suas laterais e em todos os outros lados um fechamento. A figura 18 ilustra bem essa disposição.

Figura 18: Praças das Residências (Coesão estabelecida – abertura de um pátio em um dos seus lados e fechamento dos demais lados com conjuntos arquitetônicos).



Fonte: SITTE, 1992, p.89

Lamas (1989, p.179), diz que a praça e o seu traçado irão prover e necessitar de edifícios específicos para o seu desenho, numa conjunção recíproca de efeito cênico e monumental.

Segundo Lamas (1989), os traçados da composição urbana quarteirão e quadrícula, que ganham persuasão universal, sendo implantados em diversas situações morfológicas e topográficas, juntamente com as praças, monumentos e zonas arborizadas, compõe espaços urbanos definidos por edifícios e fachadas que perduram durante todo o século XVIII até o início do século XIX.

---

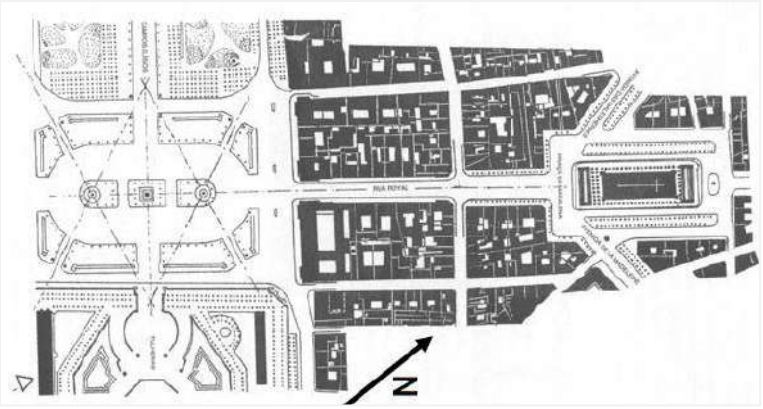
[8] Barroco é o estilo artístico que floresceu entre o final do século XVI e meados do século XVIII, inicialmente na Itália, difundindo-se em seguida pelos países católicos da Europa e da América, antes de atingir, em uma forma modificada, as áreas protestantes e alguns pontos do Oriente.

Morris (1992) diferencia o estilo de praças Barroco com o estilo Renascentista, relatando que, enquanto um valoriza a permanência e a imobilidade das coisas, o outro indica uma direção, dá movimento (onde as formas curvas também são inseridas). No Barroco os espaços configuram-se com a ideia do infinito, construídos através de seus governantes que buscavam, de alguma maneira, representar a "magnitude de suas atividades e a sua disponibilidade de recursos". (MORRIS, 1992, p.177-178).

Delfante (1997, p.178) diz que "a cidade pode ser aberta, ligada à paisagem e confundida por esta". Percebesse no período Barroco a ênfase que é dada com a composição morfológica dos espaços, levando em consideração a relevância das relações, as referências, as silhuetas, formas e diálogo do espaço com as demais partes da cidade.

Um modelo de praça - neste período Barroco - que traduz eficazmente essa ideia de espaços infinitos e a relação com as demais partes da cidade, é a *Place de la Concorde*, localizada em Paris. Como podemos observar na figura 19.

Figura 19: Praça da Concordia – Paris (1753)



Fonte: DELFANTE, 1997, p.223

Segundo Delfante (1997) sua configuração era limitada ao norte pelos palácios, ao sul pelo Rio Sena, a leste pela vegetação do Jardim Tulheiras e a oeste pela Avenida de la Reine e pelos campos Elísios.

1.3.4 As Praças no século XIX

Segundo Delfante (1997) é no final do século XVII, que a perspectiva renascentista e barroca deixam de ser enfatizadas. “Acabou-se a organização geométrica da cidade e dos esplendores da época clássica”. (DELFANTE, 1997, p.228)

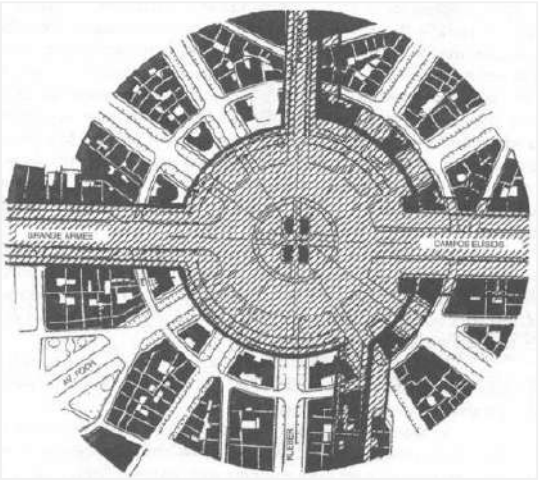
Lamas (1989, p.203), afirma que o traçado da cidade ainda continuara com as mesmas características tradicionais (as ruas, as praças, a avenida, as relações entre edifício fachada-espaço urbano, quadrículas), porem, seu crescimento se dá voltado para a periferia, cujo crescimento é acelerado, graças aos novos meios de transportes que facilitavam a locomoção.

Delfante (1997, p. 242-243), diz que neste período as praças passam a ser assunto de segunda ordem, como consequência do plano da cidade e destaca três tipos específicos de praça a partir desse pressuposto: as praças concebidas pelos arranjos setoriais ou do alargamento das ruas; as praças criadas pela expansão da cidade; e as praças construídas nos novos bairros. As praças passam a ser limitadas pela concordância com um eixo, pela simetria, pelo ordenamento e/ou pela posição central, sendo tidas como espaços sem uma função determinada, e podendo ser utilizada para qualquer coisa, configuradas como espaços livres, abertos com, apenas, a inserção de vegetação a sua composição.

Como exemplo desse modelo de composição urbana do século XIX, Lamas (1989, p.212) apresenta o plano de Haussmann, em Paris, onde “retalha a cidade segundo traçados que partem em feixes de praças ou cruzamentos”, e também o plano de Ildelfonso Cerdà para Barcelona com o objetivo de adequar a cidade aos desenvolvimentos dos meios de locomoção, sendo muitas vezes como um organismo complexo e integrador de vários sistemas viários (LAMAS, 1989, p.216).

A figura 20, apresenta a Praça D’Étoile reordenada por Haussmann em Paris, que teve como propósito a reorganização do tráfego no local, cujas doze vias se convergem, denominado por Lamas como feixes de praças e cruzamentos. Delfante (1997), diz que esta praça possui mera função de cruzamento e que o monumento posicionado no centro é possível ser visto por todas as vias.

Figura 20: Pace de D'Êtoile (atual Praça Charles-de-Gaulle)



Fonte: DELFANTE, 1997, p.273

Outro exemplo de intervenção na estrutura urbana da cidade foi realizada em Barcelona, figura 21, na qual foi executada o plano da grande extensão, utilizando-se a malha viária em quadrícula e do quarteirão. Constituído por Cerdá, esse plano rompe com a dogmática clássico-barroca, na medida em que a composição da rua, praça, parque, avenidas, "não se organizam obrigatoriamente a partir do perímetro dos quarteirões", prevalecendo então, "as potencialidades decorrentes da independência entre ruas, espaços urbanos e planos marginais dos edifícios". (LAMAS, 1989, p.221)

Figura 21: Traçado de Cerdá – Barcelona.

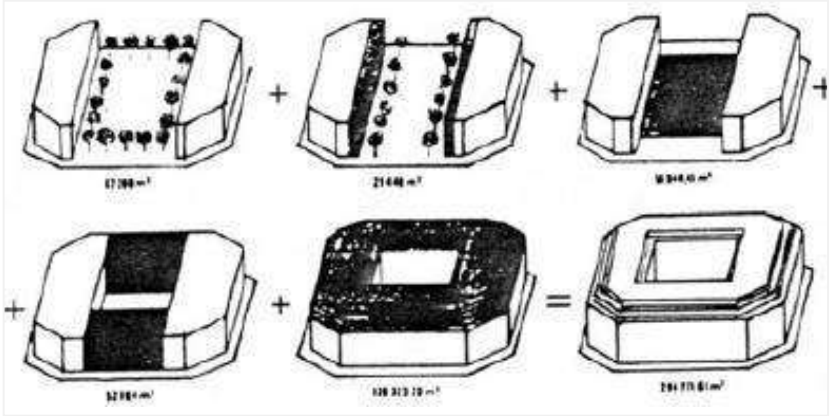
Fonte: PUIG, 1996, p.339

Lamas (1989) apresenta o plano em que Cerdá, em seu planejamento, traçou diagonais proporcionando um grande cruzamento, e relata que "as diagonais são desenhadas sobrepondo-se ao plano quadriculado e fazendo surgir quarteirões irregulares e outros largos ou praças"

(LAMAS, 1989, p.216-218). Para Delfante (1997), o marco desse plano encontra-se na relação da cidade existente com sua extensão dada pela praça monumental e pela grande avenida (*Ramblas*), como também na disposição dos espaços livres, que trazem a sensação de monumentalidade e organização em sua composição.

A figura 22, nos mostra a ideia inicial, onde os espaços livres no interior dos quarteirões tinham como objetivo serem utilizados como espaços públicos, mas devido à especulação imobiliária, esses espaços foram extintos, privatizados, tornando-se quarteirões completamente fechados, com aberturas apenas em seu centro, afirma PINTO (2003, p.64)

Figura 22: Evolução dos quarteirões.



Fonte: LAMAS, 1989, p.220.

Para Sitte (1992, p.100-128) a cidade do século XIX ficou desfavorecida ao desconsiderar a propositura artística nos planejamentos de seus espaços urbanos, bem como na implantação de seus equipamentos, pois a inserção de arte nos espaços públicos da cidade tem grande relevância pelo fato de grande parcela da população não ter acesso a grandes espetáculos artísticos devido ao custo elevado para se ver. A partir desse pressuposto podemos observar que a cidade dos séculos XIX passa a ser uma cidade voltada a praticidade e agilidade da vida moderna, desfavorecendo importantes aspectos de uma composição urbanística favorável ao bem esta da população.

1.3.5 As Praças no século XX (Modernas) e as Praças do século XXI (Contemporâneas)

Robba e Macedo (2010) diz que, no Brasil, a partir da segunda metade do século XX o crescimento urbano passa a ser uma realidade que exige novas adaptações a cidade antiga

devido a nova conjuntura vivenciada pelos núcleos urbanos brasileiros que teve um acelerado processo de explanação devido a implantação do modelo de produção industrial e a crescente atividade econômica. E um dos fatores que influenciaram a morfologia urbana dessas cidades, a presença mais massiva dos automóveis, e meios de transportes urbanos mais modernos, que exigia das ruas, uma maior largura para comportar o tráfego.

Outro fator importante citado por Robba e Macedo (2010) é a elevação do preço da terra urbana que se torna mais elevado em função da demanda maior que a oferta, que, por sua vez, tornou os espaços livres públicos e privados, antes encontrados com mais facilidades, sendo agora mais escassos. Ou seja, um dos fatores que levou a uma maior diminuição da quantidade dos espaços livres nas cidades brasileiras foi o adensamento da cidade, isso levou a uma valorização maior de espaços livres urbanos já existentes. No programa dos espaços públicos, como praças e parques, ainda predomina o lazer contemplativo. Eles enfatizam ainda que na primeira metade do século XX, houve a implantação de grandes áreas de lazer urbano, como parques públicos e clubes esportivos, e que neste período, também consolidou as praças ajardinadas, embora a ênfase maior estava na construção de parques e não de praças.

Robba e Macedo(2010) argumentam que na virada do século, a preferência na ideia da construção de loteamentos urbanos trouxe significativas alterações no modo de estruturação do espaço livre, onde, antes, as cidades coloniais que, apresentavam suas praças configuradas pelas edificações do entrono e que sem elas as praças perdiam seu significado, agora, na cidade ou bairro planejado, o traçado viário e o arruamento predeterminava a localização da praça, mesmo que sua estrutura morfológica viesse se configurar, depois de anos, pelos edifícios erguidos em sua volta. A necessidade de ruas para a passagem de veículos entre os edifícios do entorno e a praça, também alterou a relação com os citadinos trazendo outros significados a praça, nas cidades modernas.

Assim conceitua Robba e Macedo (2010), as praças do século XX, como Praças Modernas. Praças que adquirem sua morfologia em função das possibilidades de usos a partir dos padrões urbanísticos modernos que são aqueles que deveriam ser planejados funcionalmente, suprimindo as necessidades da cidade relativas a habitação, trabalho, lazer e circulação, sendo o lazer desde o século XX, um dos itens que o urbanismo moderno estabeleceu como de suma importância para o habitante urbano. Os espaços livres públicos se tornam uma das opções mais significativas de área de lazer do urbano, sendo objeto de estudos

pelos urbanistas e arquitetos, para configurar a morfologia dessas espaços quanto ao programa de atividades contemporânea.

Os parque e as praças passaram a englobar em seus programas o lazer ativo – principalmente as atividades esportivas e a recreação infantil – surgindo então nas áreas públicas, equipamentos como quadras para a pratica esportiva, brinquedos para a recreação das crianças dentre outros elementos que propiciaram a pratica de atividades ativas. Para Robba e Macedo (2010), o lazer ativo refere-se às práticas e os usos mais comuns assumidos no atual contexto nos espaços públicos, ou seja, diz respeito à capacidade que o indivíduo tem em participar de forma mais ativa da dinâmica dos espaços públicos. Podemos citar como exemplo, um grupo de praticantes de atividades físicas.

Robba e Macedo (2010) enfatizam que é neste período que os novos programas de uso, que englobam atividades de lazer ativo, juntamente com as novas tendências modernas, caracterizaram uma nova linha de projeto paisagístico denominada Modernismo. Dentro desse contexto, os parques são ratificados como polos de lazer urbano, e as praças se tornam presentes nos bairros, sendo tidas como elementos necessários para a vida da cidade, e não obstante tornam-se objeto de interesse político. Dependendo da localização, as praças adquirem várias e distintas funções, a exemplo, as praças centrais, que além de espaço destinado a lazer, servem também com um espaço articulador e centralizador da circulação de pedestres e as praças localizadas nas áreas habitacionais se consolidam como área de lazer além de servir a convivência dos moradores do entorno e do bairro, que as frequentam a fim de desfrutar de momentos de relaxamento e de tranquilidade, como espaço para atividades recreativas, atividades esportivas, locais para namorar e encontrar amigos.

Para Robba e Macedo (2010) “a praça é um espaço livre, que deve ser destinado ao lazer. O lazer contemplativo e o caráter de convivência social continuam sempre presentes; o lazer esportivo e a recreação infantil foram definitivamente incorporados, e o lazer cultural começou se manifestar com vigor no programa moderno.” Os espaços na praça moderna, foram projetados não apenas para o simples caminhar dos transeuntes, mas para a permanência dos citadinos. Outro tipo e uso, mencionado por Robba e Macedo (2010), é a utilização dos espaços públicos, como as praças, como palco de atividades de comercio e serviços, que lembra a tradição do largo colonial, usado como mercado ao ar livre, assim surgiram projetos de praças que utilizaram desses artifícios, o de comercio e serviços, para atrair usuários, propondo mercados, lanchonetes, lojas e até mesmo, instituições públicas na praça.

Robba e Macedo (2010), afirmam que no final do século XX os projetos de espaços livres começaram a adquirir, por partes dos paisagistas e dos arquitetos, principalmente os americanos, os espanhóis, os franceses e os japoneses, em cidades metrópoles novos conceitos devido ao aumento do número de pessoas e carros gerando uma série de problemas urbanísticos, inclusive quanto a escalada da violência, a degradação progressiva do ecossistema urbano e a qualidade de vida na cidade, além do difícil gerenciamento de complexo urbanos tão grandes. Assim, essa nova conjuntura urbana trouxe novos conceitos relativos aos programas de atividades dos espaços livres públicos urbanos, possibilitando assim, uma maior liberdade na concepção dos projetos que varia conforme o local de sua implantação. Em praças mais centrais os projetistas buscam utilizar de artifícios para facilitar o fluxo dos transeuntes com a inserção de elementos como grandes pisos e esplanadas de circulação.

As novas adaptações dos programas de concepção dos espaços livres urbanos, juntamente com os usos já consagrados como, contemplação, recreação infantil, atividades esportivas e culturais, convivência, se tornaram as propostas de ocupação mais recorrentes do final do século XX, caracterizando-se, assim, uma nova corrente projetual, a linha contemporânea. As concepções dos novos projetos se tornam mais livres, proporcionando umaa criação de projetos com variadas linguagens e formas. Robba e Macedo (2010) dizem que a ruptura com as regras e dogmas das linhas anteriores leva a uma vigorosa e fértil produção de espaços livres urbanos e enfatizam que os novos projetos têm como fonte de inspiração duas bases: a literatura especializada e as experiências isoladas de cada projetista.

Robba e Macedo (2010) ressaltam que é importante frisar quanto à forma dos projetos das novas praças, que se caracterizam por: revitalizações e restauros, reconfigurações e mudanças estruturais, colagem decorativa e irreverência, cenarizações, apresentando-se como um programa permissivo, aceitando novas interpretações e incorporando as formas de utilização já consagradas, observando a valorização dos usos que melhor se adaptam às necessidades urbanísticas da cidade contemporânea, surgindo assim a proposta de inserção de uso comercial e de serviços, direcionamento do uso dos espaços para passagens dos transeuntes mas, também, para a permanência dos usuários, a criação de espaços multifuncionais e adaptáveis, podendo ser utilizado pela população pelas mais variadas formas.

Um dos urbanistas de grande influência no planejamento urbanístico do século XXI, foi Le Corbusier. Bacon (1995, p.231) afirma que os projetos de Le Corbusier tiveram consequências relevantes na revolução da arquitetura. Em sua composição, seu conceito

preferenciavam locais cujo terreno fosse plano, como lugares ideias para se projetar as cidades, e seus edifícios deveriam estar elevados do solo, sendo-os suspensos por pilotis, e as construções desses edifícios como independentes uma das outras e a dissociação do edifício e o solo é considerado por Bacon (1995) como um desastre na arquitetura. Nessa composição a cidade era cortada por rodovias elevadas para o tráfego mais rápido, ruas que atravessam a grelha da cidade, pois para Le Corbusier, "a cidade feita para a velocidade é feita para o sucesso". (LE CORBUSIER, 1971, apud KOSTOF, 1992, p.233).

Em segundo plano estariam as praças, quando se tinham praças, e estavam situadas no tecido urbano de forma isolada e dissociadas de seus edifícios. Pinto (2003) diz que nessa época, são praças que seguem certas exigências da vida moderna, higienização e tráfego, sendo um local ocupado e não um simples arranjo urbano, situadas, muitas vezes em cruzamentos de grandes vias de circulação de automóveis, e em alguns casos como área para estacionamento.

Lamas (1989) argumenta que o urbanismo do segundo período pós-guerra (período do final da segunda guerra até os anos setenta), é feito de forma rápida, através de soluções práticas com o objetivo da reconstrução das cidades, sendo utilizados elementos e formas antigas na composição urbana, como arcos, frontões, janelas, colunas, quadrados, sendo as ruas, as praças e os quarteirões com formas sem a importância do conteúdo.

Ainda com base em Lamas (1989) sobre o desenvolvimento de produções literárias na Itália, após os anos 60, que rediscutiam a perspectiva da importância da imagem da cidade para o bem estar intelectual e social dos seus cidadãos, diz que em muito contribuiu para "chamar a atenção para a cidade histórica, para a presença da arquitetura no desenho da cidade e a reabilitação das formas urbanas tradicionais".

Sobre essa temática ~~e~~ Rossi (1991) aponta que "a arquitetura da cidade não é a arquitetura do edifício isolado, como na urbanística moderna", mas a importância de seus elementos (rua, quarteirão, praça, monumento) demonstra a perspectiva do entendimento da cidade. Krier (1995) considera a cidade "não apenas um espaço de arquitetura, mas ela própria é a arquitetura" (KRIER,1995, apud LAMAS, 1989, p.432), coloca ainda que a praça e as ruas são elementos fundamentais na composição da cidade, onde essa composição depende de um estudo oriundo de cada tipo e de suas variações.

Mais uma vez, Lamas (1989) utiliza do termo "novo urbanismo" para falar deste período. "O Novo Urbanismo encaminha-se para uma posição mais eclética e com maior

abertura aos contributos da História, mesmo os mais recentes, aí incluindo a reavaliação do moderno". (LAMAS, 1989, p.389-390).

Como proposta, o "novo urbanismo", utiliza-se de variadas formas e construir, reestruturar, o tecido urbano da cidade, Lamas (1989, p.293) comenta sobre a importância de resgatar a rua, o quarteirão, a praça e até mesmo os traçados, tendo em vista que tais aspectos respondem aos problemas contemporâneos em torno das questões da forma urbana.

> O "Novo Urbanismo" tem em comum com a "urbanística formal" a mesma vontade de continuação com os espaços da cidade antiga, reconhecendo o valor do desenho na produção da cidade, aí recolocando a arquitetura como disciplina no complexo sistema de produção do espaço. (LAMAS, 1989, p.293)

Para Kostof (1992, p.172-187) as praças que compunham as cidades antigas estão morrendo, e adquirindo diferentes conceitos e interpretações aos espaços públicos. Atualmente, alguns urbanistas tentam reproduzir nos espaços urbanos contemporâneos, antigos modelos de praças, e/ou, a inserção de praças abertas em espaços privados como os shoppings, buscando introduzir as mesmas funções (lugar de encontro, esculturas, lugar para relaxar, conversar, descansar etc.) das antigas praças.

1.3.6 Praças Portuguesas

Pinto (2003) relata que nas cidades portuguesas medievais, planejadas ou não, não havia a presença de praças estruturadas, existindo apenas, poucos espaços na periferia do tecido urbano, que serviam para esta função, praça. Teixeira (2001), identifica que as praças existentes em Portugal, eram de grande relevância no traçado urbano dos centros portugueses.

> A diversidade das praças, no que respeita às suas origens, às suas funções, às suas formas e às suas relações com outros componentes dos traçados urbanos, bem como os seus diferentes processos de crescimento e estruturação, constituem importantes referências para a compreensão das principais fases do urbanismo português e para a compreensão da identidade portuguesa em diferentes momentos históricos. (TEIXEIRA, 2001, p.9)

Outro importante ponto destacado por Teixeira (2001) é a diversidade de tipos de praças no urbanismo português, dentro de um mesmo centro urbano, atreladas a diversidade das funções. Sendo as praças configuradas no tecido urbano a partir de cruzamentos ou entroncamentos de caminhos, e neste último caso com formas variadas, mas quando planejadas quase sempre adotam a forma ortogonal.

No final do século XV e início do século XVI, as praças sofrem um processo de estruturação e ordenação, adquirindo regularidades em seu traçado, sendo praças que emergem a partir da regularização de espaços existentes ou pela reconfiguração de malhas urbanas já existentes. Pinto (2003) afirma que, em alguns espaços religiosos, por volta do século XVI, ainda é possível encontrar algumas praças geometricamente regulares, em formatos retangulares ou quadrados, sendo essa geometrização expandida para o traçado erudito, civil ou militar a partir do século XVII.

> No século XVII, a praça regular, de forma quadrada ou retangular, centrada na malha urbana, torna-se modelo dominante, correspondendo ao culminar do processo de crescente racionalidade e regularidade dos traçados urbanos portugueses, em que a praça, construída de acordo com uma estrutura geométrica regular, adquire cada vez mais um papel estruturante e se torna um elemento fundamental de qualquer novo traçado urbano. (TEIXEIRA, 2001. P.15)

Pinto (2003), ressalva que a reconstrução de algumas cidades de Portugal, como Lisboa, foi estruturada a partir do *Tratado da Ruação*, por volta do século XVIII, anterior à era Pombalina, que regulava os quarteirões, as ruas, as praças, e seus traçados eram harmônicos e se baseavam nos princípios da Geometria Sagrada que associa a astronomia, a aritmética e a geometria. As cidades eram classificadas de acordo com o sua importância, influenciando assim, nas dimensões das praças que deveriam ser quadradas e sempre está no início do traçado.

Gomes (2001, p.203-207), analisa que as praças das cidades portuguesas fortificadas, eram de três tipos: a principal – de armas – localizada no centro das fortificações, e seus lados sendo paralelos as suas laterais; e dois outros tipos de praças menores: retangulares no final das ruas de traçado reto, e quadradas, nos encontros das ruas transversais.

Após o terremoto de 1755, a Praça do Comércio, na figura abaixo, na cidade baixa é reconstruída, e seu entorno e limites é composto por importantes edifícios públicos como a Câmara Municipal, os Correios e a Alfândega, já em seu centro há um monumento, que segundo Delfante (1997) é uma estátua que fornece a escala e a posição do conjunto.

Figura 23: Praça do Comércio – Lisboa.

Fonte: MORRIS, 1992, p.276.

Assim como nos demais países da Europa, a partir do século XIX, há o surgimento de novas praças, que posteriormente serão substituídas por jardins ou rotundas com o objetivo de organizar o sistema viário. Teixeira (2001) relata que algumas praças permaneceram ainda nos antigos núcleos das cidades.

1.3.7 Praças Brasileiras

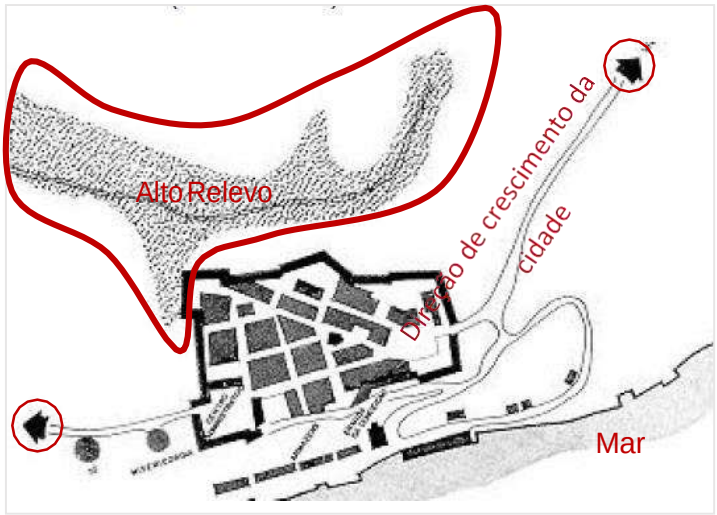
Segundo Pinto (2003, p.78), no período da colonização do Brasil, surgiam na Europa novas concepções do projeto ideal para urbanização e que foram reproduzidos em Portugal e em suas colônias réplicas de suas cidades. Veríssimo (2001) diz sobre isso, que:

> No início da colonização, os portugueses reproduziram em nossas terras seu ideário acerca da construção de suas cidades ou vilas, inclusive sua imagem. A defesa da colônia e o subsequente contato com a metrópole eram prioridades. Por esta razão, as principais embocaduras e deltas dos rios, e baías estratégicas, capazes de oferecer portos seguros, foram gradativamente ocupados pelos "caranguejos lusos". (VERÍSSIMO, 2001, p.24)

Pinto (2003, p.79) argumenta que a fundação das colônias portuguesas acontece no mesmo momento em que está acontecendo o período da Renascença na Europa, logo, consequentemente, os elementos da Renascença influenciam a arquitetura urbanística nas

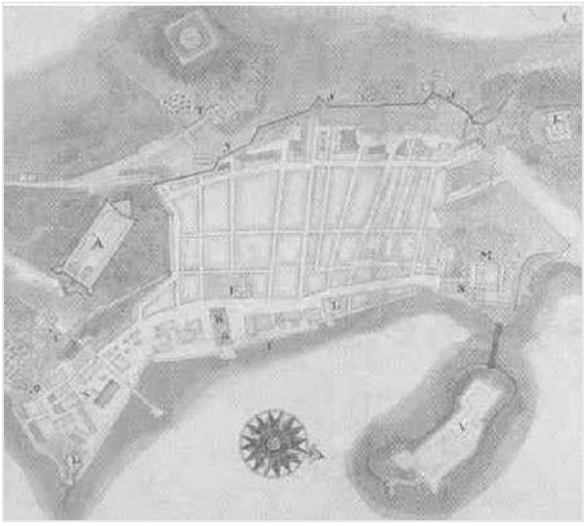
colônias de Portugal fundadas no Brasil e que elementos como a topografia local se tornam relevantes na criação dos projetos arquitetônicos das cidades. Isto pode ser observado em mapas de cidades como Salvador e Rio de Janeiro, que foram cidades colonizadas pelos portugueses. Nas figuras 24 e 25 podemos identificar que a topografia do terreno, é levada em consideração sendo. Assim, a cidade tendo sua composição urbana a partir da topografia.

Figura 24: Planta da Cidade do Salvador – 1551.



Fonte: Evolução Física de Salvador, 1998, p.14

Figura 25: Planta da Cidade do Rio de Janeiro – 1713.



Fonte: SANTOS, 2001, p.159

Pinto (2003, p.80), mostra que mesmo antes do período pombalino, em Portugal já era possível perceber os traçados regulares nas cidades brasileiras, e que com Marquês de Pombal são ampliadas e criadas novas vilas dando mais ênfase nos traçados regulares.

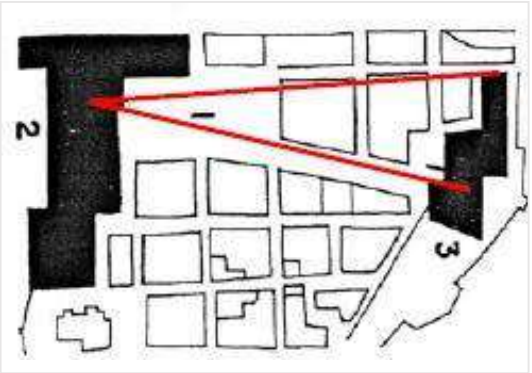
Pinto (2003, p.80) reforça ainda que as cidades e vilas pombalinas seguiam sempre ao traçado de uma praça pública quadrada espaçosa, cuja composição das ruas é findada pelo traçado da tessitura urbana ortogonal.

Marx (1980) enfatiza sobre o surgimento das praças brasileiras, a partir dos adros das igrejas, conhecidas como praças religiosas, sendo bastante comum se ouvir falar, também, de largos, pátios e terreiros, tendo seu traçado quase sempre irregular.

> Por toda parte e a toda hora nos deparamos no Brasil com os largos, pátios, rocios e terreiros de São Francisco do Carmo, de São Bento, de Jesus, do Ó, de São Pedro, da Santa Cruz ou da Misericórdia. São elementos de ligação das igrejas, dos conventos, dos colégios e das santas casas com a cidade. (MARX, 1980, p.55-56)

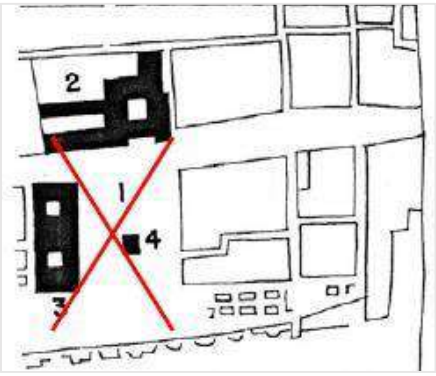
Algumas características são apresentadas por Santos (2001) das praças do Brasil Colônia, com praças medievais e as do início da renascença e exemplificadas como o terreiro de Jesus (Figura 26), na Bahia, cuja irregularidade dos traçados é marcada pelo ângulo formado a partir do Colégio dos Jesuítas, estendendo-se até a Igreja do São Francisco, sendo relevante para a composição da praça; o Largo do Carmo (Figura 27), no Rio de Janeiro, tendo sua irregularidade composta pela volumetria dos edifícios em seu entorno, formando quase um retângulo perfeito; e a Praça dos Governadores (Figura 28), em Ouro Preto, delineada pelas extremidades em função da Casa dos Governadores e a Casa de Câmara e Cadeia.

Figura 26: Praça do Brasil Colônia – Bahia (1-território de Jesus; 2-Colégio dos Jesuítas; e 3-Convento São Francisco)



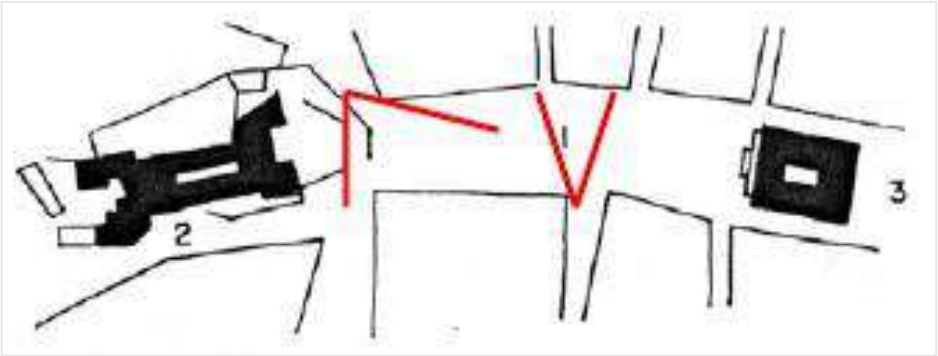
Fonte: Mapa do livro Razão do Estado, 1612**.**

Figura 27: Praça do Brasil Colônia – Rio de Janeiro (1-Largo do Carmo; 2-Convento do Carmo; 3-Casa dos Governadores; e 4- Chafariz)



Fonte: Mapa do Cap. André Vaz Figueira – 1750.

Figura 28: Praça do Brasil Colônia – Ouro Preto (1-Praça dos Governadores; 2- Casa dos Governadores; 3- Câmara e cadeia)



Fonte: SANTOS, 2001, p.73

Franch e Queiroz (2010), enfatizam que, no contexto atual, as praças brasileiras, vem assumindo feições diversificadas, contribuindo para a dinâmica de usos diversas, podendo designar desde pequenas áreas destinadas ao esporte em bairros habitacionais, até os complexos que articulam grandes artérias em área centrais da cidade. A exemplo disso, podemos citar as praças revitalizadas de Campina Grande, que são objeto de estudo desta pesquisa as quais analisaremos mais adiante e que traz esse cenário. Afirmam também, que as praças atuais, "são alvos das políticas urbanas que procuram, mediante sua modernização e requalificação, controlar os índices de violência urbana, respondendo simultaneamente a determinadas

dinâmicas da população que demanda espaços de lazer, equipamentos de esportes, embelezamento dos bairros e outras.”

1.4 A relação entre desenvolvimento urbano/regional e a produção de espaços públicos nas cidades contemporâneas

Para a produção do espaço urbano, como as praças, se faz necessário, para sua concepção, um estudo aprofundado sobre a ótica de como os urbanistas criam e recriam esses espaços tendo em vista atender ou não os anseios da sociedade de forma coletiva, e assim proporcionar uma melhor apropriação destes espaços pelos citadinos, possibilitando o desenvolvimento deste espaços de acordo com as características estabelecidas. E o que seria, proporcionar um desenvolvimento aos espaços públicos urbanos?

Sobre o desenvolvimento, Sachs (2008) aponta uma definição multidimensional, e tem como objetivos, propósitos sempre sociais e éticos, sendo atrelado a inquietações quanto as futuras gerações enfatizando que desenvolvimento e crescimento andam sempre de mãos dadas, sendo o desenvolvimento produto direto do crescimento, e que se este processo se faz de forma separada, o desenvolvimento fará crescer em demasia as desigualdades sociais.

É necessário, portanto, entender como se fundamenta a ideia de desenvolvimento, tendo como objetivo principal a expansão das liberdades reais dos indivíduos, quanto à política, ao consumo, as trocas e, bem como, as oportunidades sociais.

Souza (2003) e Sen (2010) enfatizam que, sobre a ótica social, o desenvolvimento não é um fator meramente vinculado ao econômico, ele abrange também o aspecto socioespacial, ou seja, sua relevância não se encontra apenas na produção de bens, mas na importância que o espaço onde as trocas sócias acontecem pode protagonizar o bem-estar e a justiça social em uma sociedade, sendo os processos tecnológicos atrelados a esses espaços um dos fatores de grande influência na forma da vida contemporânea, assim, o modo de apropriação e de vida da sociedade fica condicionada aos impactos que a produção desse espaço adquire.

Ou seja, é importante compreender que ao se falar em desenvolvimento, o espaço se torna relevante ser entendido. SANTOS, 2004 apud PEREIRA, 2008, coloca o espaço tem grande influência para trocas sociais, inclusive nos fatores econômicos, logo, a composição do espaço pode proporcionar uma ampliação da lucratividade mediante a especulação do mesmo

e esse espaço é transformado de acordo com as mudanças socioprodutivas, sendo que quanto mais rápidas e profundas forem as mudanças, maiores serão os impactos que ela exercerá sobre o espaço, contribuindo assim para uma maior possibilidade de territorializações ao novo espaço.

O conceito de desenvolvimento, se expressa sobre as mais variadas formas, e quando se refere a desenvolvimento urbano, as pessoas geralmente vinculam a determinados progressos e transformações físicas, principalmente vinculadas à ideia de modernização ou expansão de espaços. A respeito disso, Souza (2005) afirma que:

> Para algumas pessoas, uma cidade "desenvolve-se" ao crescer, ao se expandir, ao conhecer uma modernização do seu espaço e dos transportes, ao ter algumas áreas embelezadas e remodeladas. Esquecem-se, com muita facilidade, duas coisas: os custos, sociais e ambientais, de tais progressos, via de regra muito seletivos, social e espacialmente; e o contexto mais amplo (regional, nacional, internacional) de tais melhoramentos, os quais, normalmente, significam que está em curso, dependendo do país de mais-valia e uma drenagem de renda fundiária de outras áreas, dentro ou fora do país, as quais alimentam os projetos de embelezamento, "revitalização" etc. que conferem prestígio a certas partes de certas grandes cidades. (SOUZA, 2005, pp.95-96)

Souza (2005) que o desenvolvimento que de fato interessa a sociedade, ou que levem em conta os interesses legítimos da sociedade, não é ou deve ser meramente econômico, mas sim socioespacial.

Contudo, ressalta-se a importância da relevância do espaço social ser lembrado pelos especialistas e estudiosos do desenvolvimento e Souza (2005, p.98) afirma que "mesmo aqueles casos em que a dimensão espacial foi ou tem sido lembrada e prestigiada, a sua importância e o seu alcance têm sido, via de regra, subestimados."

Os espaços públicos urbanos, no contexto social, são de grande relevância para as relações sociais, logo, a importância do desenvolvimento de estudos que possam contribui para uma melhor definição da composição espacial e do seu desenvolvimento é de grande relevância para as cidades e sua população, pois é nesses espaços que a vida urbana é protagonizada. Souza (2005), afirma que:

> O espaço social não é um simples "dado" sem maior importância para a vida social. O espaço social é, ao mesmo tempo, um *produto* das relações sociais, e um *condicionador* dessas mesmas relações. A organização espacial e as formas espaciais refletem o tipo de sociedade que as produziu, mas a organização espacial e as formas espaciais, uma vez produzidas, influenciam os processos sociais sub-sequentes. SOUZA (2005; p.99)

Souza (2005) argumenta que o espaço social, em seu substrato espacial, ou seja, as formas espaciais concretas, representa um produto da sociedade e um condicionador das relações sociais, quando assim, não se faz qualquer coisa com qualquer estrutura espacial e uma estrutura produzida por determinadas relações sociais para atender a determinados interesses, pode não se prestar a satisfazer de uma melhor forma para outros propósitos; contudo a produção do espaço, pode excluir outras possíveis alternativas, logo, é necessário dá ênfase a importância de um bom planejamento para essas composições espaciais do espaço social levando em consideração os anseios da sociedade.

Outro ponto relevante que Souza (2005) destaca a importância das relações sociais no espaço, que vai além do sentindo material do espaço, como as relações de poder, projetadas no espaço (espaço quanto território), bem como os valores e símbolos culturais marcados no espaço, um espaço vivido e sentido, repletos de significados impressos pelos que nele viveram e vivem, referenciando as relações sociais. Relevam-se também, os elementos como as barreiras e fronteiras físicas ou imaginárias, espaços naturais ou construídos, revestidos de razões políticas, econômicas ou culturais que perpassam pelo tempo.

É importante frisar que desenvolvimento do espaço urbano e o desenvolvimento das relações sociais, andam lado a lado, ou seja, não se trata apenas da transformação do próprio espaço, mas sim das relações sociais e do espaço urbano concomitantemente. Souza (2005) a respeito disso, diz que:

> (...) o desenvolvimento é, nos seus termos mais simples, um processo de mudança para melhor, um processo incessante de busca de mais justiça social e melhor qualidade de vida para o maior número possível de pessoas – e isso exige, tanto em matéria de análise de problemas quanto de formulação de estratégias para a superação dos problemas, não somente a consideração das várias dimensões que compõem as relações sociais, mas também na visão de como essas relações se concretizam no espaço. (SOUZA, 2005, p.100)

Essa relação do espaço social urbano e das relações sociais urbanas contempla e enfatiza a dimensão da importância do desenvolvimento urbano, que vai além de uma simples revitalização do espaço urbano e dos padrões de consumo ou do crescimento dimensional deste espaço, como argumenta Souza (2005):

> Um desenvolvimento urbano autêntico, sem aspas, não se confunde com uma simples expansão do tecido urbano e a crescente complexidade deste, na esteira do crescimento econômico e da modernização tecnológica. Ele não é meramente um aumento da área urbanizada, e nem mesmo, simplesmente, uma sofisticação ou modernização do espaço urbano, mas, antes e acima de tudo, um desenvolvimento sócio-espacial na e da cidade: vale dizer, a

> conquista de melhor qualidade de vida para um número crescente de pessoas e de cada vez mais justiça social. (SOUZA, 2005, p.101)

Um ponto relevante no processo de desenvolvimento urbano e que de certa forma deve ser levado em consideração é a questão do planejamento do espaço urbano, o qual muitas vezes, a falta desse "planejamento" é vinculada pela população como a falta de vontade política, bem como também, um desenvolvimento urbano que não se realizou devido a falta de planejamento. Souza (2005, p.106), argumenta que a falta de planejamento é um problema real, e que existe uma limitação, por parte da população, em achar que mais planejamento e que um planejamento melhor (tecnicamente) seriam a solução perfeita para a superação das dificuldades concernentes aos problemas urbanos, mas enfatiza que é preciso considerar alguns fatores relevantes no contexto do planejamento para o espaço urbano, e cita três pontos que considera relevante neste processo:

a) A escassez do planejamento e as suas imperfeições técnicas não surgem "por acaso", e se não entendermos as causas institucionais, econômicas e culturais mais amplas de certas deficiências, não enxergaremos uma boa parte daquilo que é necessário enfrentar para ultrapassá-las;

b) Os planejadores também são "planejados", ou seja, não é o bastante se ter bastante planejamento e bons planejadores, é preciso saber até que ponto os planejadores profissionais estão ética e tecnicamente preparados para abraçar uma perspectiva de autêntico desenvolvimento urbano;

c) Os planejadores profissionais são funcionários a serviço de um aparelho administrativo no qual o que conta, é injunções políticas e interesses econômicos, e não a "verdade científica" ou a "adequação técnica".

Outro fator importante no contexto do desenvolvimento urbano, abordado por Souza (2005, p.112), é a "reforma urbana", não no contexto de uma remodelação do espaço físico, mas sim uma reforma social estrutural, evidenciando a dimensão espacial, tendo como propósito "melhorar a qualidade de vida da população, especialmente de sua parcela mais pobre, e elevar o nível de justiça social". (SOUZA, 2005, p.112), ou seja, no sentido de promover um desenvolvimento urbano autêntico.

Podemos verificar isso, no processo de revitalização das praças estudadas, onde muito mais importante que a transformação física desses espaços urbanos, é a importância do espaço

revitalizado proporcionar efetivamente a apropriação do espaço em seus mais diversos usos pela população.

Souza (2005) especifica também, que a reforma urbana têm vários objetivos específicos diversificados, e elenca os que devem ser os mais importantes: coibir a especulação imobiliária; reduzir o nível de disparidade social econômico-espacial intra-urbanas, contribuindo significativamente a redução do nível de segregação residencial; e democratizar o mais possível o planejamento e a gestão do espaço urbano. Esses objetivos podem ser alcançados com a ajuda de instrumentos de planejamento e de gestão que possam de fato contribuir para uma maior apropriação dos espaços urbanos.

Outro ponto relevante a se ressaltar é sobre os atores que atuam nesta reforma urbana, sendo o Estado e a sociedade civil, os protagonistas dessas ações. O Estado com sua barganha de manobra econômica e política, também deve ser visto como uma instância importante, pois o aparelho do estado possui instrumentos regulatórios e normatizadores que devem ser levados em consideração, mas é importante que a população, conquiste e detenha de "espaços autônomos de ação, onde a ação e planejamentos alternativos possam florescer." (SOUZA, 2005, p.116).

Souza (2005) coloca-que:

> As organizações da sociedade civil (de associações de moradores a entidades profissionais) precisam estabelecer alianças, cooperar entre si e desenvolver a capacidade de elaborar propostas de ação e políticas públicas, capazes de servir como ferramentas para pressionar o Estado e balizar a ação estatal, e realizar, autonomamente, ações e projetos. Mesmo em situações em que o Estado se apresenta mais democratizado e transparente, mais permeável à participação popular, uma certa tensão entre a ação estatal e as organizações da sociedade civil deverá permanecer (e é saudável que isso ocorra, pois sem esse "controle externo", o risco de corrupção e intransparência da máquina estatal cresce). É necessário que essas organizações defendam e mantenham o máximo de independência em relação ao Estado, o qual deve, por sua vez, respeitá-la. (SOUZA, 2005, p117)

É possível perceber que existe ainda, em nosso contexto social, um distanciamento entre essas duas esferas, Estado e sociedade civil, mas é preciso acreditar que podemos avançar bastante neste direcionamento de uma democratização do planejamento urbano, é preciso entender que "uma democracia só é autêntica se é uma construção coletiva" e lutar para alcançar esse objetivo. (SOUZA, 2005, p.121)

Para isso, a sociedade civil, deve não se restringir apenas em opiar nas decisões deliberativas para o desenvolvimento, mas de fato ter poder de decisão. Um fator importante e

questionável é quanto à escolha de representantes com grau de conhecimento técnico, além do empírico que e de extrema importância a ser levada em consideração para a efetiva participação da população nas tomadas de decisões sobre o planejamento dos espaços urbanos e Souza (2005, p.131) ressalva que é importante disponibilizar uma série de condições favoráveis para que a instância de participação tenha vida efetiva e não se desvirtue, ou sirva apenas de fachada ou artifício de legitimação nas mãos dos governantes.

É possível acreditar que uma reforma urbana, sendo bem direcionada, pode ser uma relevante contribuição na superação de diversas dificuldades e se "a margem de manobra econômica e política nacional for bem explorada", podemos esperar que uma reforma urbana possa ser bem conduzida, mas é preciso entender que "ela não seria capaz, contudo, de eliminar inteiramente todas as particularidades da sociedade civil" que é tão diversa.

1.5 Espaços públicos e Territórios

Como relevância às análises dos objetivos desta pesquisa, faremos uma reflexão sobre os conceitos e a relação de espaço público, território e territorialidade, objetivando contribuir na identificação das possíveis dinâmicas de usos nas praças, bem como as apropriações das territorialidades nesses espaços públicos.

Com isso, trazemos de Simões (2008) a definição de espaço público, no urbanismo, de modo geral, que é dada como "espaços abertos, de usos comuns, apropriados livremente pelo conjunto de pessoas que vivem numa cidade", sendo nesses espaços, os lugares de acontecimentos e registros dos fatos urbanos que constituem uma cidade.

Neste contexto é possível entender que os espaços públicos são espaços de convívio, de encontro com o outro, onde se confrontam diferenças, se vive conflitos e se praticam também a urbanidade– "urbanidade é o movimento contínuo de pessoas que confere vida ao tecido urbano". (SCOCUGLIA, 2012, p. 80) - e a política e também lugar onde a diversidade se faz presente. Ou seja, "o espaço urbano apenas se torna público quando é investido de significação pelos moradores" (PROENÇA, apud SCOCUGLIA, 2012, p.45). "São a apropriação e o uso continuado por parte da população que transformam os equipamentos urbanos em espaços vivos e cheios de sentidos". (GUTIÉRREZ & QUEIROZ, apud SCOCUGLIA, 2012, p168).

Percebemos assim, a relevância da discussão sobre o espaço público quando o entendemos enquanto lugar da diversidade, do encontro social e da possibilidade de trocas, por mais simples que sejam, como apenas encontros de olhares, saudações por sorrisos, por curtas frases, trocas de gentilezas num ajudar a atravessar uma rua, em curtas conversas em um ponto de ônibus, em conversas tranquilas dentre outros usos que os citadinos exercem nos espaços públicos como as praças por exemplo.

Outro elemento importante a ser analisado, é o diálogo direto que o espaço público deve ter com as pessoas, sendo possível compreende a intrínseca relação entre o corpo humano e o espaço público, entre o espaço público e o corpo humano, com as suas trocas, traduzindo assim o contexto e a harmonização desse encontro da diversidade de expressões do corpo humano com a diversidade da composição do espaço público. Scocuglia (2012) sobre isto ressalta:

> (...) resta relacionar os espaços públicos com os comportamentos corporais e as formas de sociabilidade que indicam os modos como os indivíduos se servem de seus corpos em ritmos específicos, de técnicas corporais repetidas nos espaços de modo cíclico ou linear e que envolvem nas ruas e praças processos tais como: deslocamentos, passagens, permanências ou interações, velocidades, aberturas e fechamentos, aproximações e afastamentos, agrupamentos ou dispersões de indivíduos de modo regular, esporádicos ou excepcional. Estes usos dos espaços públicos remetem à movimentação física de tipos urbanos variados como: transeuntes, moradores das proximidades, visitantes, comerciantes de ruas, mendigos que vivem nesses lugares. (SCOUCUGLIA, 2012, p. 81)

Neste contexto, ressalva-se a importância do planejamento dos espaços urbanos, com atenção voltada a essas relações da pessoa com o espaço urbano buscando na medida do possível observar as dinâmicas das práticas urbanas pelos citadinos, sempre atento aos movimentos expressos pelos corpos a aos variados e involuntários usos nos espaços, “pois essa homogeneização e anestesia nunca são totais, por vezes são aparentes como parte dos cenários programados”. (SCOUCUGLIA, 2012, p. 85)

Entretanto, no planejamento dos espaços urbanos é preciso estar atento a elaboração de projetos que contemplem elementos a partir das práticas urbanísticas locais exercidas pelos citadinos, que configuram o espaço urbano e que irão, também, contribuir para um mais adequado projeto dos espaços públicos urbanos. Essas práticas urbanísticas podem ser obtidas através das formas de observação compreendidas pela apropriação no uso do espaço público urbano e de pesquisas sobre literaturas especificas.

É importante perceber que a criação do ambiente urbano constitui um considerado esforço de profissionais de diversas áreas para materializar uma série de expectativas e necessidades humanas de diversas naturezas. Entretanto se o espaço urbano atrelado a paisagem urbana não é diverso e não promove o bem estar, ele pode fracassar na missão de atender ás complexas expectativas humanas. Assim, podemos compreender que:

> A paisagem é então... o produto da leitura de um território (natural, antrópico, artificial ou virtual), abarcado e por tanto limitado por um olhar humano, com uma percepção direta ou indireta e través de mecanismos psicofísicos, veículos e artefatos segundo uma escala e ponto de observação definidos. (NASELLI apud OLMOS, 2008, p. 111)

Serpa (2003), atenta ao fato de que nos "novos" e "renovados" espaços públicos urbanos ao redor do mundo, as práticas espaciais inscrevem-se em um processo de "territorialização do espaço". Ou seja, os usuários "privatizam" o espaço público através da ereção de limites e/ou barreiras de cunho simbólico, por vezes "invisíveis". O espaço público se converte em uma justaposição de "espaços privatizados"; sendo compartilhado, mas, sobretudo, dividido entre os diferentes grupos e agentes. Consequentemente, a acessibilidade não é mais generalizada, mas limitada e controlada simbolicamente.

Neste contexto, podemos assim, analisar o conceito de territorialização nos mais variados âmbitos do estudo do espaço, podendo ser refletido sobre várias óticas das apropriações, sobre a ótica do diverso, utilizando-o para revelar dimensões culturais, sociais, políticas e econômicas nos processos de concepção do espaço. Serpa (2003) afirma que:

> Se o espaço político é o espaço de encontro de diferentes e os territórios são muitas vezes espaços de iguais, juntos, mas separados por limites e barreiras simbólicas, então uma praça pública é só aparentemente acessível a todos, aparentemente democrático e "cidadão". Todo mundo parece estar ali com todo mundo de fato, porém, de fato, está todo mundo ali, mas com seus limites e barreiras muito bem demarcados, uns em relação aos outros. (SERPA, 2003, p. 179)

Surge então a importância de entender um pouco a relação espaço público e território: Território esse marcado por ações dominantes de controle e poder? Território como apropriação espacial? Território como contribuição para segregações?

Ribeiro (2011, p.27) destaca a percepção do espaço público, como conceito de território usado, que é proposto por Santos (Santos et al. 2000):

> O território da ação estratégica, de forma dominante de exercício do poder, que cola a sociedade ao imediatamente visível, é o antagônico do território usado, que valoriza a vida de relações. O território usado aproxima-se teoricamente do espaço banal, o espaço que é de todos e de todas as práticas, incluindo as solidariedades e o agir comunicativo. (RIBEIRO, 2011, p.27)

Silveira (2011) conceitua território usado, como sendo constituído por formas, uma vez que "o território usado são objetos de ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado" (SANTOS, 1994, p.16). Enfatiza ainda que esse é também o significado do espaço banal ou do espaço geográfico, que "é composto por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas com quadro único no qual a história se dá" (SANTOS, 1994, p.51).

Assim ao pensar no território como espaço banal, Santos (2001) refere-se à ideia "do espaço de todos, todo o espaço". Trata-se do espaço de todas as pessoas, por mais que seja desigual; de todas as instituições, quer sejam fortes ou fracas, e de todas as empresas, do Estado e de quantas formas de poder pulsem na sociedade. Sendo esse é o espaço de todas as dimensões do acontecer, de todas as determinações da totalidade social, é o território feito e é o território se fazendo.

Silveira (2011) destaca que o território usado inclui todos os atores, e não apenas o estado – como na acepção herdada da modernidade, abriga todos os atores e não apenas os que tem mobilidade- e que o território usado inclui não apenas a tipologia das grandes empresas ou apenas o espaço econômico, mas em si é a existência em sua totalidade. O território tem diferentes conotações, incluindo a referência de ser portador de uma visão progressiva da realidade social, sendo importante enfatizar que o território usado não deve ter limites preestabelecidos, podendo adquirir diferentes escalas e ações de forma espontânea.

Surgem então alguns questionamentos: De que forma é utilizado? Como os atores da vida urbana territorializam nesse meio construído? Silveira (2011) compreende que o espaço urbano é dividido, mas, ao mesmo tempo, compartilhado, e o entendimento dessa construção e dessa condição do espaço banal contemporâneo é um caminho para uma nova política da essência libertária e que os usos do território decorre de regras – não ditas- do cotidiano e da sociabilidade.

Neste contexto o uso do espaço urbano, pelos citadinos como forma de apropriação, de territorialização, sofre a alteração-transformação de permanecer como lugar, ou ser parte de estruturas maiores do que o próprio lugar, no movimento de mudança de ser parte de um território, de uma região ou, em condição excepcional, de uma paisagem. Silva (2011), enfatizam que:

> (...) a dimensão espacial, também em movimento, transforma-se, mesmo que apenas pelas mudanças de lugares, visto que a cada pessoa-para-si tem histórias e lugares singulares. (...) Dessa forma, só a partir do encontro dos indivíduos se pode concretizar o movimento e acontecer o estabelecimento de um identidade, que é simultaneamente espacial e temporal. Só pela identificação do que é comum, podemos falar da elaboração de um projeto que extrapole a dimensão do ser-para-si, alternando-o e o metabolizando em ser-para-o-outro. Somente nesse movimento podemos situar as territorialidades e suas consequentes territorializações. (ASTROGILDO FILHO & FERNANDES, apud SILVA, 2011, pp.148 e 149)

Ainda sob a ótica do conceito de território para uma melhor apropriação e uso das análises de territorializações nos espaços urbanos como a praças, Silva (2011) afirma que em seu contexto histórico o conceito de território surge na geografia clássica, por meio de Ratzel, ligado à ideologia de afirmação da soberania do Estado alemão. Este, para se tornar mais forte, deveria tomar o território de outras nações, ampliando sua área espacial. Enfatiza ainda que no contexto mais amplo e contemporâneo, o termo “território”, quer seja nas políticas públicas ou na literatura acadêmica, tem se tornado cada vez mais presente. Entre as conotações há o território como soberania de Estado, o território como elemento cultural (referente à memória e ao pertencimento), territorialidade como ações daqueles que produzem seu território, desterritorialização – aqueles que perdem seu território -, mas, apesar de todas as diversidades, o ideal de domínio e de poder abrange todas essas conotações de território.

Silva (2011), aborda que:

> A conceituação é explicação do mundo. Uma vez que considera a geografia como a disciplina dedicada a entender as relações entre o homem e o meio, vê-se o espaço geográfico não como sinônimo de território, mas sim de território usado. O território usado, sendo espaço geográfico, oferece uma visão mais abrangente e totalizadora da geografia, e por isso mesmo tanto aclara as ações dos grandes agentes modernizadores e as dos agentes não homogênicos quanto é produtor, ele mesmo, de espaço geográfico. Assim o território usado permite identificar a totalidade de todos, as relações entre lugar, formação sócio espacial e mundo. (SANTOS apud SILVA, 2011, p.156)

Outra ênfase trazida por Silva (2011), diz respeito a ideia de território enquanto cultura, considerando que esta noção de “território cultural está diretamente ligada à luta pela expressão das artes e das manifestações culturais, mas também está ligada diretamente à mídia e à comunicação”. O termo “território” ganha vida como nova orientação de sentido, sobretudo em contextos metropolitanos entre os agentes de fomentos, os patrocinadores culturais.

Ainda neste contexto, Silva (2011) aponta que a noção contemporânea de território percebida no viés da cultura é interessante para valorizar os grupos socialmente excluídos, para reconhecer de seus saberes.

No entanto, é necessário perceber a tendência da fragmentação nas leituras sociais e de mundo quando se passa a reconhecer o território como apropriação, a partir das ações dos grupos sociais, sem identificar a possibilidade dos múltiplos agentes atuando sobre o espaço urbano.

Observamos assim a importância, portanto, de uma reflexão a partir das formas de apropriações, territorializações, assim como dos viéses ideários na vida social pela forma fragmentada e “guetificada”, que vai depender da leitura que é feita do mundo, dos recortes ideários, onde nos possibilita vermos novas coisas e tornamos outras mais perceptíveis.

Uma barreira encontrada, quanto a respeito da noção de território, segundo Silva (2011) é a dificuldade em não ver os contextos da vida coletiva e das sociabilidades, os contextos do estar no mundo: o acontecer solidário. Há riscos de fragmentação, de ver o território sem a sociabilidade, sem o espaço social, sem o espaço geográfico, sem os sujeitos.

Assim, é necessário perceber o território como local que contemple a totalidade dos usos sociais e econômicos no espaço, conforme ensina Milton Santos em seus diversos trabalhos.

Sobre a relação do Estado com o território, Silva (2011) referência Poulantzas (2000) cujo, adverte que tem-se buscado controlar coercitivamente a sociedade e o espaço geográfico. O autor contribui ainda para definir o território “como próprio da ossatura do Estado”, isto é, como parte da estrutura deste e da racionalidade inerente à burocracia estatal e à imposição da soberania.

Silva (2011) enfatiza que a ocupação espacial e a modernização, promovidas pelos grandes atores econômicos nacionais e internacionais são, por natureza e segundo o modelo de

racionalidade tecnológica, adversários e destruidores dessa economia extrativa e tradicional. “O capitalismo constrói e destrói”. (RIBEIRO, 2011, p.19)

Neste contexto, Silva (2011) argumenta que:

> A lógica da economia, junto com as normatizações impostas pelo Estado, rege os atuais processos de modernização- essa modernização excludente, que para tantas pessoas e instituições, recusa o acesso a muitos do que se proporciona de social e espacialmente cobiçável, entre os frutos nem todos benfazejos de seu ímpeto inovador, ao mesmo tempo que desvaloriza e suprime certas formas de trabalho. (SILVA, 2011, p.156)

Neste contexto, é importante compreender que o território faz parte de um conceito mais intrínseco ao espaço social, onde os elementos do espaço e a o conjunto de ações afirmam a integralidade da dimensão física, simbólica e cultural. Ou seja, essa inseparabilidade entre o espaço e as ações nele praticadas, afirmam o valor cultural de cada sociedade e enfatiza a importância quanto a capacidade que os seres humanos têm de atribuir significados as coisas. Entender a territorialização é poder analisar o percebido, transpondo a materialidade, por possuir valores carregados de significados sociais estabelecidos.

2 – TECENDO A PRAÇA EM SEU USOS: UMA APROPRIAÇÃO DA PESQUISA

2.1 Campina Grande e a historiografia de suas praças

Lacerda e Lira (2012) relatam que, as primeiras modificações urbanas realizadas na cidade de Campina Grande, começaram na gestão do Prefeito Lafayete Cavalcante, no período de 1929 a 1932, que deu início às obras de infraestrutura com o melhoramento de ruas, obras de terraplenagem, construção de calçamentos ou alinhamentos de ruas da cidade e algumas desapropriações de casas. A implantação da estrada que liga Campina Grande à capital João Pessoa, também foi realizada neste período desta gestão.

Na década de 1930, Campina Grande, começou a passar por uma reforma urbana na área central, através de seus gestores que tinham como objetivo modernizar a estrutura urbana da cidade. A reforma contemplava a modificação da arquitetura urbana da cidade e a ampliação da infraestrutura. As maiores mudanças ocorreram durante a gestão do Prefeito Vergniaud Wanderley, modificando parte da forma urbana da cidade e das edificações nela existentes, adotando assim uma estética que lembrasse uma metrópole, deixando o ar de cidade interiorana pra trás.

Durante o período de 1934 a 1935, na gestão do Prefeito Antônio Pereira Diniz, foi proposta a demolição de prédios antigos para a abertura de avenidas ou para substituí - los por edificações com estilos mais modernos. Esse projeto ficou conhecido como “bota-abaixo”, através de um *Decreto N° 51* no ano de 1934.

Esse Decreto regulamentou as modificações no centro da cidade, especificando que as casas térreas deveriam ser trocadas por edifícios com pelo menos dois pavimentos, cuja medida estava validada para as ruas João Pessoa, Rua Marquês do Herval, Rua Maciel Pinheiro, Rua Monsenhor Sales e a Rua Cardoso Vieira. Também deveria ser contemplada com as demolições e reformas as Praças João Pessoa, Praça do Rosário e a Praça Epitácio Pessoa. As ruas e praças mencionadas no decreto compunham as áreas mais visitadas pelos citadinos, turistas e comerciantes.

Segundo Souza (2003), este Decreto é um dos sinais de que na década de 1930 os Prefeitos de Campina Grande, haviam aderido aos reclames dos letrados locais, buscando meios diversos para a consecução de um projeto de saneamento e embelezamento da cidade. Foi neste decreto também que, em 1934, foi demolida a

Cadeia da cidade e no local foi construída a Praça Clementino Procópio , cujas particularidades iremos apresentar no decorrer deste trabalho.

Lacerda e Lira (2012), afirmam ainda que, as maiores modificações realizadas na área central da cidade, ocorreram nas duas gestões do Prefeito Vergniaud Wanderley no período de 1935 a 1938 e 1940 a 1945. Já na primeira gestão, a Praça Coronel João Pessoa foi reformada, além de obras como calçamento de várias ruas e a venidas e a construção do Grande Hotel com arquitetura Art Déco.

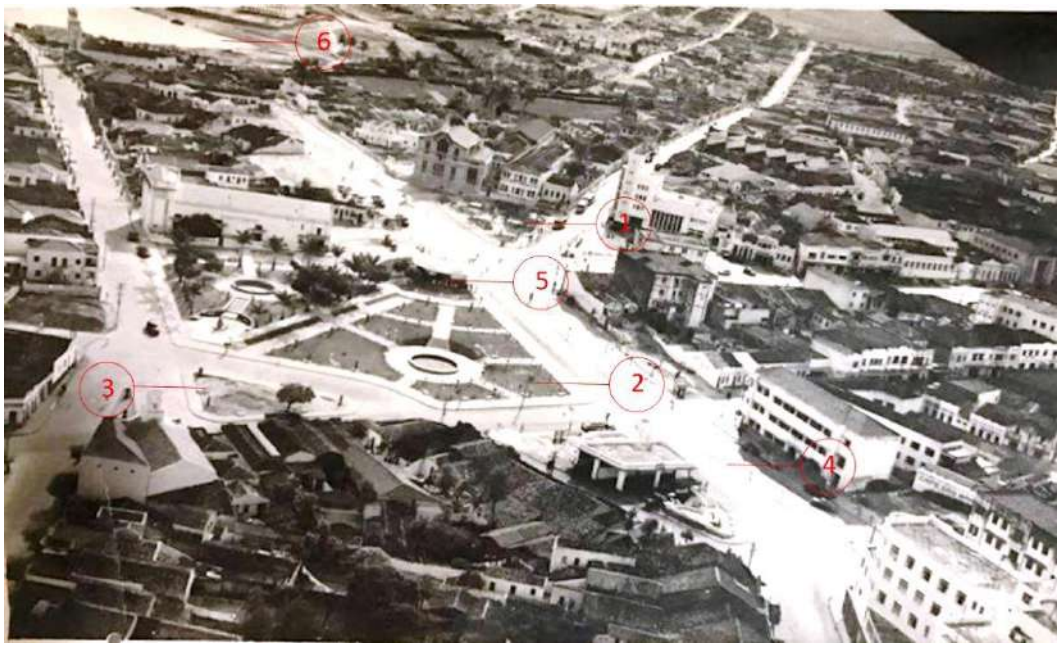
Na segunda gestão de Vergniaud Wanderley, o "bota-abaixo" ficou mais evidenciado, com várias demolições e construções em toda a área central da cidade e prédios como o Paço Municipal, casas dos citadinos e a Igreja do Rosário foram demolidos para a ampliação da Avenida Floriano Peixoto com o objetivo de construir uma artéria que atravessasse todo o município. Lacerda & Lira (2012), relata que:

> A atual feição com a qual se revestiu o centro urbano de hoje, que se entende, era de difícil concepção si se considerar a lógica sócio-comercial das décadas de 1920 e 1930, se deve ao contestado interventor Federal, Dr. Vergniaud Wanderley. A construção da Av. Mal. Floriano Peixoto e outras obras de cunho similar, espalhadas noutros cantos do centro urbano foi, antes de tudo, uma decisão política de relativa musculatura. Foi um tempo, na velha Campina onde derrubar casa era frente-de-trabalho. O povo dizia: Está sem trabalho? Vá derrubar casa pra Dr. Vergniaud. (LACERDA & LIRA, 2012, p.33)

Outro local conhecido como Praça do Mercado e/ou Praça Municipal, localizada na Avenida Floriano Peixoto onde uma feira funcionava, foi demolido no período da gestão do Prefeito Bento Figueiredo que administrou a cidade de Campina Grande em dois curtos períodos sendo o primeiro em 1935 e o segundo de 1938 a 1940. Em sua gestão instalou o Mercado Central, deslocando a Feira que se situava na Praça do Mercado, que era localizada onde hoje se encontra a atual Avenida Flori ano Peixoto, próxima a Catedral Diocesana.

Na figura 29, podemos observar a configuração do centro da cidade de Campina Grande, após as transformações urbanas, realizadas durante a reforma na administração do Prefeito Vergniaud Wanderley.

Figura 29: Centro de Campina Grande



Fonte: LACERDA & LIRA, 2012

Legenda: 1-Praça da Bandeira; 2-Praça do Largo da Luz; 3-Praça da Ternura, 4-Posto de Gasolina; 5-Abrigo Maringá; 6-Açude Novo.

Alguns detalhes podem ser observados na Figura 29, como a Praça da Bandeira, ainda conhecida como Praça José Américo; A Praça Clementino Procópio, antiga Praça do Largo da Luz, já com sua ampliação após demolição do prédio da termo elétrica, mas ainda com a Praça da Ternura (nome dado a praça tempos depois) desmembrada, sendo hoje parte integrante da Praça Clementino Procópio, a Avenida Floriano Peixoto já em processo de expansão, o abrigo Maringá já construído; e na parte superior da imagem o Açude Novo ainda com água.

2.2 Dinâmicas e rugosidades das praças de Campina Grande

Neste momento faremos um recorte histórico das primeiras praças construídas nas cidade de Campina Grande (PB), com o objetivo de que se possa contribuir para uma melhor reflexão das configurações desses espaços no contexto contemporâneo da cidade, buscando resgatar desde a sua formação histórica, política social e arquitetônica, através de relatos e imagens de diversas literaturas existentes, sendo possível assim estudar, analisar e refletir as

dinâmicas de usos, das apropriações, das territorializações com que se deram e que possam ter contribuído de forma histórica no processo de formação das atuais praças objeto de estudo desta pesquisa.

No decorrer dessas colocações, podemos atentar um olhar crítico às configurações dessas praças em consonância com a historicidade das praças num contexto mais amplo já relatado aqui neste trabalho, e podemos refletir no correr da leitura a presença dessas composições arquitetônicas também nas praças de Campina Grande como um possível reflexo da herança cultural estrangeira inserida em nosso meio e que poderá ainda estarem presentes nas praças contemporâneas de nossa cidade.

2.2.1 Praça Municipal e/ou Praça do Mercado

Extinta, após as reformas realizadas pelo Prefeito Vergniaud Wanderley, a Praça Municipal ou Praça do Mercado estava situada no largo formado entre a confluência da Rua da Matriz (atual Avenida Mal. Floriano Peixoto) com a Rua Grande (atual Rua Maciel Pinheiro) na década de 1920. Vasconcelos (2014) e Lacerda Junior & Lira (2012) apresentam na fotografia da época, sendo possível perceber, à esquerda da imagem, uma área livre (Figura 30) conhecida na época como a Praça do Mercado e/ou Largo do Mercado, local que era utilizado pela população para a realização de feiras ocasionais onde atualmente nesta área, está construído o Palácio do Comércio e da Indústria de Campina Grande, e que funciona a atual Associação Comercial de Campina Grande(ACCG).

Figura 30: Praça do Mercado

Fonte: VASCONCELOS, 2014

Nesta área hoje encontram-se prédios comerciais e a continuidade da Avenida Floriano Peixoto, através da demolição de edificações residenciais, que fazia parte do projeto de modernização do Centro da Cidade, realizado pelos gestores públicos da época. Na figura 30, a seta vermelha identifica o prédio construído para ser a cadeia de Campina Grande.

Figura 31: Av. Floriano Peixoto - área onde se localizava a Praça do Mercado

Fonte: Pesquisa de Campo, 2018

A partir da figura acima podemos observar que ainda é possível encontrar edificações do período em que nesta área se localizava a Praça do Mercado, a exemplo do prédio que teve como função a cadeia de Campina Grande, inaugurado em 1984. Sendo que, na década de 1986 funcionou como a Estação Telegráfica, ainda possível identificar em sua fachada as palavras “TELEGRÁFO NACIONAL”. Hoje o prédio funciona como o Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande. Outras edificações, ainda da época da Praça do Mercado encontram-se no local, a exemplo de casarões que funcionam como ponto comercial.

2.2.2 Praça Epitácio Pessoa

Outra praça, na década de 1910, que compunha o tecido urbano de Campina Grande, era a Praça Epitácio Pessoa, também conhecida como Largo Grande, situada na antiga Rua Grande, onde hoje se encontra a Rua Maciel Pinheiro. As Figuras 32 e 33 mostram a composição dessa praça já na década de 1930. No centro da praça havia um monumento em homenagem ao Presidente Epitácio Pessoa. A praça foi demolida na década de 1940 por assentimento do Prefeito Elpídio de Almeida, que durante uma reforma urbana decidiu completar a área do quarteirão com a construção de prédios, proporcionando uma linearidade a Rua Maciel Pinheiro, e na área onde se localizava a Praça Epitácio Pessoa, foi construído o prédio onde funcionou a Livraria Pedrosa que encobriu os belíssimos sobrados e o pavilhão Epitácio Pessoa que estavam com sua fachada voltada para a antiga praça, privando sua aparição pública.

Figura 32: Praça Epitácio Pessoa

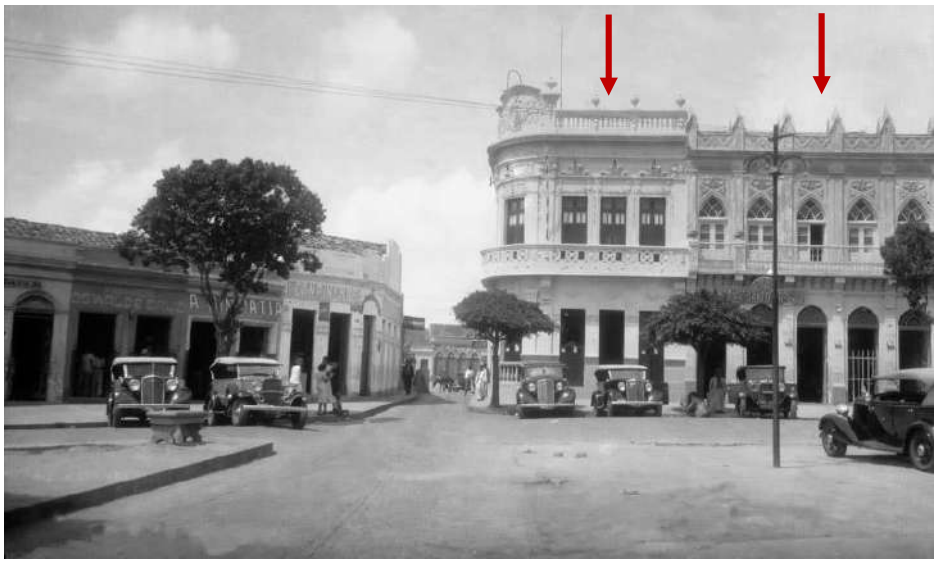
Fonte: VASCONCELOS, 2014

Figura 33: Praça Epitácio Pessoa – Comércio Feira

Fonte: VASCONCELOS, 2014

Hoje, neste local, não é possível mais identificar esta praça, após reforma que obteve esta área no período de governança do Prefeito Vergniaud Wanderley, sendo encontrados apenas edificações verticais de comércio, rua e passeios. Na figura abaixo, é possível identificar duas edificações que ainda se situam no local, sinalizadas pelas setas vermelhas.

Figura 34: Prédios localizados em frente à Praça Epitácio Pessoa



Fonte: VASCONCELOS, 2014

Figura 35: Prédios localizados em frente à antiga Praça Epitácio Pessoa onde hoje se encontra a Rua Maciel Pinheiro

Fonte: Pesquisa de Campo, 2018

A partir da figura acima, podemos identificar os prédios, sinalizados pelas setas vermelhas - que se encontram na atual Rua Maciel Pinheiro, onde antes se localizava a Praça Epitácio Pessoa e que devido à construção de uma edificação na frente da fachada do prédio a esquerda da figura, não pode ter a sua fachada frontal visualizada por completo.

2.2.3 Praça Félix Araújo

A Praça Félix Araújo, foi construída durante a gestão do então Prefeito Elpídio de Almeida, e teve sua inauguração no ano de 1957, tendo esse nome em homenagem ao Ex-Governador Félix Araújo. No local, onde foi construída a praça, existia anteriormente um monturo de veículos e máquinas deterioradas.

Localizada no Bairro do Monte Santo, e tangenciada pelas ruas Arrojado Lisboa, Rua João Pessoa e a Rua Quintino Bocaiúva, sendo próxima ao cemitério de Nossa Senhora do Carmo. O local era conhecido como “Alto das Areias”.

Seu formato é triangular, e sua primeira configuração, conforme podemos observar na Figura 35, era simples, com alguns bancos e um ajardinamento rasteiro e alguns postes de

iluminação. Havia também uma coluna com um busto em tributo a Félix Araújo, Figura 37, que não se encontra mais no local.

Figura 36: Praça Félix Araújo

Fonte: Blog Retalhos de Campina - http://cgretalhos.blogspot.com.br/search?q=pra%C3%A7a#.WZxovCiGPDd

Figura 37: Busto de Félix Araújo

Inauguração da Praça Félix Araújo, em 1957, durante a segunda gestão de Elpídio de Almeida, como prefeito de Campina Grande. Podem ser vistas na foto, entre outras pessoas, o dr. Elpídio e d. Adalgisa Almeida; o vereador Euclides Ribeiro e sua esposa Ilza; Maria Félix, Tamar e Félizinho.

Fonte: Blog Retalhos de Campina - http://cgretalhos.blogspot.com.br/search?q=pra%C3%A7a#.WZxovCiGPDd

Após uma reforma realizada, em 1980, a praça adquiriu novas configuração e sua arborização já se encontrava densa. A instalação de um monumento em formas geométricas é possível ser vista em uma das extremidades da praça. A figura 38 apresenta atual configuração da Praça Felix Araújo.

Figura 38: Figura 38: Praça Félix Araújo 2018

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Atualmente, está praça permanece com essa mesma configuração e não foi, até o momento desta pesquisa, revitalizada pela gestão atual. É possível identificar vários tipos de usos nela hoje, assim como, também uma praça que busca trazer orientação ao tráfego de veículos local.

2.2.4 Praça Presidente João Pessoa

A atual Praça Pres. João Pessoa, teve sua construção na década de 1920, e tinha por nome, Praça Coronel Antônio Pessoa, Figura 39, que posteriormente recebeu por parte da população o apelido de “Praça do Cata-Vento”, devido à instalação de um “cata-vento” em 1929 na parte superior da praça onde se situa hoje a Padaria Campinense, pelo Prefeito Lafayete Cavalcante, no ano de 1929, para a extração de água subterrânea.

Figura 39: Praça Coronel Antônio Pessoa

Fonte: VASCONCELOS, 2014

A Praça Presidente João Pessoa está situada no centro de Campina Grande, sendo tangenciada pela Rua Praça Cel. Antônio Pessoa, Rua Solón de Lucena e a Rua Miguel Couto. Tem forma triangular e seu *layout* atual permanece basicamente igual a sua primeira configuração.

No ano de 1937 a praça recebeu a estátua do Ex-Presidente João Pessoa, por ordem do então Prefeito Vergniaud Wanderley, cujo monumento estava anteriormente instalado na Praça João Pessoa, localizada na Rua Marques de Herval. A figura 40 mostra a Praça Coronel Antônio Pessoa já com a estátua do Presidente João Pessoa.

Figura 40: Praça Coronel Antônio Pessoa

Fonte: Blog Retalhos de Campina -

http://cgretalhos.blogspot.com.br/search?q=pra%C3%A7a#.WZxovCiGPDd

A praça passou a ter a imagem do Ex-presidente João Pessoa, mas tinha por nome Praça Coronel Antônio Pessoa, logo, em 1964, foi aprovado o projeto de Lei nº 128, de autoria do vereador João Nogueira de Arruda, o qual estabelecia em definitivo o nome da praça como Praça João Pessoa, em substituição ao nome Praça Coronel Antônio Pessoa, relacionando o nome da praça a imagem que agora compunha a configuração arquitetônica da praça. Hoje, popularmente conhecida sob a alcunha de "Praça da Morgação".

Por ter sua localização - estando situada entre o percurso da Estação Velha e do aeroporto, por onde obrigatoriamente atores da política – Figura 41 - em suas visitas a Campina Grande, teriam que percorrer - a praça foi ponto de manifestações políticas em sua trajetória.

Figura 41: Praça Coronel Antônio Pessoa

Fonte: Blog Retalhos de Campina -
http://cgretalhos.blogspot.com.br/search?q=pra%C3%A7a#.WZxovCiGPDd

Em 2010, a Praça João Pessoa, passou por uma reforma sendo trocados elementos como o piso, as jardineiras, os bancos, as lixeiras e com destaque e ênfase maior a nova iluminação com nova fonte luminosa de tecnologia LED[9].

[9] LED é a sigla para ***Light Emitting Diode***, que significa **"diodo emissor de luz"**.

Figura 42: Praça João Pessoa, 2018

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Hoje a Praça João Pessoa é ponto de encontros por muitos estudantes, - por existe em seu entorno escolas de cursinhos preparatórios e universidade – idosos, trabalhadores e comerciantes locais.

2.2.5 Praça João Rique

A atual Praça João Rique durante sua trajetória, foi uma das praças na cidade de Campina Grande, que mais sofreu alterações, quanto a sua forma arquitetônica, tendo essas várias reformas, influencias fortes dos atores da gestão pública e também de empresários locais.

Antes de ter a forma e função atual e ter por nome Praça João Rique, já apresentou outros layouts e nomes durante sua história, os quais iremos apresentar, com o propósito de podermos compreender como essa praça, também, sofreu suas alterações do decorrer de sua história, devido a decisões de políticos e de empresários locais.

Segundo Lacerda Junior & Lira (2012) o primeiro registro que se tem, desta área, é que era um largo simples. Espaço público onde se concebia, concentrava e se negociava fardos de algodão, capitaneados por recebedores e exportadores espalhados no seu entorno,

inicialmente denominada de Praça do Algodão. A figura 43 apresenta a primeira composição desta praça.

Figura 43: Praça do Algodão

Fonte: VASCONCELOS, 2014

Em meados da década de 1920, foi construída uma nova praça neste local, com um gracioso contorno, em pequena dimensão e com aspecto interiorano, cujo centro ergue-se uma coluna de dez metros com quatro mostradores da hora cuja que foi batizada popularmente de "Coluna-da-Hora" e a praça foi batizada como Praça do Relógio, como podemos observar na figura 44. Uma nova revitalização se deu no ano de 1931, por ordem do Interventor Sr. Severino Procópio, cujo relógio foi disposto na "sucata" da Prefeitura Municipal de Campina Grande, por onde ficou durante quase vinte anos, sendo posteriormente doado a Igreja São Francisco, situada no Bairro da Conceição.

Figura 44: Praça do Relógio

Fonte: VASCONCELOS, 2014

A Praça do Algodão foi revitalizada na década de 1931, adquirindo novos elementos arquitetônicos como guarda corpo em arco, bancos, e um monumento erguido em 26 de Julho de 1931, sendo instalada uma estátua do Ex-Presidente João Pessoa em sua homenagem, tornando-a, então, popularmente conhecida como a Praça João Pessoa como é possível ver na figura 46. Na figura 45 observamos a presença densa dos citadinos à inauguração da revitalização da praça, em volta ao monumento instalado.

Na gestão do Prefeito Vergniaud Wanderley, após a construção da Praça Antônio Pessoa, situada em outra área no centro da cidade, decidiu transferir este monumento para a nova praça em 25 de maio de 1937.

Figura 45: Praça João Pessoa

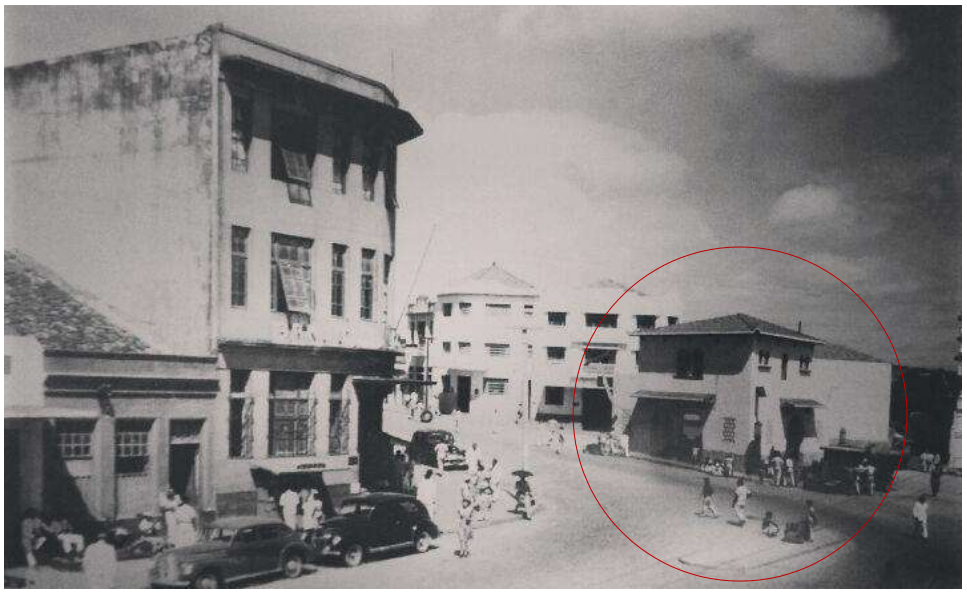
Fonte: VASCONCELOS, 2014

Figura 46: Inauguração da Praça João Pessoa

Fonte: VASCONCELOS, 2014

Após a retirada do monumento, a transferência da mesma para a Praça Coronel Antônio Pessoa, uma nova reforma foi realizada no local da praça, trazendo nova configuração, função e uso ao local, onde foi realizada a demolição da praça, e em 1940 e no local foi erguido um pequeno prédio onde passou a funcionar um “café-bar”, ficando o local conhecido como “Ponto Central”. Na figura 47 podemos então observar a edificação instalada no local.

Figura 47: Ponto Central



Fonte: LACERDA & LIRA, 2012

Segundo Lacerda & Lira (2012) anos depois no local, onde funcionava o café-bar, passou a funcionar um pequeno posto de abastecimento para veículos, sendo ainda conhecido como Ponto Central, sendo este o último registro de intervenção realizada neste local antes da construção da Praça João Rique.

A Praça João Rique ganhou esse nome em homenagem ao empresário João Rique, que após sua morte em 28 de setembro de 1971, aos 73 anos, o Interventor Federal em uma ação conjunta com a Prefeitura Municipal, a Associação Comercial de Campina Grande e a Federação das Indústrias da Paraíba, desapropriaram o posto de abastecimento de veículos, de nome Ponto Central, que se encontrava naquela área, situada entre as ruas Marques do Herval, Rua João Suassuna e a Rua João Pessoa. Com a demolição do prédio existente no local, em março de 1972, teve-se início a construção da praça, tendo sua inauguração no dia 5 de maio de 1972.

A praça teve inicialmente formato circular, servindo como rotatória para o ordenamento do trânsito, e em sua configuração ao centro da praça com um monumento de um pórtico revestido em mármore branco e uma estátua em bronze de João Rique, com a frente voltada para a Rua João Pessoa, estando escrito no monumento em letras douradas a frase: “Nunca ninguém amou tanto uma cidade dignificando tanto o trabalho”. A Figura 48 apresentava esta primeira configuração da Praça João Rique.

Figura 48: Praça João Rique década de 90

Fonte: LACERDA & LIRA, 2012

Um fato interessante, é que em julho de 1972, se percebeu que a estátua não correspondia a altura e feições do empresário, sendo assim, foi retirada para reformar e quando retornou, após 60 dias, foi reinstalada na praça, mas sendo sua frente voltada, agora, para o Edifício João Rique, como se é possível encontrar até os dias de hoje.

Figura 49: Praça João Rique, 2018.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2018

Na figura acima podemos observar a atua configuração da Praça João Rique, tendo agora um formato triangular com a mesma função de ordenamento do transito e local de passagem para travessias de pedestres.

2.2.6 Praça Tenente Alfredo Dantas

Localizada no bairro do centro, atualmente a praça é tangenciada pelas ruas Presidente Epitácio Pessoa e a Rua Sete de Setembro, a Praça Tenente Alfredo Dantas foi construída na década de 1930, cujo local era conhecido inicialmente como Largo da Lapa, conforme podemos observar a Figura 50.

Figura 50: Largo da Lapa

Fonte: VASCONCELOS, 2014

Após reformas realizadas em 1942 no local, a praça passou a ser chamada por Praça da Independência, adquirindo novo formato sendo inserido novos elementos como bancos, passeio, iluminação e vegetação ao *layout*. Na Figura 51 podemos observar essa nova configuração.

Figura 51: Praça da Independência

Fonte: VASCONCELOS, 2014

A substituição do nome da Praça da Independência, para Praça Tenente Alfredo Dantas, é uma homenagem ao Tenente Alfredo Dantas Correia de Góes, fundador do Instituto Pedagógico em 1919, que em 1944 passou a se chamar “Ginásio Alfredo Dantas”, conhecida hoje como o Colégio Alfredo Dantas. A figura abaixo apresenta a situação atual da Praça Tenente Alfredo Dantas.

Figura 52: Praça tenente Alfredo Dantas, 2018.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Seu formatado, assim como algumas praças constituídas em seu período na cidade, é de um triângulo e seu *layout* é composto por elementos como jardineiras, bancos e iluminação. A praça tem seu entorno imediato constituído por edificações comerciais e as ruas em seu entorno exercem função de ordenamento do transito de veículos.

3.2.7 Praça da Bandeira

O local onde hoje se encontra hoje a Praça da Bandeira passou por diversas transformações no decorrer de sua história. Inicialmente o local era conhecido como Rua Nova, onde posteriormente passou a se chamar Praça do Rosário ou Largo do Rosário, em referência a Igreja do Rosário construída no local. Na Figura 53 podemos observar parte da antiga praça a frente da Igreja Nossa Senhora do Rosário onde, segundo Lacerda Júnior & Lira (2012), citadinos comemoravam a inauguração do sistema adutor d'água do Açude Vaca Brava.

Figura 53: Praça do Rosário

Fonte: Blog Retalhos de Campina - http://cgretalhos.blogspot.com.br/search?q=pra%C3%A7a#.WZxovCiGPDd

Na década de 1940, durante a reforma urbana proposta e realizada pelo Prefeito Vergniaud Wanderley, este local, assim como outras áreas da Cidade de Campina Grande,

passaram por grandes transformações. Na Figura 54, observamos o antigo prédio da Agência dos Correios, inaugurada em 1933, que foi demolido na década de 1940, no processo de reconfiguração urbana proposta pelo Prefeito Vergniaud Wanderley, situada no Largo do Rosário, cujo local hoje, se encontra a Praça da Bandeira. É possível perceber também na imagem aos fundos do prédio da Agência dos Correios a Igreja Nossa Senhora do Rosário.

Figura 54: Praça do Rosário

Fonte: VASCONCELOS, 2014

Durante as reformas urbanas realizadas na época, uma praça é erguida na gestão de Interventor Federal Bento Figueiredo em 1939 como prolongamento da Praça do Rosário, que teve por nome Praça Índios Carirys sendo extinta na década de 1950, quando então foi concebida como Praça da Bandeira. A Figura 55 mostra a praça situada em frente ao atual Colégio das Damas.

Figura 55: Praça Índios Carirys

Fonte: VASCONCELOS, 2014

Após reformas realizadas pelo Prefeito Vergniaud Wanderley o local ganha outra configuração e a área onde se encontra a atual Praça da Bandeira é composta por duas praças "cortadas" uma via que permitia o trafego veicular, recebendo o nome de Praça José Américo, Figura 56, em homenagem ao ex-ministro José Américo de Almeida, sendo construído um monumento onde foi instalado no ano de 1945 o busto – Figura 57 - do então ministro, que foi relocado para o atual girador em frente ao Parque da Criança, que recebeu o nome de Praça Ministro José Américo. Hoje o busto não se encontra no local e não há relatos de seu paradeiro.

Figura 56: Praça José Américo – 1950

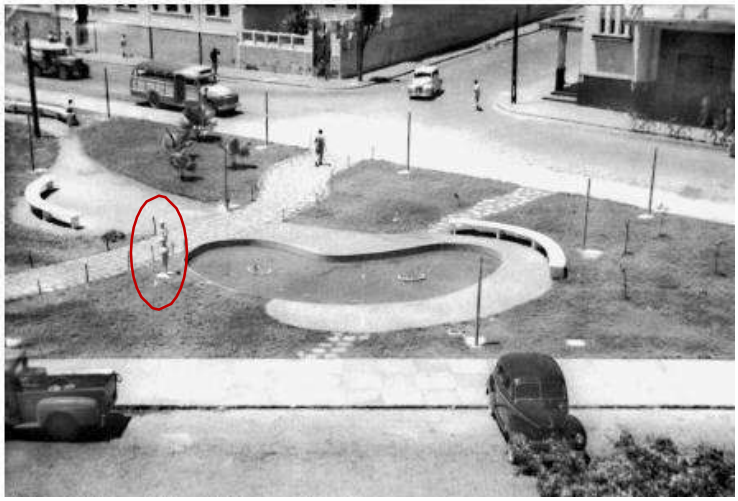
Fonte: Blog Retalhos de Campina -
http://cgretalhos.blogspot.com.br/search?q=pra%C3%A7a#.WZxovCiGPDd

Figura 57: Busto Ministro José Américo de Almeida

Fonte: Blog Retalhos de Campina -
http://cgretalhos.blogspot.com.br/search?q=pra%C3%A7a#.WZxovCiGPDd

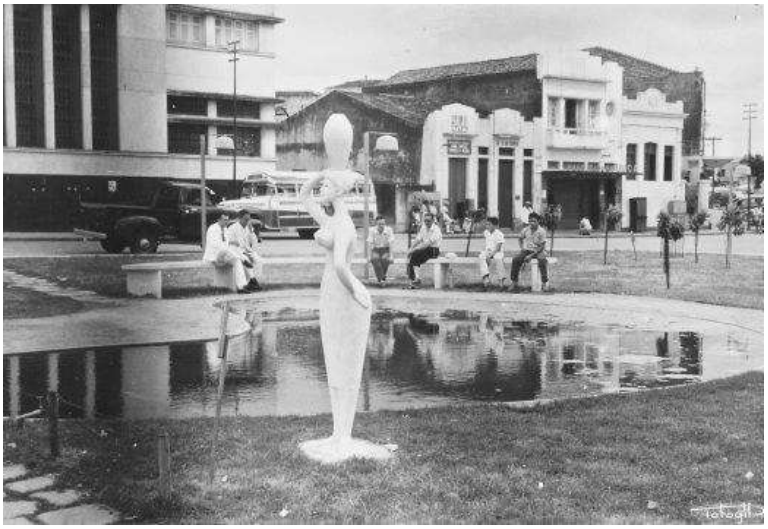
Na década de 1950, o Prefeito Elpídio de Almeida também realizou reformas a Praça da Bandeira. A via que cortava a praça em duas, fora demolida e a praça passa a ter uma área unificada. Um elemento arquitetônico de grande destaque que é inserido na praça é a construção de um lago em formato de “meia-lua” e a instalação de uma estátua de uma mulher com um jarro na cabeça que levou o nome de “A Samaritana” conforme podemos observar na Figura 59 e 58.

Figura 58: Praça da Bandeira



Fonte: LACERDA & LIRA, 2012

Figura 59: A Samaritana



Fonte: Blog Retalhos de Campina -

http://cgretalhos.blogspot.com.br/search?q=pra%C3%A7a#.WZxovCiGPDd

No final da década de 1950[10] em outra reforma foi instalada um monumento com estátua do Ex-presidente Juscelino Kubistchek, na praça, como homenagem pelos feitos por

[10] Um fato importante a ser mencionado que ocorreu na Praça da Bandeira no dia 09 de julho de 1950, durante a inauguração do atual prédio da Agência dos Correios, e que foi chamado de "A Chacina da Praça da Bandeira", foi uma ação política cujo acontecimento se deu pelo confronto entre correntes políticas opositoras,

Campina Grande e região como mostra a Figura 60, sendo possível também observar a presença ainda da estátua “A Samaritana”.

Figura 60: Praça da Bandeira final da década de 1950

Fonte: LACERDA & LIRA, 2012

A Figura 61 mostra a Praça da Bandeira em 1980, sendo possível observar a sua forma, e um curioso detalhe que pode ser observado, é a existência de uma rótula diretora de tráfego, composta por uma coluna semafórica e um relógio, extintos na sua próxima reforma em 1976, cujo elemento não se tem registro do paradeiro.

após uma comício com a presença de figuras importantes no cenário político nacional, e que resultou em um saldo de 3 mortos e cerca de 20 feridos graves e dezenas de feridos com escoriações leves.

Figura 61: Praça da Bandeira final da década de 1980

Fonte: LACERDA & LIRA, 2012

Figura 62: Praça da Bandeira

Fonte: LACERDA & LIRA, 2012

No ano de 1985 na gestão do Prefeito Ronaldo Cunha Lima, a Praça da Bandeira, tem uma outra reforma modificando totalmente o projeto arquitetônico, Figura 62, com a demolição do piso, bem como a ampliação de sua área, trocas de bancos, retirada da estátua "A Samaritana", cujo destino é desconhecido, aterro do lago meia lua, instalação de canteiros,

instalação de um pombal, renovação de postes e iluminação, adquirindo uma nova forma e estrutura bastante diferente dos conceitos anteriores da Praça

Figura 63: Praça da Bandeira, 2018.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

A figura acima apresenta a Praça da Bandeira atualmente, sendo uma das praças que iremos analisar mais à frente neste trabalho. É possível perceber pela figura 63, a edificação comercial existente na Praça da Bandeira, bem como a esquerda da imagem o prédio da Escola Damas construído na década de 1931.

2.2.8 Praça Clementino Procópio

Não diferentemente das outras praças aqui já mencionadas, a Praça Clementino Procópio, passou por várias transformações, através de reformas, durante sua história até chegar ao seu formato atual, sendo todas essas reformas realizadas por atores públicos, em suas gestões.

Segundo Lacerda Júnior & Lira (2012) onde se situa a Praça Clementino Procópio, existia, anteriormente, no local o prédio da Cadeia Pública de Campina Grande, que foi construída em 1877. A Cadeia Pública era dotada de uma rústica arquitetura com imensos portões e duas grandes janelas com grades de ferro, estando localizada aos fundos da antiga Igreja do Rosário, e ao lado um terreno onde frequentemente montavam-se circos. Na Figura

64 podemos observar a configuração local na época antes da construção da Praça Clementino Procópio.

Figura 64: Cadeia Pública

Fonte: LACERDA & LIRA, 2012

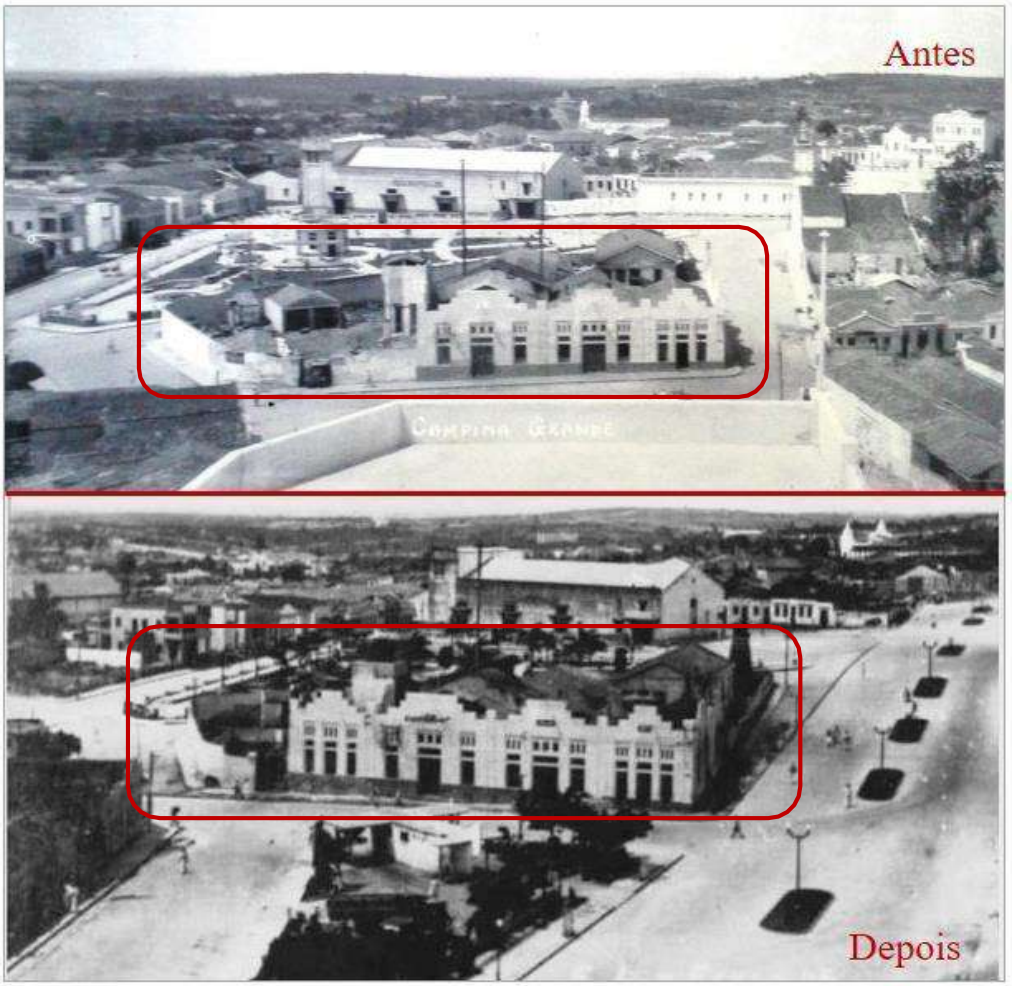
Em 1935 o Prefeito Bento Figueiredo, realizou a demolição da cadeia para a construção da Praça Clementino Procópio, que foi inaugurada no ano de 1936, em comemoração ao 1º aniversário da administração do Governador Argemiro Figueiredo, homenageando o professor Clementino Procópio que deu nome à praça. A figura 65 apresenta a primeira forma arquitetônica da praça, com a presença de elementos como bancos, passeios, iluminação, jardineiras e coretos no centro da praça. Alguns detalhes importantes podem ser observados na imagem como a antiga Igreja do Rosário e o Cine Capitólio na parte superior da imagem e a direita da imagem podemos ver parte da Empresa de Luz e Força existente na época e o banheiro público instalado na Praça da Ternura no canto inferior à direita da imagem.

Figura 65: Praça Clementino Procópio

Fonte: LACERDA & LIRA, 2012

Outro prédio de relevância no contexto histórico da cidade e que veio a ser demolido tendo a sua área agregada a já então Praça Clementino Procópio, foi o da termoelétrica, Empresa de Luz e Força - localizada em frente ao antigo posto de combustível, local que hoje é utilizado como estacionamento privado - na gestão do Prefeito Vergniaud Wanderley para que pudesse ser implantado o seu projeto urbanístico. A Figura 66 mostra o prédio da Empresa de Luz e Força antes de sua demolição mas, já então com a implementação do plano de reforma urbana do então prefeito sendo realizado, logo podemos perceber que a Igreja do Rosário já havia sido demolida para a ampliação da Avenida Floriano Peixoto.

Figura 66: Empresa de Força e Luz



Fonte: Blog Retalhos de Campina - http://cgretalhos.blogspot.com.br/search?q=pra%C3%A7a#.WZxovCiGPDd

Com a demolição do prédio da termoelétrica, a praça ganha nova área e em sua ampliação são instalados elementos como um o espelho d`´agua, jardineiras e torres de iluminação e o Abrigo Maringá. Essa nova área ampliada ficou conhecida como a Praça da Luz e/ou Largo da Luz, pela população. O apelido referenciava a Empresa de Luz e força, instalada no local e que esteve por ali durante trinta anos. A Figura 67 apresenta essa nova configuração da Praça Clementino Procópio.

Figura 67: Praça da Luz ou Largo da Luz

Fonte: VASCONCELOS, 2014

Existia também no entorno da Praça Clementino Procópio, uma pequena praça, que era conhecida como a Praça da Ternura, como podemos observar na Figura 68, sendo-a incorporada na ampliação da Praça Clementino Procópio, foi realizada durante a gestão do Prefeito Ronaldo Cunha Lima.

Figura 68: Praça da Ternura

Fonte: VASCONCELOS, 2014

Um fato curioso a se destacar, aconteceu durante a gestão do Prefeito Ronaldo Cunha Lima, no ano de 1969 que durante uma viagem sua a Paris, havia se encantado com a beleza de um coreto, visto por lá, determinando assim que o arquiteto Geraldino Duda, elaborasse um projeto de reforma da Praça Clementino Procópio, incluindo a construção de um coreto similar ao que foi visto por ele na França, contudo não houve êxito dessa intervenção na praça, devido a cassação de seu mandato pelo Ato Institucional de número 5, tido por muitos como um ato de golpe pelo regime de exceção em vigor, assumindo assim a gestão da prefeitura, o General Manoela Paes de Lima, na qualidade de Interventor Federal do município, o que teve como consequência o arquivamento do projeto de reforma da praça.

Na década de 1990, em outra gestão do Prefeito Ronaldo Cunha Lima, outra revitalização foi realizada, aterrando a fonte luminosa e inserindo na praça a construção de um novo prédio onde está atualmente instalado um comércio de cata-livros e algumas salas comerciais, bem como banheiros públicos e a fonte luminosa existente foi aterrada e instalado no local um parque infantil conforme podemos ver na Figura 64.

No ano de 1998 o Prefeito Cássio Cunha Lima realizou mais uma revitalização, cuja ações fora de recuperação do coreto, a instalação de mosaico decorativo, reforma do parque infantil (figura 69), reformas das jardineiras e iluminação.

Figura 69: Praça Clementino Procópio

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Atualmente a Praça Clementino Procópio continua com a mesma configuração de sua última revitalização, e até o encerramento deste trabalho, não houve por parte da gestão atual da PMCG, uma revitalização da praça. A figura abaixo sinaliza a configuração atual da praça.

Figura 70: Praça Clementino Procópio, 2018

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Não é possível, também, identificar indícios de manutenção dos elementos como, bancos, jardineiras, piso dos passeios, do edifico comercial presente na praça, nem dos banheiros públicos existentes, por parte da gestão públicas atual. Muito tem se ouvido falar e vistos nas mídias televisivas e internet, um projeto de revitalização do edifício do Cine Capitólio[11], antigo cinema, que se localiza nesta praça, integrando-o mais ainda a área urbanizada da praça, mas até a finalização desta pesquisa, não há nem uma ação direta do início de revitalização desta praça nem do Cine Capitólio. Hoje a Praça Clementino Procópio apresenta uma densa vegetação, como podemos observar na figura acima, que proporciona um conforto térmico a quem a utiliza nos períodos de intensidade solar alta.

---

[11] O Cine Capitólio, como é conhecido, foi inaugurado em 20 de novembro de 1934, por Olavo Wanderley, e teve como nome original Cine-Theatro Capitólio. Era considerado o maior e mais moderno do estado, afirma o blog Retalhos de Campina, tendo seus serviços finalizados no período da década de 90. A revitalização do Cine Capitólio, tem sido anunciada pela gestão atual da PMCG, e que segundo o site da Portal Correios, tudo o processo de revitalização está sendo discutido entre a PMCG e o Ministério Público da Paraíba, dentre outros órgão pertinentes e com ligação direta as obras e o patrimônio histórico da Paraíba.
https://portalcorreio.com.br/cine-capitolio-sera-revitalizado-em-cg-veja-fotos-do-projeto/

3. AS PRAÇAS SUAS PERMANÊNCIAS E SUAS MUDANÇAS

Apresentaremos neste capítulo, a pesquisa de campo e as reflexões através da observação direta realizadas, com uma amostra de quatro praças revitalizadas na cidade de Campina Grande –PB e os resultados das entrevistas realizadas com diversos atores sociais que as compõe.

Contudo, foram realizados alguns questionamentos aos gestores públicos, com participação direta nos projetos das revitalizações que ocorreram nas praças de Campina Grande, referentes a todo o processo que envolveram as revitalizações, desde a escolha das praças, os projetos arquitetônicos, etc. Selecionamos alguns posicionamentos que julgamos mais relevantes, dos gestores públicos entrevistados, para compreendermos melhor o processo de revitalização das praças. Ressaltamos, inicialmente, uma das falas do Prefeito Romero Rodrigues, relatando como se deu o procedimento de escolhas das praças que foram revitalizadas:

> *Olha, o critério as vezes pela quantidade de pessoas, que reside em região, pela importância estratégica dos locais, pelos pedidos da comunidade,* então assim, é uma conjunção de fatores né que a gente observa, algumas mais na parte central que funciona muito como um embelezamento da cidade que *é fundamental, é uma cidade que recebe turistas do Brasil e do mundo em função do Maior São João do Mundo, precisa ter o centro da cidade bonito,* é importante, mas também sem querer esquecer da parte um pouco mais distante(...) nos bairros mais longínquos da cidade. *Isso se estendeu pela cidade inteira levando exatamente essa qualidade de vida e um pouco mais de dignidade para as pessoas que moram no entorno dessas regiões*. (Romero Rodrigues – Prefeito de Campina Grande) (Grifo nosso)

A fala do Prefeito Romero Rodrigues a respeito dos critérios utilizados para a escolha das praças que foram revitalizadas, nos leva a uma reflexão sob o propósito das revitalizações que ocorreram em determinadas praças de Campina Grande, para o embelezamento do espaço público urbano, com o objetivo mercadológico turístico, sem a preocupação da escuta por parte da população, da busca do levantamento das aspirações e necessidades de quem de fato irá utilizar esses espaços no dia a dia. Diante disso, surgem os seguintes questionamentos: O objetivo de revitalizar as praças escolhidas pela gestão pública, foi a necessidade que o espaço físico tinha ou foram praças que apresentavam visibilidade aos citadinos e aos turistas, se utilizando assim dos projetos de revitalização como estratégia política? Essas revitalizações

abrangem toda a cidade de forma que possam proporcionar a utilização desses espaços públicos urbanos à população?

Uma outra fala, a respeito da seleção das praças que receberam os projetos de revitalização, pertinente à nossa reflexão é a do Secretário de Planejamento André Agra:

> *A gente vai vendo primeiro a distribuição de intervenção por bairro né? Quando a gente tem pouca intervenção a gente prioriza as praças*. Segundo é essa necessidade mesmo de, de... a vulnerabilidade dos ambientes, tá certo, e, e, os... é o conjunto de correlações, é vulnerabilidade, distribuição d renda per-capita, isso tudo. (Secretário de Planejamento - André Agra)

Também nesse discurso do Secretário de Obras André Agra podemos identificar que o interesse da gestão pública, em revitalizar determinadas praças, teve como objetivo impactar de forma positiva a população, dando uma melhor visibilidade às ações da gestão atual aos citadinos.

Questionamos, também, aos gestores públicos, a respeito dos projetos implantados, a respeito dos *layouts*, dos elementos arquitetônicos que foram inseridos e os procedimentos que levaram os projetos elaborados e inseridos nessas praças. Obtivemos os seguintes posicionamentos:

> *Nós solicitamos tanto aos Arquitetos da Secretaria de Planejamento pra sugerir*. Os Arquitetos da própria Secretaria, a proposta da praça vai de acordo de a característica do terreno, topografia, sugestão da comunidade, a comunidade as vezes solicita determinado tipo de demanda, tem praça que preciso construir determinado tipo de quiosque para atender a realidade local, outras não, e assim sucessivamente, então a Secretaria também de Serviços Urbanos, *são os Engenheiros da própria Secretaria que as vezes propõe o modelo* de uma praça, *a gente discute e consulta a população e se houver aprovação a gente da sequência aquele modelo proposto pelos arquitetos, engenheiros ou mesmo pela própria comunidade*. (Romero Rodrigues – Prefeito de Campina Grande) (Grifo Nosso)

A fala do Prefeito, denota que os projetos criados pela equipe da PMCG, são idealizados pelos próprios arquitetos e engenheiros da PMCG, com possibilidade de participação da população de forma superficial, e é também ratificada pela fala abaixo, do Secretário de Planejamento, quando demostra a dificuldade ou a incapacidade no processo administrativo referente aos diálogos e à participação da população, ainda que apresenta em seu discurso contradições quanto às solicitações da população de maneira não sistematizada.

> *Esse é um ponto que a gente ainda tem dificuldade. A gente não consegue ainda criar um diálogo com a população, como deveria,* certo. *É uma falha que a gente precisa... a gente tá tentando agora com, com o projeto novo de transparência da gente*... do Observatório [Observatório Social da PMCG]

> *melhorar esse diálogo, mas ainda é muito fraco. A gente escuta muito, mas não é uma coisa sistematizada,* entendeu? Você tem *o Orçamento Participativo, não está muito bom,* vamos dizer assim, a gente precisaria evoluir o orçamento participativo. *Eu acho que tem muito mais a melhorar, do que a justificar. Agora como Prefeitura anda muito, escuta muito, não deixa de ser uma espécie de escuta pública,* agora não é sistematizada como deveríamos fazer. Isso é um dos pontos que a gente precisa melhorar agora na segunda gestão. (Secretário de Planejamento - André Agra) (Grifo Nosso)

Na fala do Secretário de Obras, observamos que há um entendimento, por parte dos gestores, sobre a importância da participação da população quanto às necessidades das aspirações referentes às intervenções urbanas realizadas pela Prefeitura Municipal, mas que os gestores públicos da Prefeitura Municipal de Campina Grande não têm ferramentas que auxiliem neste processo de captação de informações que corroborem com as ações da gestão municipal.

É necessário que a gestão pública desenvolva ferramentas que possibilitem que os citadinos possam opinar sobre suas perspectivas no que diz a respeito às ações realizadas pela PMCG, inclusive as intervenções realizadas nos espaços públicos urbanos da cidade.

Ao questionarmos os gestores sobre a importância das praças no contexto das cidades, buscando compreender a relevância desse projeto de revitalização das praças de Campina Grande, obtivemos os seguintes posicionamentos:

> *A praça é uma demanda que surge todo dia, porque as pessoas percebem que o local fica mais bonito, valoriza as residências do entorno* daquela revitalização e ao mesmo tempo *também melhora a qualidade de vida, acho que muda totalmente* a convivência das pessoas. *Eu recebi por exemplo uma cartinha de uma praça lá no, na Vila Castelo Branco de uma senhora com mais de setenta anos, mandou uma cartinha pra minha casa só pra dizer que, já mora na comunidade há mais de cinquenta anos e tinha pessoas da comunidade que ela nem se quer conhecia, passou a conhecer, a conviver, depois da construção da pracinha com os equipamentos da academia* onde eles passavam a se encontrar pela manhã e ao final da tarde, então é essas mudanças inclusive com sinais claros da redução da violência onde a gente revitaliza um espaço, as vezes é o mato, é o lixo, é a ocupação indevida, e a gente traz exatamente para o convívio das pessoas. (Romero Rodrigues – Prefeito de Campina Grande) (Grifo nosso)

Logo no início de sua fala, podemos perceber a ênfase que o Prefeito dá à visibilidade que as ações realizadas pela PMCG podem trazer para a população, em seguida cita de forma enfática o *feedback* que os citadinos dão às ações que por sua vez são ratificadas no final de sua fala, como ações realizadas pela sua gestão. É importante refletir que as ações concretizadas

pela PMCG precisam de fato, serem voltadas para as necessidades reais dos citadinos, independente da visibilidade que essas atuações tenham por parte da população.

> *A função de uma praça é criar um ambiente.... Permitir a ocupação do espaço público* tá certo, e... a gente precisa lembrar que praça, ou por exemplo o parque, a gente tem dois projetos pilotos de parque, aqui em Campina, que são mini praças, então a..,. *por trás de tudo isso tá um conceito de ocupação do espaço público, porque as pessoas estão desocupando o espaço público com medo. Você vê esses condomínios fechados com paredões... a gente pensa que tá seguro, não está! Porque você vai ter que sair de dentro em algum momento, né! Quando você desabita, as calçadas e as praças você está entregando ao crime*. Tem uma forma muito simples... por isso que quando a gente ilumina – a gente tá investindo muito em iluminação pública – é também pra ocupar as calçadas pras pessoas andarem a noite, porque você não vai andar em uma calçada escura. A população de Campina, como a do Brasil e a do mundo tá envelhecendo. Então, as pessoas precisam usar as praças cada vez mais e as calçadas, por isso é que a gente tem que fortalecer isso. *E aí você promove uma interação interessante, que vai o guri, vai o jovem, vai o idoso, entendeu...?* É um ambiente de respeitabilidade maior. A gente tem poucos casos...na polícia, eles informam a gente.... quando a gente faz as praças, se.. não tem um indício.. Sempre diminui as... os indícios de estatísticas de crime. *Limpou e iluminou, acaba o crime*. Não acaba exagerando o termo né, mas você... se abala a vulnerabilidade do ambiente. (Secretário de Planejamento - André Agra) (Grifo nosso).

Em sua fala, o Secretário de Planejamento discorre sobre conceitos importantes, a respeito dos espaços públicos e o uso, por parte da população, desses espaços, bem como de elementos, tais como uma boa iluminação, que corroboram para o uso desses espaços.

> Uma praça, ela é muito importante para uma cidade né, ela traz... proporciona lazer, conforto para a população daquela cidade, que as vezes não tem nem condição pra ir pra outro local, financeiramente não tem condição de ir pra um cinema, alguma coisa do tipo. E a praça é um ambiente pra você conversar, você ter sua vida social sempre ali presente, então eu achei essa ideia dele [Prefeito] bastante interessante e eu acredito que ao longo do tempo, mais na frente, a partir da gestão dele, outras praças serão reformadas também que o plano dele é reformar também. (Arquiteto da Prefeitura – G. A.)

Na fala do Arquiteto, podemos encontrar elementos que trazem o lídimo sentido que a praça tem para a cidade, como local democrático, acessível a todos, e passível de exercer vida social através das mais variadas dinâmicas de uso. Ao final de sua fala, ele ressalva que essas ações de reformas – termo utilizado pelo arquiteto – partiram do Prefeito, enfatizando também em seu discurso que esse projeto de revitalização das praças é elemento relevante na gestão atual da PMCG.

Em relação à manutenção dessas praças, quando questionamos a gestão da PMCG, obtivemos os seguintes posicionamentos:

> Manutenção as vezes não é fácil, mas a gente faz permanentemente, que existe muitos vândalos né, que *infelizmente a população, muita gente não compreende que mesmo tendo sido edificada uma praça pela Prefeitura, mas ela não pertence ao Prefeito, nem a administração, ela pertence ao povo.* É um bem que de certa forma ele é associado à necessidade e à demanda da sociedade, então algumas pessoas quebram esses equipamentos, em algumas praças a gente implanta brinquedos também. *Eu lembro que em um local da cidade, a gente pra implantar um brinquedo e as crianças estavam em cima do brinquedo tamanha que é a carência também, na hora da implantação, eles não saiam nem se quer de cima do brinquedo, então as vezes se associa essa questão da necessidade, da carência da população e geralmente em muitos locais da cidade que as vezes os equipamentos se quebram, os brinquedos se danificam, as vezes pelo uso continuo, mas também as vezes por algum tipo de delito que é praticado por alguém que faz o uso indevido daquele equipamento.* Então existe uma equipe vinculada tanto a Secretaria de Juventude, Esporte e Lazer, coordenada por Teles Albuquerque, que cuida dessa questão da recuperação de alguns equipamentos(...) a gente tem que fazer isso assim de forma continuada, termina sendo assim, um custo adicional que a gente tem de certa forma a partir da construção de cada praça, a gente inserir, eu diria mais um custo adicional pra da manutenção e em alguns locais a gente consegue, a exemplo da pracinha da FIEP[Federação...], fazer um Convênio, uma parceria público privado e nesse especificamente seria o modelo ideal, você construir uma praça e buscar alguém da iniciativa privada, alguém que tem uma certa condição, ou alguém de alguma empresa que possa adotar aquela praça porque a gente passa a ter uma preocupação a menos em relação a questão do cuidado e da manutenção. (Romero Rodrigues – Prefeito de Campina Grande) (Grifo nosso)

O Prefeito ressalta que é de grande importância realizar manutenção periódica das praças, enfatizando que há na gestão atual equipes que estão realizando esses serviços de reparos nos equipamentos instalados nas praças, porém com a pesquisa de campo, pudemos observar que as praças apresentam elementos sem consertos, a exemplo de bancos danificados, aparelhos da Academia Popular quebrados, lixeiras deterioradas, dentre outros elementos avariados. Poucas vezes foi possível observar, uma equipe da prefeitura realizando a limpeza das calçadas e das jardineiras.

As falas do Prefeito e do Secretário de Planejamento (abaixo), afirmam que é necessário que as empresas privadas adotem uma praça para que assim possam realizar manutenção da mesma, logo, isso faz com que surjam os seguintes questionamentos: Será mesmo que essa adoção consegue favorecer a praça de forma que a praça permaneça como espaço urbano público com acesso livre e democrático pelos citadinos? Não poderá gerar, controles de uso, por parte das empresas que adotarem essas praças?

> Que é uma coisa que eu já defendo, é que o certo era a gente fazer a praça e alguém adotar... como a gente fez por exemplo aquela praça da FIEP e quem mantem é a FIEP, então você consegue, é desonerar o custo público e mantem uma, uma... Garantir uma manutenção bem melhor né, sem gastar dinheiro público. *E eu acho que, a população... a gente deveria fazer programas melhor, para a população também adotar, ela própria adotar*... cuidar do jardim, plantar, entendeu, assim, isso é fundamental. Por isso que eu digo, é um dos mecanismo que a gente não conseguiu ainda acionar bem. Que não é fácil! (Secretário de Planejamento - André Agra) (Grifo nosso)

A partir desses discursos, percebemos o desinteresse por parte da gestão da PMCG em um investimento em cultura patrimonial pública para os citadinos, enfatizando a importância do patrimônio público como forma de pertencimento pelo que pertence a cidade e aos que dela usufruem.

A seguir, traremos as análises da pesquisa de campo das quatro praças objeto de estudo desta pesquisa, apresentando as observações quanto às suas dinâmicas de uso e as suas territorializações.

3.1 Praça da Bandeira

Praça de referência na cidade[12], localizada no Centro (Figura 71), possui atualmente uma área de 3.621,79m2 e como já mencionada anteriormente, durante sua trajetória, passou por diversas transformações quanto à sua morfologia. “Essa praça representa o marco zero da cidade, então isso pra mim é o ponto mais importante.” (Praça da Bandeira – Morador do entorno imediato).

[12] É um espaço público onde aconteceram e ainda acontecem importantes fatos da história política, social e cultural da cidade, como exemplo a ser citado de um fato histórico, temos a visita do Presidente Argemiro de Figueiredo à praça, momento este onde foi protagonizado um grande conflito político durante a inauguração do prédio dos Correios e Telégrafos, situado no entorno imediato a praça, em 9 de julho de 1950, deixando mortos e feridos, e também como exemplo atual, o evento de renome nacional como o Festival de Inverno da cidade de Campina Grande, onde a realização de grandes manifestações artísticas populares acontecem.

Figura 71: Mapa de Localização da Praça da Bandeira

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

A Praça da Bandeira, também conhecida pela população como a “Praça dos Pombos”, pode ser classificada como um lugar onde há presença marcante do comércio, de eventos culturais, de acontecimentos sociais sendo uma praça composta por cafés, bancas de revistas e que proporciona rodas de conversa sobre política e cotidiano. Um lugar de passagem e também de permanência, lugar de descanso e de contemplação e à noite palco de um intenso comércio informal como os de trailers de venda de lanches e a venda de CD’s e DVD’s piratas e a permanência de farmácias abertas neste período em seu entorno imediato, mantêm a praça em movimento pelos citadinos, turistas e estudantes das universidades e faculdades do entorno que têm a praça como ponto de encontro, “encontro de pessoas de várias idades” (Comerciante)

Muitos que ali comercializam enfatizam a importância dessa praça em sua vida, pois é deste local que eles tiram o seu sustento, seja nos comércios formais, seja nos comércios informais. Os que utilizam esta praça para comercializarem, ao serem entrevistados relatam a importância da Praça da Bandeira para essa finalidade.

> *Rapaz, essa praça pra mim significa sabe o quê? Eu diria, pra mim é uma das melhores coisas pra mim na vida, até.... durante os vinte anos, uma das melhores coisa pra mim na vida* pelo seguinte, porque aqui nessa praça, através desse *carrin* de lanche aí, desse local aqui de trabalho, que é o meu local de trabalho até hoje, eu diria que essa praça aqui é um, é um local maravilhoso*, se não foi continua sendo um local maravilhoso pra mim, pelo seguinte, porque aqui, nessa praça aqui que até hoje* durante esses vinte anos eu tenho ganhado o meu ganha pão, eu tenho conquistado as coisas materiais

> que um ser humano mais sonha que é uma casa própria, um caro de passeio e o pão de cada dia. Então pra mim essa praça é, é um até, eu posso dizer um presente de Deus, essa localização até hoje." (Praça da Bandeira - Comerciante)

Observamos que, no discurso acima, a Praça da Bandeira é relevante por fazer parte de sua vida durante anos, proporcionando-lhe conquistas materiais importantes, para ele, assim também como para o comerciante entrevistado abaixo.

> Depois de 24 anos aqui, significa um bocado de coisa, vissi. Eu acho que até a minha vida tá, tá inserida aqui dentro. Eu acho que se me tirarem daqui eu morro... acho que num dá 30 dias eu apago. É mesmo! Porque passa a ser a vida da pessoa né? 24 anos convivendo com pessoas aqui, você conhece muita gente, você passa *Depois de 24 anos aqui, significa um bocado de coisa, e Eu acho que até a minha vida tá, tá inserida aqui dentro. Eu acho que se me tirarem daqui eu morro... acho que num dá 30 dias e* a conhecer muitas pessoas, e depois você, você fica tão envolvido com aquele seu dia a dia, que, que é provável que você não resista, se lhe tirarem dum local desse que é meu caso, que é o meu caso. Se dissessem, rapaz você num pode vim pra qui mais não, eu acho que, que eu não resisto não. Pode acreditar. (Praça da Bandeira - Comerciante) (Grifo nosso)

Nesta fala o comerciante relata, também, que a importância dessa praça vai além dos bens materiais conquistados pela utilização da praça como lugar de trabalho, uma vez que possui significados sociais valorosos, como as experiências vivenciadas pelos usos de cunho social que ali vivenciou durante esses anos.

A revitalização da Praça da Bandeira teve início no dia 22 de fevereiro de 2016, tendo em todo o seu entorno, exceto o prédio comercial existente na praça, a instalação de tapumes para que as obras fossem realizadas. A retirada dos tapumes e o acesso para a população foi realizada no dia 1 de agosto de 2016, todavia, ainda restam alguns serviços de acabamento a serem executados, como retoques de pinturas, acabamentos nos banheiros e pinturas dos bancos dos engraxates.

Tudo isso revela a urgência dos gestores públicos na reabertura do local para o citadino devido tamanha importância desta praça para a cidade no contexto que ela ocupa em sua localização, tantos para os de passagens, como para os de permanência, bem como para os que ali comercializam de maneira formal ou informal. Importante destacar que a reforma foi paralisada no período de 7 de março de 2016 a 7 de abril de 2016, devido a uma ação de embargo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba. Nas figuras 73 e 72 podemos observar a praça antes e depois da revitalização.

> Eu achei pontual foi a troca do piso, eu gostava muito da Pedra Portuguesa, mas não tinha a manutenção né. Inclusive tinha uns desenhos, é na pedra que,

> o próprio objeto possibilita esse tipo de configuração, que se perdeu, você não tem. Esse tipo de piso aqui é ótimo, ele tá plano, não tem buraco, mas, porque é uma coisa recente e que passa por uma manutenção, então eu acho que a pedra poderia ter continuado, se houvesse uma manutenção, uma manutenção dos desenhos, que era muito interessante. Outra coisa que mexeram foi aqui no busto de Juscelino. No busto não, na estátua de Juscelino. Esse pedestal dele, eles fizeram outro, era revestido de mármore, mármore da época, e eles tiraram e colocaram granito, achei uma coisa absurda e desnecessária, e a placa também que eles mexeram na placa. Então assim, você ver que é uma falta de respeito, uma descaracterização do monumento e aqui é um monumento importante de Campina Grande. Faltou arborização e faltam obra de arte também. *Que toda praça, em qualquer lugar civilizado tem obras de artes e aqui a gente não tem. Inclusive tem uma Lei municipal que outorga esse tipo de atitud*e né, de você, uma obra a partir de mil e duzentos metros quadrados, se eu não me engano, você colocar uma obra e o próprio poder público não faz isso. A gente perde um pouco essa questão de diversidade cultural e artística, enfim." (Praça da Bandeira – Morador do entorno imediato) (Grifo nosso).

Na fala do morador, é interessante perceber o olhar atento aos detalhes dos elementos que compõem a praça e percebemos, também, o sentimento de pertencimento presente sob essas configurações e que a partir das mudanças desses aspectos, o fizeram refletir sob o impacto que revitalização trouxe a praça, elencando elementos que poderiam ter sidos inseridos afim de contribuir com um espaço mais diverso.

Figura 72: Praça da Bandeira antes da revitalização

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017.

Figura 73: Praça da Bandeira após revitalização

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Os elementos revitalizados na praça foram os seguintes:

a) Piso da praça: substituição das pedras portuguesas por blocos Inter travados;
b) Rampas de acesso: instalação de rampas de acesso nos desníveis das áreas de acesso que contemplam serviços de comércio;
c) Piso tátil: sinalização no piso, ampliando o acesso a deficientes visuais;
d) Revitalização dos bancos;
e) Instalação de mesas com tabuleiro para jogos como dama e xadrez;
f) Instalação de lixeiras:
g) Prédio voltado ao comércio: fachadas, cobertura e iluminação;
h) Bancos dos engraxates;
i) Manejo ambiental dos pombos;
j) Novo sistema de Iluminação.

Na figura 74, é possível identificar alguns desses elementos inseridos nesta revitalização.

Figura 74: Praça da Bandeira, 2018.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

É possível afirmar que esta é uma praça que não para. As mais variadas territorializações acontecem na Praça da Bandeira durante as 24h do dia. Até mesmo na madrugada, territorializações podem ser observadas, como a circulação de pessoas pela praça, citadinos que a utilizam tanto bancos como jardineiras para dormir, como crianças e adultos mendigos, bem como pessoas que a utilizam para namorar. Nem sempre está ocupada em todas estas formas de territorializações durante todos os dias da semana, mas é possível encontrar pelo menos uma ou duas dessas formas de territorializações desta praça durante a madrugada.

Durante o dia a Praça da Bandeira apresenta variados tipos de usos e territorializações sendo praticadas por toda faixa etária da população. Durante a pesquisa de campo, percebeu-se, com mais constância, o uso da praça como lugar de passagem, por dentro ou pelo seu entorno, seja para ir a seus destinos ou voltar para os seus pontos de partidas.

A Praça da Bandeira apresenta abertura para esse tipo de uso nos percursos exercidos pela população, não existindo elementos arquitetônicos, em seu layout, que interfiram de forma significativa na impossibilidade desta utilização, embora as ruas que entornam a praça nem sempre favoreçam aos transeuntes o acesso a praça, seja pelo intenso fluxo de veículos que trafegam por essas vias ou pela falta de sinalização, tanto verticais quando horizontais que possibilitassem de forma mais segura o acesso da população à praça para esse tipo de uso, estando os transeuntes às vezes atentos aos detalhes e acontecimentos que ocorrem no interior

e no entorno da praça de forma despretensiosa e intuitiva durante seu deslocamento, os citadinos procuram de uma forma ou de outra utilizar desta praça como local de passagem.

Observamos que as pessoas entram na praça por curiosidade a algum acontecimento social/cultural/político que esteja acontecendo no interior da mesma, outras pessoas são atraídas por algum elemento paisagístico/arquitetônico – refrigério devido a presença das árvores que contem no interior da praça o que não ocorre nos passeios no outro lado das ruas que circundam a praça - alterando o trajeto de seu percurso por um instante de tempo para matar sua curiosidade ou amenizar a sensação térmica, passando pelo interior da praça.

Assim se configura o uso de passagem na Praça da Bandeira durante o dia e no período noturno devido ao novo sistema de iluminação da praça que possibilita uma melhor visualização das ações que ocorrem no interior dela – quando menos iluminada as pessoas evitavam circular em seu interior utilizando o entorno como meio para transitarem, dentre outros usos que iremos abordar no decorrer deste trabalho.

As dinâmicas de usos que ocorrem na Praça da Bandeira são várias, logo, apresentaremos alguns dos usos de permanência que ocorrem no interior da praça os quais têm ligação direta com os elementos arquitetônicos existentes no interior da praça que geram apropriações e territorializações marcantes.

Um dos usos que se observa é a praça como local para descanso e contemplação. Apesar do intenso fluxo de pessoas e veículos gerando um denso grau de ruído no entorno e no interior da praça, há usuários que, de acordo com o que até aqui observamos, vão à praça para sentar, descansar, observar o que ocorre ao seu redor, de forma que possam descansar e/ou contemplar. Em ambos os períodos, diurno e noturno, essa apropriação é realizada pelos usuários da praça. Um fato a se destacar neste tipo de uso, é a utilização dos locais para sentar, pois a praça não contempla bancos próprios para isso, sendo as jardineiras existentes que têm uma altura que possibilita as pessoas sentarem. Em alguns trechos das jardineiras existem revestimentos de pedras de granito que demarcam locais para serem utilizados como assentos, mas que devido à pouca quantidade, os usuários não só utilizam dessas demarcações mas também as próprias jardineiras que são revestidas com pastilhas, como assentos. Outros usuários utilizam a própria grama das jardineira para sentarem. É possível ver usuários que nos horários de almoço levam suas marmitas e almoçam sentados nas jardineiras e depois descansam até a hora de voltarem ao seu trabalho.

Por serem de material (granito e pastilhas cerâmicas), durante o dia em dias de alta temperatura os bancos aquecem o que faz com que os usuários procurem jardineiras protegidas com as sombras das árvores evitando assim os “assentos e jardineiras aquecidas pelo sol. A noite a escolha se dá de forma diferente, pois geralmente os usuários procuram as jardineiras que são mais próximas dos pontos de iluminação instalados na praça, existindo também quem procure os lugares menos iluminados, esses em sua maioria são os casais de namorados que o fazem. As Figuras 76 e 75 podem ilustrar bem essa observação:

A existência de bancos em materiais que melhor funcionam na presença de altas temperaturas para essa função, como a madeira, poderiam ser instalados, em números mais satisfatórios e em locais ondem pudessem dar o conforto ao ambiente, como embaixo de árvores por exemplo, podendo contribuir para uma melhor apropriação deste uso da praça como lugar de descanso e contemplação, fato esse que deve ser observado pelos projetistas arquitetônicos.

Figura 75: Praça da bandeira – assentos dia

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Figura 76: Praça da Bandeira – assentos noite

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Na praça existe um prédio com pontos comerciais onde estão disponíveis serviços de lotérica, de venda de produtos variados importados, bancas de revistas, assentos para serviço de engraxate e um café que está presente neste local há mais de 20 anos, sendo este estabelecimento- a cafeteria- ponto de territorialização pelos usuários, que em sua maioria têm faixa etária elevada, onde se encontram para papear sobre os mais variados assuntos do dia a dia ligados à política, cultura etc. e fazer também um lanche. Este estabelecimento fica aberto nos períodos diurno e noturno e apesar de em menor tempo no período noturno, no local é possível encontrar sempre esse grupo de usuários que utilizam deste espaço no interior da praça para exercer a função de encontro, de papear e viver o cotidiano da praça. Muitos desses usuários utilizam dos engraxates, nestes momentos para engraxarem seus sapatos que ficam bem próximos à cafeteria. A figura 77 apresenta esta observação descrita acima.

Figura 77: Praça da Bandeira – Cafeteria

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Dos novos elementos que foram inseridos na praça após a revitalização, percebe-se a instalação de duas mesas de granito esculpidas com desenho de um tabuleiro para jogos como xadrez em seus tampos e dois bancos em granito em cada uma das mesas, para práticas desse tipo de atividade, atividade, que, diga-se, já vinha sendo exercido pelos citadinos nesta praça, com a utilização das jardineiras como apoios, sendo ainda em quantidade insuficiente, utilizando as jardineiras como local também para esse tipo de uso

Contudo, podemos refletir, a partir da observação feita quanto ao uso desses elementos, tanto no período diurno como no período noturno: o material e a localização da instalação dessas mesas, que são fixas ao piso da praça não podendo ser movimentadas, impõe seu uso de acordo com o período do dia, sendo no período diurno a utilização da mesa que fica situada embaixo das sombras das árvores, o que possibilita um menor aquecimento dos bancos e da mesa de granito que aquecem com a incidência solar direta gerando desconforto e/ou impossibilitando o uso desses elementos. Já no período noturno a mesa utilizada pelos citadinos para a prática da atividade de jogos de tabuleiro é a mesa que se posiciona abaixo do poste de iluminação, por possibilitar um melhor conforto visual para o uso dela. Em alguns momentos essas mesas são utilizadas pelos citadinos, apenas para conversarem ou ficarem observando os acontecimentos que ocorrem na praça. As Figuras 78 e 79, nos proporcionam essa observação quanto ao uso diurno e noturno.

Figura 78: Praça da Bandeira – mesas e bancos dia

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Figura 79: Praça da Bandeira – mesa e bancos noite

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Há também, ainda, quem utilize as próprias jardineiras como espaço para esse tipo de uso, assim como eram utilizadas anteriormente, como mostra a figura 80.

Figura 80: Jogo de Tabuleiro e Jardineiras

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Um fato que pode passar despercebido por muitos, mas que tem relevância para alguns usuários desta praça, refere-se à ausência da instalação de um bicicletário na praça. Com um olhar mais atento podemos observar que existem citadinos que vêm a usufruir da praça estando de porte de suas bicicletas e como não tem onde guardá-las, deixam-nas dispostas em vários lugares da praça. As figuras 81 nos possibilita observar esse fato.

Figura 81: Praça da Bandeira – bicicletas

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Outro elemento substituído na revitalização da Praça da Bandeira foi o sistema iluminação artificial da praça. Antes da revitalização, o espaço continha apenas seis (06) pontos de iluminação com luminárias de duas pétalas e após a revitalização adquiriu dezoito (18) pontos de iluminação, sendo onze (11) luminárias de 9,0m de altura com duas pétalas e uma (01) luminária de 9,0m com uma pétala no entorno da praça mais seis (06) luminárias de 4,5m com duas pétalas no interior da praça. A diferença entre as alturas desse pontos de luz artificial, tem relevância pelo fato das necessidades de iluminação para as funções de uso da praça. Também foram substituídas as fontes de luz, que antes eram de vapor de sódio e hoje são lâmpadas de LED, sendo fontes que trazem melhor iluminação à praça, proporcionando um ambiente mais iluminado. Apesar da ampliação dos pontos de iluminação na praça, ainda é possível observar locais com intensidade luminosa baixa. Na Figuras 82, podemos observar que existiam seis pontos de iluminação, já na Figura 83 conseguimos perceber a intensidade de iluminação que a praça adquiriu após a instalação do novo sistema de iluminação implantado.

Figura 82: Praça da Bandeira – Postes de Iluminação

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017

Figura 83: Praça da Bandeira – iluminação noite

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

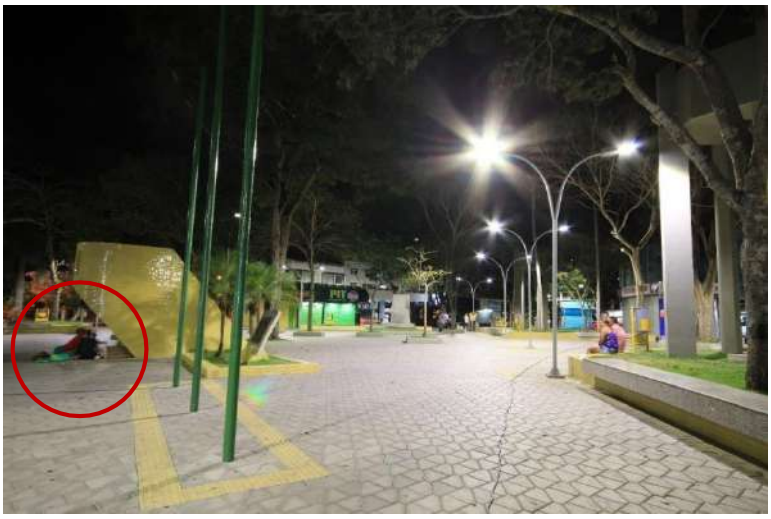
Um dos relatos a respeito da importância do novo sistema de iluminação quanto a ocupação da praça pelos citadinos no período noturno.

> Uma das coisas que, que melhorou o fluxo de pessoas aqui, foi a iluminação. Porque antes dessa reforma a iluminação era fraquíssima, entendeu? Muito fraca mesma. Ficava escuro, era, era até perigoso até pra...até as pessoas que chegavam aqui – mas rapaz, que praça escura – e com a reforma... porque claridade é sinônimo de higiene, entendeu? Claridade é sinônimo de higiene e segurança, então assim, ela melhorou muito. Se bem que, que eu acho que deve ter mais iluminação ainda. Ela deve ter mais iluminação ainda. (Praça da Bandeira - Comerciante)

O novo sistema de iluminação trouxe à praça uma sensação maior de segurança, sendo um dos elementos de maior significância relatados por vários entrevistados.

Na Figura 84 podemos verificar, a partir de uma observação em campo feita durante o período noturno, a utilização do púlpito como abrigo para passar a noite, por crianças moradoras de rua, caracterizando assim uma territorialização deste local na praça. O uso deste local para este fins, dá-se devido ao púlpito gerar uma área de sombreamento da iluminação artificial não gerando um desconforto visual.

Figura 84: Praça da Bandeira – moradores de rua



Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Alguns dos comerciantes locais ao serem questionados a respeito de quem deveria cuidar, zelar e realizar a manutenção desta praça, relataram uma insatisfação quando ao uso da praça como dormitório pelos moradores de ruas:

> Primeiro lugar eu colocava, eu aguava mais aqui as plantas, pra ficar mais verdinha né, eu colocaria flores né. Eu colocaria uma pessoa pra ficar de dia e de noite zelando por ela. Eu não permitiria que pessoas ficassem dormindo nela, porque tem hoje, hoje, tem pessoas que estão dormindo nela, nessa praça, e, e não porque eu não tenho amor pelas pessoas, mas acontece o seguinte, é, se você não organizar as coisas, viram bagunça. Não pega bem pra praça! (Praça da Bandeira – Comerciante)

> O privado. Só que essa praça aqui, ela tá num local, onde dificilmente, o privado vai dá conta devido muitas pessoas abandonada pela rua, que faz da praça moradia, que faz da praça moradia. E é preciso que, que retire esse povo, porque senão vira favela. Há tem que ser na chibata, pra não, pra não encostar, isso ai é o que tinha que ser feito, não encostar o forasteiro, o mendigo de rua, todo mundo tem família rapaz, então vá pra casa, todo mundo tem família, vá dormir em casa, vá morar em casa e não na praça. É isso mermo, não é diferente não. Num é diferente, num tem que ser bonzin pra ninguém ficar na rua, passando fome e frio não. Todo mundo tem família. O cara abandona a família por que usou droga, encheu o rabo de droga, ai quer vim morar na Praça da bandeira? Não! De maneira alguma. (Praça da Bandeira – Comerciantes)

Um dos elementos que tinha relevante significado no contexto da Praça da Bandeira, era a presença dos pombos, os quais fazem parte da memória de muitos citadinos que em seus momentos de descanso e lazer na praça, alimentavam-nos. Corre que, com a revitalização, a Vigilância Ambiental de Campina Grande começou a realizar um trabalho de remanejamento

dos pombos - manejo ambiental- na praça, alocando-os para o seu habitat natural, justificando que a presença deles gerava risco a saúde da população que tenham vivência com os pombos, assim os dois (02) pombais que existem na praça e serviam de abrigo para os pombos foram vedados e um trabalho de proibição de venda de milho na praça pelas bancas de revistas e ambulantes locais foi realizado. O trabalho de manejo é lento mas permanece sendo realizado pela Vigilância Sanitária, mas ainda é possível perceber a presença de pombos na praça conforme podemos observar na Figura 85.

Figura 85: Praça da Bandeira – pombos

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Um outro ponto a ser destacado e quem tem tradição como prestação de serviço encontrado na praça é o local para engraxates (Figura 86) com bancos os quais foram reparados nessa revitalização, mas é possível observar que não houve uma total recuperação dos bancos, sendo apenas realizada a pintura das bases dos bancos e a troca de revestimento de uns assentos. Todavia, é possível perceber a ausência de outros acentos em alguns bancos.

O local onde se encontra os bancos fica no centro de um hall de passagem de pessoas no prédio comercial existente na praça. Ainda é possível ver pessoas ofertando o serviço de engraxates, e que alguns citadinos que estão na cafeteria utilizam também este serviço.

Figura 86: Praça da Bandeira – engraxates

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Uma territorialização sempre presente em uma área da praça que se localiza em frente ao Colégio das Damas, é a de um grupo de usuários que compartilham a experiência de trocas, vendas e compras de figurinhas de álbuns, utilizando as jardineiras locais para negociar, e alguns trazem mesas e cadeiras de plásticos para também auxiliar nesta experiência. O ponto de encontro para esse uso da praça permaneceu o mesmo após a revitalização, tendo sido observado no período que precede a Copa, a presença mais intensa desses usuários nos finais de semana e ocupando outros locais da praça para essa atividade. As Figuras 88 e 87 mostram essa prática sendo realizada no mesmo local antes e depois da revitalização.

> Na verdade eles [a PMCG] trocaram o piso né, *a reforma foi basicamente trocar o piso e como toda obra pública é mais espetaculosa do que propriamente uma concretização da necessidade de quem frequenta né, ou de quem passa. Então assim, a praça continua do mesmo jeito, sem atrativo*. Você cuida da fisicalidade da praça né, foi o mínimo que ele fez, foi trocar o piso, o Secretário de Serviço de Obras [Serviços Urbanos], trocou o piso da praça e colocou essas pastilhas nas paredes, *o mobiliário continua o mesmo*, enfim, trocou a iluminação, e só. *Faltou a parte humana né, que seria uma possibilidade de vincular, manifestações das pessoas, sei lá, tem o clube de xadrez, enfim, aglutinar essas coisas aqui, de modo que se pudesse fazer um uso mais adequado né e a gente pudesse também participar dessas possibilidades, por exemplo, tem aqui em Campina Grande, o pessoal do Futebol de Mesa, tipo Futebol de Botão, e eles não tem onde jogar,* então quando se reúnem na casa de alguém pra disputar os torneios, por que não esse torneio não ser na praça? Tem muita gente que não conhece futebol de mesa, a gurizada. Outra coisa interessante que eu acho é, agora a gente tá com o álbum da copa do mundo aí nas bancas, e no domingo, eles se reúnem aqui

> pra trocar figurinha, enfim, isso é uma troca humana, eu acho, das mais importantes no sentido humanista da praça. Isso é só um exemplo pra eu ilustrar de como eu percebo o espaço e o poder público poderia incentivar mais esse tipo de atividade, atividade lúdica." (Praça da Bandeira – Morador do entorno imediato)

Na fala do morador do entorno imediato, podemos observar a percepção que ele teve quanto a ação da revitalização da praça por parte da gestão da PMCG como forma de espetáculo para a sociedade, sendo pouco assistida as necessidades dos usuários para a praça, pelos gestores.

Figura 87: Praça da Bandeira – trocas de figurinhas antes da revitalização

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Figura 88: Praça da Bandeira – trocas de figurinhas depois da revitalização

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Uma outra territorializações da praça é sua utilização da praça por alunos, que ocorre durante horários específicos diurnos e noturnos, quando saem das escolas e faculdades/universidades que existem no entorno imediato e nas proximidades da praça, e que ao saírem que se deslocam para a mesma e a ocupam, geralmente uma área no centro da praça em grupos pequenos para conversar, observar, namorar e descontrair enquanto esperam o horário de irem para seus destinos. Geralmente essa apropriação ocorre em um intervalo de uma (01) a duas (02) horas de duração e nos horários de 12hs às 14hs e das 17hs às 19:30hs. Citadinos que trabalham no centro também utilizam o intervalo do almoço para a mesma apropriação.

No horário diurno é comum acontecer algumas manifestações do tipo cultural não permanentes - a exemplo do Festival de inverno - tendo várias apresentações artísticas de danças, músicas, shows são realizados, assim como também, apresentações de repentistas, visitantes de outras cidades que apresentam com sua arte de cantar para vender seus cd´s dentre outras manifestações culturais realizadas pelos mais variados grupos sociais e, também, organizada pela Secretaria de Cultura de Campina Grande, a exemplo da apresentação de músicos da cidade e da região que se apresentam nas quartas-feiras durante o dia na praça.

Também as manifestações políticas são bem presentes em toda a história desta praça, a exemplo do hasteamento das bandeiras no dia 7 de setembro, em período de campanha eleitoral os passeios do entorno da praça são utilizados para divulgação dos candidatos que concorrem as eleições através de portas bandeiras dos candidatos, distribuição de folders etc. Um outro exemplo destes atos políticos que aconteceu no período desta pesquisa foi a entrega de ambulâncias ao SAMU, pelo prefeito Romero Rodrigues, sendo um pequeno palanque erguido com o pronunciamento de atores da esfera pública.

Também durante o período da pesquisa puderam ser vistas outras manifestações de cunho político/social a exemplo da manifestação realizada como forma de protesto sobre a morte da Vereadora do Rio de Janeiro, Marielle Franco, morta a tiros quando voltava do evento "Jovens Negras Movendo as Estrutura" e também manifestações sobre a prisão do presidente Lula, dentre outras.

Também manifestações religiosas estão sempre presentes na praça da Bandeira, como exemplo podemos citar a utilização da praça para apresentações de cunho religioso, realizadas pelo Encontro da Nova Consciência, ou também o projeto Terço na Praça, realizado por uma comunidade da Igreja Católica que acontece uma vez por mês, geralmente na sexta-feira, geralmente às 17hs, dentre outras manifestações religiosas por outras entidades religiosas como cultos evangélicos que sempre acontecem nas quintas-feiras etc.

Segundo o administrador da Praça da Bandeira, boa parte dos eventos que acontecem na praça devem ser solicitados junto a SESUMA[13], para que não haja problemas relativos ao uso do mesmo espaço dentro da praça, ou por exemplo, interferência de som, casos sejam utilizados equipamentos de som entre os eventos que porventura possam ocorrer em um mesmo horário, mas relata também momentos em que manifestações públicas acontecem sem prévia informação e solicitação de autorização para que ocorram. O fato é que se levarmos a uma reflexão esses agendamentos, apesar de aparentarem um ato estratégico de organização da utilização da praça, que é um espaço público urbano, podemos refletir sobre a utilização livre dos usos diversos – como de passagem ou de permanência, de contemplação, para conversar, etc.- das ocupações – através das manifestações políticas e sociais, das atividades culturais, etc. - das territorializações – local para a prática de jogos de tabuleiro, venda de lanches, reunião de amigos para papear etc. sem o controle do poder público nos espaços públicos urbanos como

[13] Secretaria de Serviços Urbanos e Meio Ambiente

é, este caso da Praça da Bandeira, que por ser tida como um espaço público e que de fato é, não deveria se proibir ou precisar de autorização e/ou agendamento para o uso da praça pelos citadinos e os demais movimentos, órgãos etc. A figura 89 mostra algumas dessas territorializações citadas que acontecem na Praça da Bandeira.

Figura 89: Manifestações e atos Praça da Bandeira

Fonte: Pesquisa de campo, 2017- 2018

A praça também é utilizada para eventos comerciais/sociais – a exemplo de imobiliárias que instalam toldos para comercialização de imóveis, e/ou entidade ou grupo de pessoas que arrecadam alimentos, roupas, brinquedos para doações. São realizadas com bastante frequência uma feira de flores, bem como uma ação social de distribuição de mudas de arvores da vegetação nativa para a população, através de entidades privadas e públicas, foi possível ser visto no período de observação do trabalho em campo para esta pesquisa.

Uma outra ação social é a distribuição de sopas em alguns dias da semana, que é realizada por instituições religiosas. Essas ações realizadas na praça, em sua maioria, são realizadas nas proximidades dos passeios em frente aos shopping popular (camelôs) por ser um espaço na praça que proporciona maior visibilidade aos que estão dentro dela, podendo também ser vistas pela população que circula nos passeios do outro lado das ruas que circundam a praça.

As bancas de revistas existentes na praça, proporcionam aos citadinos não apenas a compra de revistas, jornais, etc. mas também se mostram como pontos de sociabilidade, propiciando ao compradores ou aos passantes, pontos de encontros que favorecem trocas sociais como conversas entre os que ali buscam realizar suas compras ou suas visitas ao local. Foi possível observar que alguns usuários da praça utilizam os bancos existentes que são mais sombreados pelas árvores para realizarem leituras, como podemos observar na figura 83 esse

tipo de uso da praça pelos seus usuários. As bancas de revistas ficam abertas pela manhã, tarde e um período a noite, não se estabelecendo um horário fixo para seus fechamentos e em algumas ocasiões foi possível verificar que elas ficam abertas, também, nos dias de domingo.

Figura 90: Leitura na praça

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Na Praça da Bandeira existem alguns locais específicos utilizados como pontos para o uso de transportes públicos, sistema de ônibus e o de Moto Taxi (Figura abaixo) – sistema de transporte formal e informal bastante praticado pelos citadinos, bem como também, um ponto de taxi em uma das ruas do entorno imediato da praça localizada em frente à Escola Damas. A prática de ponto para utilização de transporte público nesta praça pode ser vista desde o início da criação desta praça como é possível ver na historiografia desta praça presente neste trabalho.

Nesta última revitalização, as paradas de ônibus antes existentes na praça, foram relocadas para outro ponto na mesma rua (Avenida Floriano Peixoto) de fronte ao antigo prédio do Fórum, e que segundo a STTP[14], a medida foi evitar principalmente o desconforto dos passageiros, após a colocação dos tapumes para a realização da obra, mas que mesmo após a conclusão das obras de revitalização, os pontos de ônibus não retornaram ao local anterior sendo justificado pela STTP como uma forma de melhorar o fluxo de veículos naquela área pois antes gerava congestionamentos naquele trecho. Apesar desta relocação dos pontos de ônibus públicos, ainda é possível observar vários estudantes oriundos de cidades da região próxima a Campina Grande, aguardarem os ônibus escolares, na praça, sendo esta dinâmica de uso bastante presente ainda na Praça da Bandeira. “A gente sempre vem pra cá, aí a gente fica aqui

[14] Superintendência de Trânsito e Transporte Público.

sentado conversando até o ônibus chegar. Mas ele geralmente chega umas seis horas, que dá tempo do povo sair da universidade e dos cursinhos, e depois a gente vai pra casa." (Entrevistado PA-11 – Usuário da Praça).

Ainda sobre os pontos de transportes públicos presentes na Praça da Bandeira, a figura abaixo, mostra a configuração do ponto de Moto Taxi.

Figura 91: Ponto de Moto Taxi

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

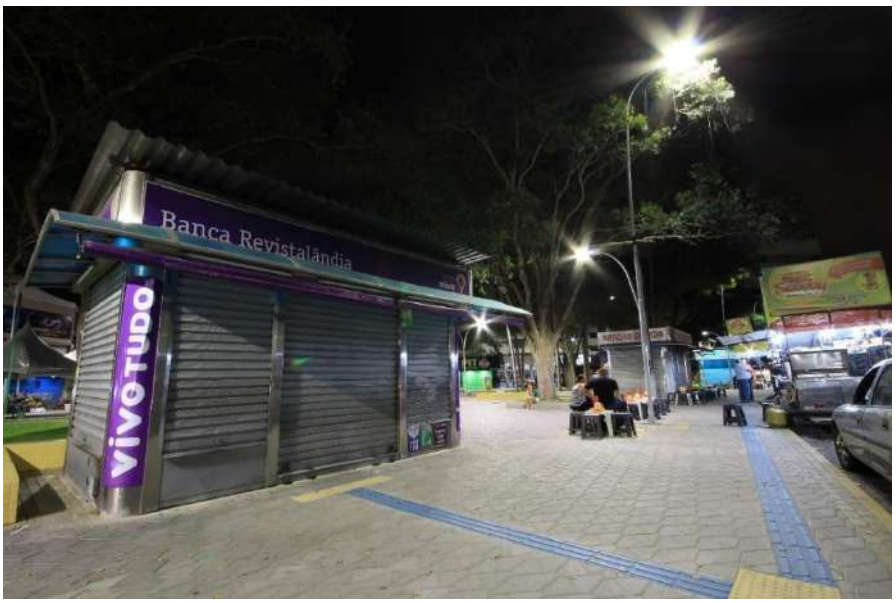
Já no período noturno, outras dinâmicas de uso e territorializações acontecem na Praça da Bandeira, a exemplo de comércio informal, ocupação por moradores de rua como local para dormir, casais de namorados, etc. as quais iremos descrever com mais detalhes, abaixo. Como marcante territorialização neste período, podemos observar que no perímetro do entorno da praça, trailers de lanches são estacionados para a venda de diversos tipos de lanches, e os seus proprietários utilizam os passeios da praça para acomodar mesas e cadeiras para os citadinos que queiram lanchar. É comum também perceber a prática de carros estacionarem próximo aos trailers para compra de lanches, de forma que ao efetuarem a compra em seguida seguem para seus destinos. "Esta praça representa o meu pão de cada dia, o meu sustento." (Entrevistado PA3 – Comerciante).

Há, ainda, nas calçadas do entorno da praça e nas calçadas do outro lado das ruas que tangenciam a praça, vendedores de CD´s e DVD´s piratas. Alguns estabelecimentos de farmácias no entorno imediato a praça permanecem abertos no período noturno, contribuindo para uma dinâmica de usos desta. As Figuras 92 e 93 apresentam essas dinâmicas.

Figura 92: Praça da Bandeira – trailer lanche

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Figura 93: Praça da Bandeira – trailer lanche 2



Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Outro uso que se faz é a utilização da mesma como ponto de prostituição, onde homens e mulheres territorializam em algumas áreas aguardando clientes ou esperando os marcados.

Não há um horário especifico para esse tipo de uso da praça, sendo possível ser observado essa pratica em vários horários durante todo o dia na praça.

Podemos perceber, a partir da pesquisa de campo e das falas dos entrevistados, que a revitalização da Praça da Bandeira, trouxe à ela um ar mais moderno, através da aplicação dos matérias de revestimentos de pisos e alvenarias, de um novo sistema de iluminação com elementos mais modernos e dentre outros elementos, proporcionou aos usuários, intensificação nas dinâmicas de usos, principalmente no período noturno na praça, bem como nas territorializações já existentes, motivadas pelo novo sistema de iluminação que trouxe maior intensidade luminosa.

Um outro fator analisado foi a participação dos usuários no projeto de revitalização, sendo constatado através das entrevistas que não houve, por parte dos gestores municipais e técnicos da PMCG, preocupação formal – por meios de documentos ou atas em reuniões, ou entrevistas com os usuários ou outro mecanismo qualquer - em buscar atender aos anseios dos usuários desta praça, quanto às necessidades de alterações ou permanências dos elementos existentes e inseridos na praça.

Alguns dos entrevistados que trabalham informalmente na praça colocaram que antes da revitalização acontecer houve uma visita técnica a praça com a presença do Prefeito Romero Rodrigues – Prefeito de Campina Grande – e que nesta visita foram realizados diálogos informais que resultaram na inserção de apenas dois dos anseios dos usuários e dos comerciantes que estavam no momento desta visita, sendo solicitados ao prefeito que por sua vez foram concretizados. Um dos anseios, foi a reforma dos sanitários existentes na praça e o outro foi a instalação de mesas e bancos para a prática de jogos de tabuleiro, já mencionadas nesta pesquisa.

> "Aqui não havia banheiro. Eu tô aqui a vinte anos, vai fazer vinte anos agora, e não existia banheiro nesta praça e nós solicitamos ao Prefeito Romero Rodrigues, antes de reformar a praça ele veio aqui, ficou arrudiando aqui e a gente falou pra ele que fizessem o banheiro masculino e feminino e foi feito, realmente foi feito, só que esse banheiro, assim, ele não está totalmente, cem por cento aberto ao público, pra não haver danos maiores né, porque alguns comerciantes aqui ficaram com a chave, inclusive eu. Assim quando as pessoas chegam aqui na praça e pede a chave, eu dou, porque o banheiro não é meu, o banheiro é público, eu tô apenas com a chave. No início só quem tinha a chave era eu e o outro menino, então nós compramos mais de cento e cinquenta reais de material de higiene e acessórios de limpeza né, como papel toalha, essas coisas, mas nós passamos aqui uns três meses sozinhos, algumas pessoas queriam pedir a chave, a gente dava só que, por que que eu peguei essa chave? Só quem tinha era eu? Não porque eu era melhor. Eu fui o primeiro a solicitar

> a chave do banheiro, porque mesmo depois da inauguração da praça o banheiro ficava fechado, sem utilização, aí as pessoa aqui, ninguém queria assumir a responsabilidade de ficar responsável pelo banheiro, pela chave do banheiro, então eu fui lá e assinei vários documentos pra ficar com a chave. Pra necessidade de minha família, porque as vezes minha esposa quer ir no banheiro, ai ficava pedindo ali na farmácia, no restaurante, então isso ficava muito inválido pra gente né. Ai eu peguei essa chave, ai alguns outros comerciantes começaram a querer a chave, achavam que eles tinham direito também. Eu disse a eles que eu não dava a chave a ninguém porque o banheiro era público mas a chave era minha, entendeu. Ai eles foram lá, eles queria a cópia da chave e eu não dei a cópia da chave a ninguém porque, a minha responsabilidade, eu assumi o compromisso de ficar com a chave, eu disse não, vocês vão lá aonde eu fui, assinem vários documentos, mais de seis folhas que eu assinei, assinam pra ver se eles vão dá a chave a vocês, ai o que foi que aconteceu, quando todo mundo assumiu ai, começaram a distribuir chaves, inclusive pra os moto taxi que ficam ali, ai resultado, o banheiro la não está muito higiênico, ninguém quer limpar, o pessoal só quer usar mas ninguém quer limpar, entendeu, então o certo, seria colocar uma pessoa diariamente para zelar pelo banheiro. Pra isso teria que pagar né. E a prefeitura não que botar e ninguém aqui quer assumir a responsabilidade de botar uma pessoa." (Praça da Bandeira – Comerciante)

A Praça da Bandeira, diferentemente das outras que fizeram parte desta pesquisa, tem em sua administração um gestor contratado pela PMCG, talvez por ser uma praça bastante utilizada na cidade e/ou pelas intensas dinâmicas de uso, que segundo os comerciantes locais, deveriam cuidar e zelar pela praça, mas é possível ver elementos como bancos em desgastes e sem manutenção[15].

Ainda a respeito da importância da manutenção e cuidados com a praça, segue a percepção de um dos entrevistados coloca como importante, quanto a manutenção e cuidados com esta praça, o zelo que todos, tanto a população quanto os órgãos públicos, devem ter:

> *No meu ponto de vistas, todas as pessoas que tem bons olhos pra ela, nela*, devem tomar, devem tomar conta dela. Todas as pessoas, do gari *ao, ao, ao* Prefeito, ao Governador, né. A gente coloca as responsabilidade só do Governo, mas cada um tem que fazer a sua parte. *Então eu acho que todas as pessoas, que todas as pessoas que passam por essa praça, é, direta ou indiretamente, ela tem que zelar por ela.* Não jogar o papel no chão, colocar no lixeiro." (Praça da Bandeira – Comerciante) (Grifo nosso)

Observamos que a Praça da Bandeira apresenta diversas dinâmicas de uso, com as mais variadas territorializações e apropriações durante todo o dia. Apresenta vida tanto no seu interior quanto no seu entorno, onde podemos perceber as práticas de lazer, de convívio da

---

[15] A mesa de granito para a pratica de jogos de tabuleiro, já se encontra quebrada e até o momento de conclusão da pesquisa de campo para esta pesquisa, não foi concertada.

população, de trocas, de reunir, de acontecimentos culturais, religiosos, políticos e sociais. É uma das praças mais conhecidas da cidade de Campina Grande e que tem grande sentimento de pertencimento por parte dos citadinos: "*Há, porque aqui é a Copacabana de Campina, rapaz! É a Copacabana de campina! Quer dizer, dizendo isso eu tô maltratando a minha cidade né? Porque Copacabana hoje é um lixo né? É um lixo. Aqui não! Campina é um luxo! (...) Não troco essa praça pelas calçadas de Copacabana! Não! Troco não! Ainda que seja bacana lá, eu não vou a Copacabana. De jeito nenhum!"* (Praça da Bandeira – Comerciante).

> *Eu venho pra qui mais no sentindo contemplativo, de você perceber as coisas, perceber as pessoas,* de ler também, que eu tenho o hábito da leitura, e sociabilidade também né, aqui tem esse café ali, que a gente se comunica, fala dos assuntos do cotidiano, enfim. *Essa praça tem importância de um lugar de sociabilidade mesmo, de a pessoa vir pra saber das novidades, da cidade, saber como é que as pessoas estão pensando a respeito de vários aspectos da vida cotidiana, política, enfim. T*em uma importância nesse aspecto de aglutinar varia esferas do status social. Você encontra aqui de engraxate, lavador de carro ao agiota, juiz, médico, professor, enfim, eu acho bacana isso." (Praça da Bandeira – Morador do entorno imediato) (Grifo nosso)

Na fala do morador do entorno imediato identificamos, a importância que a Praça da Bandeira tem como lugar de sociabilidade, enfatizando o aspecto da diversidade, do espaço democrático, a praça como espaço público onde qualquer citadino pode utilizá-la para as mais diversas trocas sociais que se possa exercer.

Muitos dos pontos elencados por Jane Jacobs, são possíveis de ser identificados na Praça da Bandeira, situada em um lugar que há vida, citadinos transitando, usos variados, propiciando interações e convívio social. *"Se for no centro da cidade, deve ter lojistas, visitantes e transeuntes, além de funcionários. Se não for no centro, deve situar-se onde a vida pulse, onde haja movimentação de escritórios, atividades culturais, residências e comércio – o máximo possível de toda a diversidade que as cidades podem propiciar"* (JACOBS, 2000, p. 110). Em suma, é uma praça desempenha diversas funções e favorece à vários tipos de usos e territorializações para os citadinos e para visitantes do Bairro Centro de Campina Grande-PB.

3.2 Praça 13 de Maio

Outra praça escolhida foi a Praça 13 de Maio que está localizada na Rua Ana Azevedo, no Bairro da Palmeira, em frente à Paróquia Nossa Senhora de Fátima (Figura 94), e que

segundo o Pe. José Assis, pároco da comunidade na época da revitalização da praça, em entrevista, relatou que o terreno onde hoje se encontra a Praça 13 de Maio, é de propriedade da igreja e que a área correspondente à praça foi deixada na época da construção da igreja, década de 1960, com o objetivo de ser um local para a prática de esporte para os jovens da comunidade, sendo essa, a proposta dos frades franciscanos. Todavia, com o passar do tempo configurou-se a área como uma praça por elementos inseridos pela própria igreja, como jardineiras, bancos e passeios.

Ocorre que, com o passar dos anos, a área foi se degradando, e, assim, alguns prefeitos sugeriram fazer a urbanização da área, mas apenas se o terreno fosse doado à prefeitura, o que não aconteceu. Em um outro momento teve início a construção de um shopping em um terreno em frente à praça, e com isso a direção do shopping procurou o padre com uma proposta de revitalizar a praça como uma área de lazer, mas com a disposição de vagas de estacionamento inclusas no local, sendo assim foi acordada a revitalização de acordo com a direção do shopping e com nossa análise (da Paróquia), pelo pároco, da proposta do projeto arquitetônico feito pelos arquitetos do shopping, mas logo depois o projeto da construção do shopping não foi possível se concretizar e não se deu prosseguimento com a revitalização da praça.

No terreno onde iria se construir o “shopping” foi construída uma faculdade particular. Novamente a gestão atual da prefeitura procurou a paróquia, colocando sua equipe à disposição para revitalizar a praça com a proposta de tornar o local como área pública, sendo assim, acordada verbalmente esta proposta, com algumas considerações no projeto apresentado pela prefeitura, por parte da paróquia.

> (...) aí a Prefeitura nos procurou, colocou à disposição seu pessoal da Secretaria, e disse que estava disposto a fazer, a transformar aquela área num espaço realmente público. Se nós concederíamos, só verbalmente, porque não tem documento nenhum né, continua sendo de propriedade da paróquia, só que hoje ela já é da comunidade né, porque, já era antes, e como eles estavam se oferecendo para fazer a infraestrutura ,tudo bem, nós aprovamos o projeto *inclusive com uma única reivindicação da parte da gente que foi de colocar um playground para as crianças porque quando a gente tinha conversado com a direção do shopping, a gente fez essa reivindicação também*, já que as crianças são muito carente de área pra brincar e tudo, então a gente fez essa reivindicação, então a prefeitura fez um espaço para as crianças, fez um espaço coberto para a ginastica, para qualquer outra...e colocou uma academia também, equipamentos comunitários *e entregou a comunidade de tal maneira que a gente ver as crianças e o pessoal descer ali, porque ali não tem né, essa zona ali não tem uma alternativa de espaço público, praça nem nada. A gente viu com bons olhos a iniciativa.* Como é um terreno privado, já havia uma delimitação do terreno, o que a prefeitura fez foi, em colocando os

> equipamentos, dizer e conversarmos que havia necessidade de fechar inclusive de fechar até a igreja [a partir de um determinado horário no período da noite, a administração da igreja pudesse fechar a praça e só reabrir pela manhã, e eu sai antes de haver a conclusão das calçadas que iam usar o mesmo elemento, a mesma pedra e iriamos colocar portões exatamente pra isso, pra que a noite a partir das vinte e duas horas não tivesse mais acesso a pessoas, também porque isso também não é mais hora né, e evitar qualquer situação ali desagradável de depredação ou de vandalismo ou de violência ou até de assalto, agora não, *agora tá movimentado por conta da faculdade né, que movimentou*." (Pe. José Assis, à época Pároco responsável pela igreja) (Grifo nosso!)

A fala do Padre, enfatiza que à praça pertence à paróquia. Apesar do espaço pertencer à igreja, relata que as obras ali realizadas foram feitas com verba pública e sem documento algum formalizando a entrega do espaço à prefeitura para se tornar público, a praça foi revitalizada mas permaneceu pertencendo à igreja. O discurso ainda apresenta algumas contradições, relatando que o espaço pertence à comunidade, por ter sido entregue após a revitalização, mas que foi solicitado cercar com grades e portões que possibilitassem o controle de abertura e fechamento da praça por parte da igreja, o que ratifica como propriedade da paróquia a praça e não como um espaço urbano público entregue à comunidade. Ambiguidade do público e do privado está presente na fala do entrevistado.

A instalação de um gradil em todo o perímetro da praça foi um dos elementos que nos despertou interesse de pesquisar esta praça, além de ser uma praça "privada" mas que foi revitalizada pela PMCG com investimento de capital público. Esta praça possui em seu entorno imediato edificações como uma universidade privada, terrenos vazios, uma escola municipal de ensino fundamental, prédio do CEPTRAN – Comando de Policiamento da Região Metropolitana e por algumas poucas residências de citadinos, além da Igreja. Todo o projeto de revitalização teve a participação direta do pároco que presidia a paróquia na época da revitalização. "A gente tinha esse acordo de juntos pensarmos na configuração da praça até na sugestão do nome. Parece que ficou 13 de maio, foi dentro das comemorações dos cinquentas anos daquela igreja que estava tendo uma restauração da igreja, e foi tudo assim, muito combinado, muito de acordo cada detalhe, cada espaço dali" (Pe. José Assis, à época Pároco responsável pela igreja)". A inauguração de sua revitalização foi realizada no dia 12 de outubro de 2014 e os elementos inseridos no projeto de revitalização da praça foram:

a) Substituição do piso da praça;
b) Instalação de equipamentos para atividades físicas cercado por gradil;
c) Ampliação da área coberta e nova cobertura, para as aulas de atividade aeróbicas;

d) Plantio de árvores;
e) Instalação de *Playground*[16];
f) Instalação de bancos;
g) Instalação de lixeiras:
h) Novo sistema de Iluminação
i) Cercamento da praça com um gradil

Figura 94: Mapa de Localização da Praça da 13 de Maio.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

As figuras abaixo apresentam a praça após a revitalização podendo ser observados os elementos inseridos, acimas citados. Pela figura 95, podemos observar do lado direito da imagem, a Academia Popular e o Pátio onde são realizadas as aulas de exercício aeróbicos pelo Programa Mexe Campina, mas que também é um espaço utilizado por crianças e jovens, com brincadeiras do tipo jogar bola, pega-pega, dentre outras. Já na figura 96, é possível observar ao lado esquerdo da imagem, o playground, alguns bancos e calçadas de acesso a esses elementos.

[16] A expressão inglesa playground é frequentemente usada no Brasil como um local destinado para a recreação infantil, composto de brinquedos para o entretenimento das crianças. Do inglês play (jogo, divertimento) e ground (terreno, pátio), que significa pátio para brincadeiras.

Figura 95: Praça 13 de Maio, 2018.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Figura 96: Praça 13 de Maio, 2018.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Antes da revitalização, a praça tinha poucos elementos que compunham sua configuração. Tinha aparência árida. Ainda permanece com sua morfologia retangular e apresentava pouca vegetação, com jardineiras instaladas nos vértices da praça e algumas poucas árvores adultas. A Figura 97 apresenta a praça antes da revitalização, sendo possível observar sua configuração e esses elementos mencionados acima.

Figura 97: Praça da 13 de Maio – antes da revitalização

Fonte: www.google.com.br/maps/

Na Figura 98 é possível perceber que na praça existia um ponto de venda de lanches que foi removido no período da execução da obra de revitalização da praça não havendo o retorno do mesmo para a praça. Segundo Pe. José Assis, a permissão da instalação desse ponto de lanche, precedeu sua administração na paróquia, tendo sido uma autorização do pároco anterior, mas que durante o processo de revitalização, a prefeitura indenizou o proprietário e retirou o estabelecimento que estava próximo ao passeio da praça, sendo esta uma solicitação do próprio pároco, mas que durante os tramites para a remoção o pároco deixou a cargo dos funcionários da prefeitura esta ação.

Figura 98: Praça da 13 de Maio – fiteiro de lanches

Fonte: www.google.com.br/maps/

Outro elemento que é possível identificar na praça, antes da revitalização, é um pátio cimentado com uma cobertura em telhas cimenticias, que era utilizado pela população para a

pratica de atividades físicas aeróbicas e que foi retirado no processo de revitalização, sendo construído nesta mesma área uma Academia Popular e um novo pátio desta vez um pouco maior e com uma nova cobertura para o estímulo da prática de atividades físicas. Na Figura 99 podemos observar esse pátio, antes da revitalização, e também é possível identificar um uso da praça pelos citadinos com a utilização da área interna da praça para estacionamento de veículos embaixo das árvores.

Figura 99: Praça da 13 de Maio – Pátio coberto.

Fonte: www.google.com.br/maps/

É possível perceber também, a presença de marcas no piso - terra batida - de percursos no interior da praça, realizados pela população em seus trajetos de ir e vir as suas origens e aos seus destinos, que interligam os passeios do entorno da praça. Identificando assim o interior da mesma como uma possibilidade de percursos mais curtos pelos citadinos em seus trajetos diários, ou seja, é o uso da praça como de passagem. Na Figura 100 identificamos essas marcas dos trajetos bem como a existência de apenas um único ponto de iluminação artificial na praça localizado em seu centro geométrico, levando-nos a uma reflexão sobre o grau de iluminação no período noturno de forma insuficiente para o uso do local neste período.

Figura 100: Praça da 13 de Maio – percursos e iluminação

Fonte: www.google.com.br/maps/

Antes da revitalização da praça foi possível identificar, através das entrevistas, um tipo de territorialização que hoje não é possível observar, que era a utilização da praça por comerciantes de lanches (sanduiches, pasteis, churrasquinhos, bebidas, etc.) que a partir do início da noite se organizavam, com seus *trailers*, dentro dela em uma área próxima à universidade existente no entorno imediato, comercializando seus produto, tendo os alunos da universidade como maiores consumidores.

No processo de revitalização da praça, segundo os comerciantes entrevistados, eles foram intimados, por agentes da prefeitura com ordem judicial a se retirarem da praça, não podendo voltar a comercializar nem dentro nem nos passeios do entorno da praça. Mesmo assim, eles insistiram em permanecer alocados na praça até uma segunda ordem judicial que informava, com prazo especifico, que se não se retirassem da praça de forma pacífica, seriam retirados de forma coercitiva. Mediante esta situação, os comerciantes decidiram então ocupar um terreno localizado em uma das laterais da praça (figura abaixo), para continuarem a vender seus produtos, ou seja, apresentaram ação resistente às práticas de territorializações praticadas por eles.

Figura 101: Terreno utilizado pelos comerciantes ao lado da Praça 13 de Maio.

Fonte: www.google.com.br/maps/

Logo, após o proprietário do terreno tomar ciência da situação, solicitou que os comerciantes desocupassem o espaço, por não concordar com o uso de seu terreno para aqueles fins, não tendo interesse, mesmo com proposta de locação pelos comerciantes, em alugar o local. Assim os comerciantes em acordo com o proprietário de um outro terreno conjugado ao terreno anteriormente utilizado pelos comerciantes, decidiram alugar o local para poderem disponibilizar seus comércios e continuarem a comercializar nas proximidades da praça. Até durante o período desta pesquisa ainda é possível encontrar os comerciante vendendo seus produtos neste terreno e os alunos da universidade utilizam desses serviços, além outros usuários da praça, moradores do entorno e da comunidade e visitantes de outras localidades.

> *Antes de colocarem as grades, era ao redor da praça, ai depois eu acredito que, quando foi, apareceu a universidade aqui, ficou aparecendo muitos ambulante, então acho que eles se sentiram que iam prejudicar a praça, não sei porque, então veio uma ordem da Prefeitura mandando a gente sair da praça.* (...) vieram os fiscais da Prefeitura, da SESUMA [Secretaria de Serviços Urbano e Meio Ambiente], uma notificação dizendo que a Defensoria Pública tinha entrado com uma ação pra que a Prefeitura tirasse a gente da Praça, que a gente estava prejudicando. (...) procuramos ajuda, alguém, dos vereador, tal, então o prefeito disse que não tinha, a gente chegou até o prefeito mas ele disse que não tinha intenção nenhuma de prejudicar a gente, mas tinha uma ordem judicial, que a gente tinha que sair, entendeu? Ai a gente teve que sair, porque assim, a gente permaneceu, ai eles disseram.... *Com quinze dias veio outro aviso, se a gente permanecesse, não cumprisse a norma, que por sinal a gente assinou, quando eles viessem eles iam recolher o nosso material, e isso a gente saiu. Tivemos esse terreno aqui, a gente se apossou dele ai o dono apareceu, a gente paga uma taxa mensal de duzentos reais pra gente ficar aqui, se não a gente não tinha nem aonde ficar, ai foi quando alguns não teve condições, ficaram*

> *ai, veio a Prefeitura, levou, levou os instrumentos deles, de trabalho, eles teve que ir atrás de algum conhecimento de vereador, conseguiram tirar, pagaram uma taxa, e retiraram, mas eles tiveram medo de colocarem de novo.* (...) deveria dá oportunidade, geralmente são pais de família que sobrevive disso, uma praça ela deveria ter, se ele (Prefeito) não quisesse que entrasse todo mundo, mais organizasse as pessoas, fizesse um cadastro, como a gente chegou até a ele dizendo: *Seu Prefeito olhe, a gente precisa que o senhor só organize, se for preciso a gente paga uma taxa, contato que organize, mas a gente precisa trabalhar, que é disso que a gente sobrevive, mas até agora nada, ele não tomou nenhuma atitude.* (Praça 13 de Maio – Comerciante) (Grifo nosso!)

Nessa alocução do comerciante, percebemos que a ação da prefeitura em relação os comerciantes sob a retirada deles da praça, não apresenta clareza sob os motivos pelos quais eles deveriam sair daquele espaço. Pelo discurso, à ação teve característica coercitiva, e mesmo na busca de uma solução que pudesse amenizar através do diálogo com os atores da gestão pública, não obtiveram êxito e nada foi feito em prol dos comerciantes por parte da PMCG.

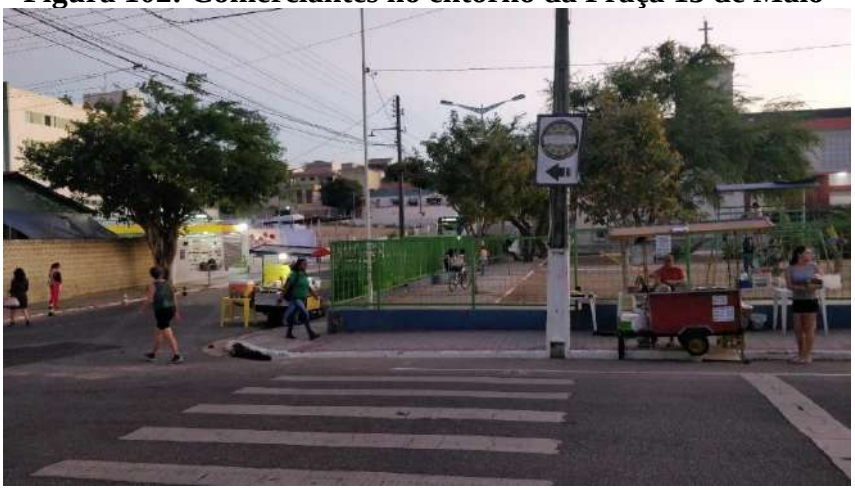
A medida de remoção dos comerciantes no entorno da praça se deu por solicitação do pároco que administrava a paróquia na época. Em entrevista ele aponta os motivos pelos quais a remoção dos ambulantes presentes nos passeio do entorno da praça foi uma das exigências da paróquia:

> *Nosso apelo era sempre de não ter quiosques, não ter trailers, não ter barracas instaladas naquele espaço, que iriam interferir no paisagismo e a própria configuração da igreja, inclusive havia uma barraca que a prefeitura indenizou e transferiu para outro espaço, porque me perguntaram se a gente queria um tipo e quiosque para a administração da própria paróquia e a gente não quis, exatamente, para não se transformar num espaço que o povo não tivesse mais acesso, nenhuma acessibilidade e eu já percebi que depois da instalação da faculdade a coisa tá meio se degenerando n*é, ali, em termo de barracas e mais barracas com bebida e tal, interferindo ali um pouco na, até no silencio da própria igreja e tudo. (...)e a solicitação deles de instalar é, trailer ali na calçada, e a gente não permitiu para evitar exatamente isso, para evitar que se transformasse na história por exemplo dali de Bodogongó, *se você passa na frente da Igreja de Bodocongó, na igrejinha antiga, hoje já você não consegue ver a Igreja porque virou uma feira de barracas, então a gente não queria que isso acontecesse,* deixasse a área livre para à calçada, para as pessoas caminharem e havia essa barraca que foi negociada sua transferência pela prefeitura, nós não tivemos nenhuma interferência nessa coisa que foi resolvida por parte da prefeitura." (Pe. José Assis, à época Pároco responsável pela igreja).

Mesmo após a remoção dos comerciantes durante a revitalização, hoje já é possível encontrar nos calçadas da mesma, novos ambulantes que comercializam lanches, como podemos observar na figura abaixo. Outro fato, a ser ressaltado é a construção de um praça de

alimentação (Figura 103) em um terreno vizinho ao terreno onde se encontram os comerciantes que foram retirados da praça, relatado acima. Essas territorializações apresentam a resistência dos comerciantes e usuários desses serviços disponíveis na praça e em seu entorno imediato.

Figura 102: Comerciantes no entorno da Praça 13 de Maio



Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

Figura 103: Praça de alimentação vizinho ao terreno dos comerciantes removidos da praça

Fonte: Pesquisa de Campo, 2018.

A figura abaixo possibilita entendermos melhor a composição de como se encontram os comerciantes no entorno da Praça 13 de Maio: 1. Local onde os comerciantes, removidos da praça no período da revitalização, estão situados; 2. Construção da praça de alimentação, com salas a alugar para comerciantes de lanches; 3. Novos comerciantes nas calçadas do entorno da Praça.

Figura 104: Localização dos Comerciantes no entorno da Praça 13 de Maio.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

A pesar de todo o processo de remoção dos comerciantes, já com a praça revitalizada, as calçadas do entorno da praça são territorializadas novamente por comerciantes, que continuam possibilitando dinâmicas de uso, interações e convívio social entre os usuários da praça e os citadinos que trabalham, estudam ou residem em seu entorno imediato.

A revitalização da Praça 13 de Maio, trouxe novos elementos aqui já mencionados, mas um dos elementos inseridos que nos chamou mais atenção, nos levando a escolha desta como um dos objetos de estudo foi a instalação de um gradil no entorno da praça, existindo apenas um acesso a praça com a abertura do gradil voltada para a frente da igreja, firmando uma relação de continuidade entre o espaço da praça e o espaço da igreja permitindo a passagem da pessoas, unicamente, entre os dois espaços como podemos observar na Figura 105.

Figura 105: Praça da 13 de Maio – acesso a praça

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

A instalação do gradil, também foi uma das exigências solicitadas à prefeitura pelo pároco durante o processo de negociação da revitalização da praça:

> *Pela falta de educação do nosso povo infelizmente muitas vezes precisamos fechar o parque, ou manter sobre vigilância* para que não se danifique aquilo que é patrimônio da própria comunidade. Infelizmente precisa de um processo de educação da população para que respeite que aquele investimento foi feito em benefício da própria comunidade, mas isso tudo é questão de cultura também né. O mesmo fenômeno do Parque do Povo né, muitas pessoas estão reclamando, "o espaço deveria ser o mais possível aberto", não sei qual é a política, política de segurança ou é a "política", a mesma coisa para os nossos parques ou praças né, não sei qual a política, é segurança ou tem outras pretensões no futuro né, quer dizer, é preciso ver que a praça é um espaço aberto e livre né, da liberdade né. Tem aquela música dos baianos lá sobre a Praça Castro Alves, eu tô me lembrando agora, "a Praça castro Alves é do povo como o céu é do pássaro..." então acho que é um pouco isso, os espaços por onde a gente anda, as praças são abertas, totalmente abertas, é, como espaço para isso, para a expressão, ali você encontra pintores, escultores, você encontra a música, você encontra a dança, você encontra o teatro, você encontra ali na praça né, em qualquer lugar do mundo onde você for você vê isso, um grande calçadão e um grande espaço para a cultura de uma comunidade, de um povo, e é preciso recuperar essa dimensão da praça e se ela é em frente da igreja, porque não torná-la para o povo, foi esse o meu pensamento, enquanto muita gente dizia, não pode fazer isso porque esse espaço ai tá destinado a construção de um centro pastoral e eu achei que não, eu achei que era melhor dá-la, concedê-la ao povo e que aproveitasse as calçadas, aproveitasse o patamar da igreja para apresentações e fosse um espaço para a integração, um espaço democrático. Há uma tendência em qualquer parque onde você for no brasil, por exemplo os grandes parques, chega uma certa hora que fecha, mesmo o Ibirapuera, mesmo qualquer um dos parques, fecham, porque se não vai haver vandalismo, vai haver pichação, hô coisa horrível, você pegar um patrimônio histórico como um museu, o teatro de campina grande todo pichado, é uma coisa horrível, é uma

> coisa, num sei. Se fosse um grafitismo é uma coisa, mas a pichação por pichação isso não tem expressão de cultura nenhuma, é expressão de gangues, de tribos. Eu acho que infelizmente não se tem uma educação de base, uma educação de base que se dá na escola, que se dá na família e na escola, né, mas o que é a família brasileira hoje é algo a se questionar né, que é multifacetada também. (...) não se sabe respeitar a liberdade e não se respeita o patrimônio que é nosso, infelizmente. Mas eu não me sinto participando desse processo né, *então muitas vezes as decisões foram tomadas de cima pra baixo, mas por quê? Porque as organizações populares também não servem para isso né.* Uma SABE, uma sociedade de amigos de bairro que eram pra reivindicar e não se permitir que se transformasse, se degenerasse. (Pe. José Assis, à época Pároco responsável pela igreja).

O instalação do gradil, impõe condições e limitações quanto à possibilidade de alguns usos da praça, como exemplo a se citar, o uso da praça como lugar de passagem, que antes era utilizada pela população como uma possibilidade de transitar no interior da praça em seus percursos de ida e vinda, e que devido à instalação do gradil, essa possibilidade foi inviabilizada, ou seja, o gradil impôs um obstáculo de acesso à praça a esse fim, que de certa forma proporcionava outros tipos de usos pelos usuários como o da relação social de trocas gestuais entre os transeuntes, da paquera durante esse transitar, da saudação, da contemplação do interior da praça, do convite a parar e descansar nos bancos instalados na praça, dentre outras possibilidades que apenas no transitar pela praça seriam possíveis de acontecer.

Uma outra observação, também colocada pelos usuários entrevistados, é o fato de que a presença do gradil traz a eles a sensação de insegurança em transitar pelos passeios que contornam a praça, justificando que ele impossibilita a visão do que pode estar acontecendo do outro lado, ou seja, em alguns pontos, a visão do que há do outro lado da praça, de quem caminha pelos passeios no entorno da praça é bloqueada pelas grades, o que traz uma insegurança em utilizar esses passeios, com receios de possíveis violências urbanas como assaltantes encobertos pelo gradil.

Assim algumas pessoas preferem utilizar as calçadas do outro lado das ruas do entorno imediato da praça para realizarem seus percursos. Ou seja, o gradil condiciona de forma emblemática o acesso direto a praça, deixando-a impermeável de certa forma. O gradil torna a praça como espaço individual separando-o do coletivo, um local menos democrático, como espaço de convívio restrito, vedado.

> *Essas grades coíbe as pessoas direitas de entrar, mas os bandido não né, entram de boa, as vezes ate dificultam uma pessoa, as vezes fica com medo até de entrar, porque ficam tudo tão preso, termina não entrando. Eu tiraria essas grades tudim, deixaria ao ar livre né. Eu acho que isso ai num beneficiou em nada né. (Praça 13 de Maio – Comerciante).*

> *Rapaz eu tenho opiniões divergentes. A princípio eu acharia que deveria ser aberto, porém, com a falta de educação no nosso povo, a questão da depredação seria bem maior do que com ela fechada. (...) mas eu torceria para que um dia fosse retirada e que ninguém depredasse nossas praças. (Praça 13 de Maio – Morador do entorno imediato).*

Talvez a ideia da instalação do gradil esteja coberta pelo discurso de trazer mais segurança à praça, ou coibir práticas marginais, ou até mesmo impedir a degradação do espaço por transeuntes ou usuários que fossem indesejáveis, pelos que projetaram ou outros que a utilizam, aquele local, mas essas formas de pensar e agir não vão de encontro ao que a função da praça traz? Como espaço aberto, de livre acesso, proposto para ser democrático, diverso, usado, assim como enfatizado pelo Padre José Assis que de certa forma apresenta uma dicotomia no discurso. Podemos perceber que a instalação do gradil na Praça 13 de Maio, não proporciona uma relação de diálogo da praça com o seu entorno.

> *A praça é um espaço mais democrático que possa existir na relações humanas e onde se desenvolve a vida, a cultura de uma comunidade, e sem esses espaços é que nos restam espaços onde você vai comprar e consumir que são as praças de alimentação dos shoppings e ai desconfigura completamente a perspectiva que era da gratuidade e do estar ali num dia de feriado com a família ou com os amigos para um momento de lazer totalmente gratuito né.* A praça é do povo né, a praça é do povo, o entorno da praça sempre se desenvolveu toda uma cultura, ainda hoje nas grandes cidades no mundo as praças são esse espaço para a arte para a cultura, para as diversas expressões. Por onde você anda por ai a fora na Europa e tudo, as cidades cresceram em torno de uma praça, e nossas cidadezinhas pequenas do interior dos séculos passados ou dos séculos anteriores cresceram em torno de uma praça ou de uma igreja né, porque éramos cristandade então em torno, seja das grandes catedrais medievais ou das nossa pequenas igrejas coloniais se desenvolveu toda a vida de uma comunidade, ali se celebrava as festas, ali se comia, se bebia, se dançava, ali tinha as apresentações culturais, os coretos as músicas , o teatro, tudo surgiu ai, nas portas das igrejas, nessas praças em torno, no centro das pequenas cidades. (Pe. José Assis, à época Pároco responsável pela igreja).

> *Isso aqui é positivo, sabe por que, porque isso aqui é medida de segurança, por que aqui também tem crianças, crianças usam o parque pra se distrair, brincar com os colegas, então é o seguinte aqui é um bairro transitável, quer dizer, tem muito trânsito aqui, então isso aqui com certeza, e*ssas grades, ela vai ajudar na medida de segurança, é ate mesmo, é, foi a semana passada, eu vinha passando aqui de carro e uma bola ela passou dessa grade e invadiu a pista de treino né, e um rapaz correu pra pegar a bola, quer dizer, se o carro viesse mais rápido tinha pego ele.. Então essa grade ela inibe. Ela traz segurança. (Entrevistado PB03 – Usuário da Praça).(Grifo nosso)

> *As grades limitam um pouco, o uso desordenado de pessoas, de indivíduos. Hoje nós vivemos de certa maneira correndo todos os r*iscos na sociedade né e

> ai delimita um pouco, impede um pouco que qualquer indivíduo entre e participam e façam qualquer coisa que inclusive não devam fazer em espaço público. (Pe. Antônio Nelson, atual pároco da Paróquia Nossa Senhora de Fátima).

O espaço para a pratica de atividades físicas recebeu novos elementos como equipamentos da academia popular e o aumento da área para exercícios de alongamento, dança, etc. e uma nova cobertura. Toda esta área para esse tipo de uso, recebeu também um gradil em sua volta, sendo o acesso por um portão em grade. Ora, é um cercado de gradil dentro de um outro gradil que entorna a praça. Talvez a ideia tenha sido proteger os equipamentos por um gradil, restringindo mais ainda o acesso a este espaço aos que vem com o intuito de degradação dos equipamentos ali instalados.

Durante o período de observação realizado desta pesquisa, pouco percebemos o uso, dos elementos e dos equipamentos instalados na praça, pela população comparando com as outras praças que têm esses mesmos elementos e que fizeram parte desta pesquisa. Foi possível perceber, também, a entrada de crianças vinda da escola municipal que fica lá próximo, quando da liberação de seus estudos nos horários de retorno a seus destinos, e/ou também grupo de jovens sentados na área coberta conversando e observando a movimentação no entorno da praça. A Figura 106 apresenta esta área com a visualização densa do gradil.

Figura 106: Praça da 13 de Maio – equipamentos para atividades físicas

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Um fato colocado sobre essa área com proposta para a prática de atividades físicas é que antes da revitalização havia, nesta área especifica, atividades aeróbicas já mencionado aqui,

executadas pelo Programa Mexe Campina[17], acontecendo tanto pela parte da manhã como pela parte da tarde, mas após a revitalização, houve uma solicitação por parte do pároco da igreja para que no período da tarde eles não utilizasse a praça para esse tipo de uso, devido ao barulho atrapalhar as atividades que acontecem dentro da igreja, como missas, reuniões, etc. Assim, o professor que ministra essa atividade, dialogou com a CPTRAN e acordaram de utilizar um área interna as edificações da CPTRAN. A figura 107 apresenta essa utilização no período da tarde pelo Programa Mexe Campina, podendo ser visto na parte superior central da figura as grades da praça que cercam a área projetada para a prática destas atividades físicas não sendo utilizadas para esses fins no período da tarde. Ou seja, mais uma restrição é percebida quanto ao uso da praça, sendo imposta pela paróquia.

Figura 107: Pátio de Estacionamento CPTRAN

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

> A *gente temos* nossas aulas a tarde, ai na CPTRAM, eles usam o espaço, o professor da prefeitura, ele usa o espaço de lá, pra dá as aulas. A gente de manhã, a gente tem nossas aulas aqui e a tarde é lá. Por que lá? Devido assim, o barulho, quem vai pra igreja, quando é época de, mês de maio por exemplo, que é o mês de Maria, então há missas né, o terço, então aquilo ali incomodava lá o som, ai o padre não aceitou. (Praça 13 de Maio – Usuário da Praça).
>
> *Uma praça é sempre algo de positivo, numa cidade grande, sobretudo Campina Grande que tem poucos espaços de área verde, de área livre para que as pessoas possam transitar, possam se locomover, possam praticar esporte, é um lado positivo. Agora especificamente no nosso caso, atrapalhou*

[17] O Programa Mexe Campina é um projeto criado pela Secretaria de Esporte, Juventude e Lazer de Campina Grande, que tem como objetivo estimular os hábitos para uma vida mais saudável, incentivando a população a prática de atividades físicas como exercícios aeróbicos, alongamento, dentre outras atividades físicas.

> *porque está de frente a um igreja que inclusive tem funcionamento mais durante o dia, sobretudo durante a tarde.* Todos os dias aqui nós temos missas e também atendimentos de confissões e outras reuniões que acontecem né, e ai de certa maneira atrapalha um pouco o barulho e a movimentação, mas repito que, um espaço livre, ou verde é sempre benéfico para a utilização popular. (Pe. Antônio Nelson, atual pároco da Paróquia Nossa Senhora de Fátima). (Grifo nosso)

Um fato observado durante a pesquisa de campo é que uma das ruas que tangencia a praça, a Rua Ana de Azevedo, é utilizada pela população como local para a prática de caminhadas, sendo demarcada uma faixa lateral da pista de rolagem para esse tipo de uso, logo os passeios tanto do entorno da praça, bem como os existentes no interior da praça que poderiam ser utilizados pela população como uma possibilidade para este tipo de uso, ficam praticamente inutilizados, ou seja, um tipo de uso que poderia existir na praça e que traria mais vida a praça, mesmo com toda a estrutura que possibilita essa territorialização, não está acontecendo, provavelmente devido as grades inseridas na praça que coíbem a população para tal uso.

Essa reflexão não tem como foco a desvalorização das ruas como opção de uso pelos citadinos seja para a pratica da caminhada, seja para outras territorializações. Não buscamos aqui uma reflexão mais profunda sobre as formas de territorializações que as ruas tão presentes em nossas cidades possam, devem, ou têm nos dias atuais, mas sim, uma reflexão sobre a perspectiva de porque não agregar a praça nesta possibilidade de uso, que está tendo nas ruas em seu entorno que é de possibilitá-la às atividades físicas de caminhadas. A figura 108 apresenta o uso da Rua Ana de Azevedo como alternativa para a pratica de caminhada sendo possível observar os passeios da praça vazios.

Figura 108: Caminhada na Rua Ana de Azevedo

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

A respeito das ruas, Jacobs (2001) se posiciona dizendo que:

> (…) a rua é um lugar ruim para os seres humanos; as casas devem estar afastadas dela e voltadas para dentro, para uma área verde cercada. Ruas numerosas são um desperdício e só beneficiam os especuladores imobiliários, que determinam o valor pela metragem da testada do terreno. A unidade básica do traçado não é a rua, mas a quadra, mais particularmente a superquadra. O comércio deve ser separado das residências e das áreas verdes. (Jacob, 2001, p. 20,).

O piso das calçadas no entorno e no interior da praça, que antes eram revestidas com pedra Miracema (pedra de granito), foram substituídos por blocos intertravados (pré-moldados de concreto em formato de paralelepípedo retangular, com maior propriedade de permeabilidade) e durante o período de observação, poucos citadinos usam em seu trajeto esses passeios.

Os passeios internos se tornaram impossibilitados de uso de passagem devido ao cerceamento da praça pelo gradil, coibindo as pessoas de cruzarem a praça em seus percursos como acontecia antes da revitalização, e os passeios do entorno poucas vezes são utilizados em seus percursos pela população, a visibilidade da área se tornou dificultada devido esse gradeamento e a preferência dos citadinos é marcante na utilização dos passeios dos estabelecimentos e residências no entorno imediato da praça como já mencionamos anteriormente. A Figura 109 e 110 apresenta o gradil instalado no entorno da praça.

Figura 109: Praça da 13 de Maio – grades no entorno da praça - a

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Figura 110: Praça da 13 de Maio – grades no entorno da praça -b

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Um parte dos bancos, brinquedos e lixeiras se encontram em estado de desgastes e danificados e poucos apresentam sinais de manutenção, estando eles em quase sua totalidade impossibilitados de uso por poderem ocasionar lesões ao citadino. Um fato curioso é que após entrevistas realizadas com os gestores públicos da PMCG, e com a continuidade das pesquisas em campo, observamos que algumas atividades de manutenção –pinturas de grades, capinagem, e limpeza das calçadas - tiveram início nas praças objeto de pesquisa deste trabalho. Durante o período de observação até este momento, pouco foi possível ver o uso desses equipamentos pela população, quando utilizados foi possível perceber as territorializações como por exemplo

o uso de bancos para contemplação, como opção para esperar a chegada de alguém, ou até mesmo para namorar. O playground também foi utilizado pelas crianças enquanto os acompanhantes ficavam nos bancos observando, ou até mesmo em pé, próximo as crianças, como podemos observar na figura 111. Aos términos das missas, que ocorrem na igreja de fronte a praça, durante um pequeno intervalo de tempo as pessoas se concentram nos passeios do trecho que tem abertura do gradil para a praça onde ocorre alguns tipos de trocas sociais como conversas, brincadeiras de correr entre crianças etc. A Figura 112 apresenta essa área em frente à igreja no período diurno e é possível identificar a deterioração de elementos como o banco, anteriormente relatado.

Figura 111: Praça da 13 de Maio – Playground

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Figura 112: Praça da 13 de Maio – área em frente à igreja

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

> No caso quem deve cuidar desta praça é a prefeitura. A prefeitura tem cuidar, porque a gente paga os impostos. Então a prefeitura deveria montar uma equipe e organizar assim, hoje a gente vai trabalhar no bairro da Palmeira, amanhã a gente trabalha no bairro Presidente Médici, lá tem muita praça também, então no meu ponto de vista a Prefeitura é quem deveria cuidar dessa praça, tanto a nível de suporte como também a nível de manutenção, e não a manutenção corretiva e sim a manutenção preventiva. Teve um tempo desses que estes bancos estavam faltando as madeiras aqui, então eu acho que recentemente eles foram aqui e consertaram, fizeram a manutenção. Então seria interessante por parte da prefeitura da suporte nesse ponto ai também. (Praça 13 de Maio – Usuário da Praça)

A noite, apesar da boa iluminação presente na praça, pouco se vê o uso do espaço pela população. A preferência de uso, está pelo terreno onde os comerciantes estão presentes, bem ao lado da praça, local onde poderia ser utilizada com maior propriedade pelos usuários

A Praça 13 de Maio, tem sua revitalização marcada por diversas restrições apesar da instalação de muitos elementos que proporcionam diversos tipos de usos, nos levando a uma reflexão quanto aos elementos arquitetônicos inseridos, a exemplo das grades, e a sua sistematicidade, e entendermos como os citadinos interpretam, alteram e transformam esses elementos.

3.3 Praça do Cascudo

Uma outra praça analisada foi a popularmente conhecida como Praça do Cascudo, que teve sua inauguração no dia 21 de dezembro de 2015 e recebeu por nome Praça Manoel Ribeiro da Silva, em homenagem a um antigo morador do entorno imediato, quando esta, ainda era apenas um terreno vazio utilizado pela população como um espaço para lazer e que sempre idealizou na revitalização deste espaço em uma praça com mais elementos como bancos, árvores, calçadas, lixeiras e outros. A praça está localizada na rua Josefa Thomas, no bairro da Liberdade (Figura 113).

Em sua revitalização foram inseridos os seguintes elementos:

a) Instalação do piso da praça;
b) Instalação de equipamentos para atividades físicas;
c) Plantio de árvores;
d) Brinquedos;
e) Instalação de bancos;
f) Instalação de lixeiras:
g) Sistema de Iluminação

Figura 113: Praça do Cascudo – Mapa de Localização

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Antes da revitalização (imagens abaixo), o espaço conhecido como Praça do Cascudo, apresentava configurações que muito se assemelhava a um terreno baldio (Figura abaixo), com a presença de pouquíssima vegetação plantadas pelos moradores do entorno, segundo entrevistados – *a gente já fez de tudo pra conseguir que ajeitasse essa praça, mas não teve jeito, nenhum prefeito anterior fez nada, a gente plantou até umas arvores pa vê se ficava mai bonito, mai os muleque arranca, só essas ai que está é que pegaram – Morador do entorno imediato* - e um espaço aberto no centro da praça onde crianças e adultos utilizavam para brincadeiras como por exemplo jogar futebol.

Um questionamento quanto ao nome recebido pela praça e o nome pela qual a praça é conhecida, foi feito a alguns entrevistados e em seus relatos o discurso é, apesar de dito por palavras diferentes, o mesmo. Contudo achamos de valor simbólico que um dos discursos possam aqui ser expressado como forma de registrar fato que venha trazer curiosidade sobre esses nomes que a praça apresenta.

> "Né Cascudo não! Cássio, foi ideia de Cássio Cunha Lima. Que deu um cascudo na cabeça de um moleque deficiente. Ele morava aqui, aqui na casa de Luzinete, ai ele chegou um dia e disse: "- Cassio e a praça vai sai? - Vai sim! Vou te dá um cascudo que é o nome da Praça.". Aí deu um cascudo assim na cabeça do moleque. Sabia? Mas não é esse nome. (...)Foi porque o velho, daquele nome lá, era o pai de Seu Semildo, e o genro dele nera político, aquele Antônio Pereira. Sabe quem é Antônio Pereira? Antônio pereira o sogro dele morou aí, aí aproveitaram e botaram o nome do veio. O veio viveu muitos anos aqui e morreu aqui, a velha também né. Ai botaram o nome do velho. Muita gente não queria o nome do velho não, sabia? Não queria o nome do

> velho não, mas Antônio Pereira se meteu no meio ai botaram o nome do veio. Foi Antônio Pereira viu! (Praça do Cascudo – Moradora do entrono imediato)

Uma preocupação diária dos moradores - entrevistados - do entorno imediato, era a utilização desse espaço por moradores de outros lugares mais afastados, como local para depósito de lixo. A Figura 114 e 115 apresenta indícios do uso da praça como deposito de lixo pela população mesmo com instalação de uma placa, pela comunidade, com a informação de local proibido de colocar lixo e sendo possível, também, observar na figura, as poucas mudas de árvores plantada no local. O entorno da praça é constituído por apenas casas residenciais.

Figura 114: Praça do Cascudo – antes da revitalização

Fonte: www.google.com.br/maps/

Figura 115: Praça do Cascudo – vegetação

Fonte: www.google.com.br/maps/

Após a revitalização, o espaço (figura 116) adquiriu nova configuração arquitetônica com a inserção de novos elementos que nos possibilitaram observar as novas dinâmicas de usos e territorializações no local. Geralmente, de segunda a quinta-feira, movimentação na praça é mais branda durante as manhãs e tardes, sendo mais ocupada no período noturno. A partir da sexta feira até o domingo a praça tem uma ocupação mais densa pela população durante todo o dia.

Figura 116: Praça do Cascudo, 2018.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018

Um dos novos elementos lá inseridos, foi um playground, localizado bem ao centro da praça, sendo sempre utilizados pelas crianças, e os acompanhantes dessas crianças sempre ficam observando-as e conversando entre eles. Por contemplar poucas unidades de bancos, geralmente os acompanhantes das crianças ficam em pé, como podemos observar na Figura 117.

Um ponto interessante de se destacar é a ausência da instalação de balanços para as crianças, sendo um elemento geralmente vistos em praças e parques mais antigos na cidade e segundo o Secretário de Planejamento em entrevista, informava que não era um detalhe que foi dado atenção no planejamento das revitalizações da praças, a preocupação de quais brinquedos seriam instalados na praça, sendo talvez a ausência desse elemento, como podemos observar, não só nesta praça mas nas outras praças obejtos de estudo, crianças utilizando os equipamentos da academia popular instalada como balanços, como podemos observar na figura abaixo.

Figura 117: Crianças utilizando equipamentos da Academia Popular como balanços

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

A caixa de areia onde estão instalados os brinquedos também é utilizada por algumas criança para brincadeiras com a própria areia ou até mesmo com brinquedos que trazem de suas residências. As crianças não territorializam apenas essa área da praça, outras áreas também podem ser vistas sendo utilizada pelas crianças, a exemplo disso são os passeios que contornam a praça que são utilizados como pista para o uso de bicicletas e também os equipamentos da academia popular são utilizados pelas crianças para se divertirem.

Figura 118: Praça do Cascudo – brinquedos

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Durante a semana, de segunda a sexta, no perído da manhã e início de tarde, a praça é utilizada mais como local de passagem pelos citadinos, com maior intensidade nos horarios das 7hs as 9hs, das 11hs as 13hs e a partir das 17hs quando já começa a chegar pessoas para utilizarem a praça para a realização de atividades fisicas e para lazer e descanço. São perceptíveis os desvios feitos pelos citadinos para adentrar à praça e irem aos seus destinos ou

àretornando de suas origens, por dentro da praça, talvez pela sensação que essa praça traz a quem passa por ela de um lugar agradável de se estar ou de se passar. Diferentemente da Praça 13 de Maio, anteriormente apresentada, esta praça não apresenta nenhum tipo gradil em sua configuração, apresentando-se como uma praça livres de barreiras físicas, logo, mais acessível aos citadinos.

Foram instalada duas áreas para práticas de exercícicos físicos com equipamentos diferentes, sendo uma área situada mais proxima a caixa de areia onde estão os brinquedos para as crianças e que contem equipamentos como barras suspensas, que exigem maior esforço fisico de quem os utilizam e uma outra área na parte mais alta da praça onde se encontram os equipamentos da academia popular. A primeira área aqui mencionada é onde há a maior presença de jovens realizando os exercicios fisicos como mostra as Figura 119. Já na academia popular podemos observar que os usuários apresentam uma faixa etária maior conforme é possivel observar na Figura 120. É possivel observar tambem a presença de citadinos (Figura 121) exercendo a pratica de caminhada nos passeios do entorno da praça. Como já mencionado anteriormente, algumas crianças utilizam para o lazer, as bicicletas nas calçadas da praça, assim como, também, outros usuários utilizam as mesmas calçadas para a prática de caminhadas como forma de exercicio físico.

Figura 119: Praça do Cascudo – Equipamentos para atividades físicas

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Figura 120: Praça do Cascudo – Academia Popular

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Figura 121: Praça do Cascudo – Passeios utilizados para caminhadas

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Outra dinâmica que pode ser observada quanto ao entorno imediato da praça é a presença constante dos moradores das residências que moram em frente à mesma, assíduos nas calçadas conversando entre eles. Um fato que nos chamou atenção foi que, nos primeiros dias de observação na praça, era perceptível os olhares dos moradores como causa de estranheza da minha presença na praça, talvez por ser uma pessoa que não a frequentasse, cotidianamente. Era perceptível os olhares e os possíveis diálogos sobre a minha pessoa entre eles. Algumas das

vezes em que eu cheguei, havia um ou dois moradores nas calçadas, varrendo-as ou apenas observando o movimento da praça e, logo, chamavam outros moradores pela curiosidade do que eu deveria estar a fazer ali. Eu sempre ia com uma prancha, papeis e caneta para fazer anotações das minhas observações durante a pesquisa de campo e talvez por estar munido desses elementos, gerava entre eles essa curiosidade.

Quando questionados, nas entrevistas, sobre a importância dessa praça para os moradores do entorno imediato, as respostas foram as mais variadas, mas todos ressalvam a importância da revitalização da praça, sempre comparando com a situação em que se encontrava antes da revitalização. Alguns demonstram perceptível sentimento de pertencimento da praça, tanto é possível perceber em seus discursos, como no transparecer dos seus semblantes quando descrevem com tamanho entusiasmo e alegria a satisfação de ter, em frente a sua casa, uma praça.

> *Olha, sem essa praça, eu ia ficar sentado na calçada de casa, vendo quem passa e quem não passa né. (risos). E há momentos na vida da gente que a gente senta num* canto pra organizar as ideias né e quando você começa a organizar as ideias, a mulher lhe chama da calçada de casa e pergunta logo o que é que você tá vendo na rua e aqui na praça não tem isso.” (Praça do Cascudo – Morador do entorno imediato)

O morador acima, em sua fala, enfatiza a importância da praça como local para refletir, local para observar as relações sociais que acontecem entre os usuários, local de descaso e de contemplação.

> *Pra mim foi uma maravilha, porque pelo menos essa praça aqui, depois que, essa praça aqui era um lixão, sabe. Um lixão, ai eu cheguei aqui em noventa e um sabe, desde desse tempo só botavam lixo aqui sabe, era muito feio, inclusive era um lugar até que tudo o povo jogava aqui, era gato morto, era lixo, mato, jogava tudo ai dentro, ficava um lixão aqui, ai então depois que fizeram isso acabou, até* essa... cumé? Musquita aca... diminuiu né. É importante nesse sentido e pa o povo fazer física né. E pra saúde é uma maravilha. Que se num for isso quando é que o povo vai fazer... onde? De primeiro eu fazia era no mei da rua, andava daqui pra lá. Promeiro eu corria né. Ai ficava correndo daqui no mei da rua e tal né. Hoje já to com setenta ano num corro mai não porque começou a com problema de doer, reumatismo, essas coisa, ai eu parei, to só caminhando. É quando eu vou, se eu der uma carrerinha já doi o joelho (risos). Tem muito idoso que diz que num doi, mas eu não acredito não, sabe (risos)” (Praça do Cascudo – Morador o entorno imediato) (Grifo nosso!)

O morador entrevistado acima, elenca outros usos que a mesma proporciona ao citadino, a exemplo da prática de atividades físicas, que possibilita uma qualidade de vida

melhor, para além da prática dos exercícios, mas também pelas trocas que o convívio social na praça favorece.

Durante o período de pesquisa, uma territorialização que foi observada nesse período, foi a ocupação de uma área na parte superior da praça, por uma carrocinha de venda de lanches e que segundo o vendedor, que reside próximo à praça, em sua entrevista, após começar a utilizar o local para comercialização de lanches, os moradores que moram no entorno imediato e também da redondeza sempre vinham utilizar deste serviço que estava sendo disponibilizado na praça, e que durante um período ficou impossibilitado de ir à praça comercializar, logo alguns dos usuários criou um grupo de comunicação em um aplicativo de celular, com o propósito de solicitar o retorno do comerciante à venda de lanches na praça.

Através da entrevista com o comerciante, relatou que, diariamente esse grupo de pessoas que utilizam esse aplicativo de celular, se comunicam para sempre saber se o vendedor se encontra na praça vendendo lanches e assim poderem ir até a praça lanchar.

Um ponto relevante a se destacar é que as mesas e cadeiras distribuídas pelo comerciante, são dispostas na rua, não utilizando assim os passeios que contornam a praça para alocação das mesas e não gerando disputas pelo espaço, entre os que caminham nesses passeios e os que ocupam as mesas para realizar os lanches. No fim da tarde é possível encontrar também, em alguns dias da semana, a presença de um pipoqueiro com seu carrinho de pipoca, o qual sempre é abordado por crianças e seus acompanhantes adultos para a compra de pipoca. Ele permanece por ali alguns minutos e logo segue para o seu destino.

> Bom, ela [a praça] sempre... antes da reforma ela num tinha vida ai depois que fizeram a urbanização dela que deixaram ela bem bacana ai, assim, em termos de até mesmo do povo que mora aqui tava necessitando de um pessoa pra fornecer lanche e ai surgiu a ideia, eu e minha esposa, e a gente acabou colocando e deu certo, graças a Deus. Eu sempre tive esse desejo de trabalhar por conta própria né. Assim, trabalhar principalmente com comida ai eu juntei o útil com o agradável e tá dando certo. Rapaz já apareceram outras pessoas certo, mas não deram certo. Não sei porque motivo, mas assim como eu tô te falando, a gente colocou e pegou... o pessoal... inclusive a *gente tem até um grupo no whatsapp que é bombando direto o pessoal falando. Daqui a pouco tu vai ver vai tá bem lotado graças a Deus. (...) eu vou te dizer, ela é um motivo de inspiração, porque como eu te falei la no começo, eu sempre sonhei ter algo próprio né, ter um comercio e sempre quis* trabalhar com comida, então ela me deu essa oportunidade, entendeu. Ela representa um sonho realizado, entendesse. Inclusive, a gente futuramente, eu penso em sair de onde estou pra me dedicar a isso aqui, entendeu?" (Praça do Cascudo - Comerciante) (Grifo nosso)

Um fato curioso durante a pesquisa de campo, e que me despertou a curiosidade, tendo em vista que nas outras praças - exceto a Praça da Bandeira que sempre estão procurando manter limpa – não foi possível presenciar situação semelhante, é a aparência como se encontra esta praça, que está sempre sem lixos ou folhas das árvores no chão, com os bancos, e equipamentos sempre conservados, lixeiras limpas e com sacos de lixo para recolhimento do lixo, vários tipos de vegetação plantadas de vários tamanhos e tipos sempre bem verdes, e suas jardineiras com o solo sempre úmido. Logo, durante as entrevistas com os moradores do entorno imediato, foi possível entender o porquê da praça permanecer sempre com boa aparência.

Os moradores do entorno imediato, se reuniram e decidiram manter a praça em bom estado. Para isto, foi acordado o recolhimento entre eles de uma taxa mensal para a manutenção da praça. De certa forma esta reunião de moradores, configura uma forma de manutenção privada do espaço público que deve ser mantido pela PMCG. Um dos moradores se prontificou em gerenciar essa taxa e os serviços de manutenção e conservação da praça. Essa taxa serve para comprar sacos de lixo, compra de material para consertar prováveis danos dos equipamentos de ginástica, dos brinquedos do parque, dos bancos da praça e etc. Um dos moradores faz sempre o serviço de limpeza da praça, a troca dos sacos de lixos quando recolhidos pelos carros de lixo da prefeitura, a manutenção dos equipamentos como a reposição de peça danificadas, pinturas pontuais, e também o aguamento das plantas com a água de uma cisterna que foi construída no processo de revitalização da praça por existir pontos onde a olhos d'água sendo capitada e armazenada.

> A gente vem, pode sentar nos banco, esse banco sou eu que conserto. Quebra ai eu vou e faço de novo. Aqueles aparelhos das criança ali hô. Aqueles balanço (gangorra) quebraram uma vez eu já remendei. Eu já troquei essas tábua do banquin aqui várias vezes. A comunidade aqui é quem sustenta essa praça. Eu tô pensando que aqui em campina é a melhor que tem porque nós cuidamos, entendeu? Então se num for isso, se a comunidade num cuidar, porque eu acho que isso tá uma coisa a desejar sabe. Porque o prefeito fez a pracinha ai depois deixa. Ai o povo chega. Porque se deixar o povo quebra sabe. Quebra banco, quebra coisa, como esse daqui, (banco que estávamos sentados) eu já troquei... essa aqui eu acho que eu já troquei essa aqui (referindo-se a uma madeira do assento do banco) foi uma tabua dessa, oi tá vendo, isso foi eu que troquei, troquei essa, troquei de uns três bancos já aqui. Tem outro ali pra eu trocar, eu já tô com a madeira já pronta, vou buscar essa semana. (Praça do Cascudo – Morador do entorno imediato).

Há também por partes dos moradores o plantio de mais mudas de árvores e outros tipos de vegetação nas áreas de jardim que tem na praça. Um detalhe interessante é que uma das áreas de jardim foi apropriada por uma das moradoras de forma que as plantas inseridas por esta moradora nesta área são todas plantas com espinhos o que tem gerado um desconforto por parte de outros moradores devido, ser uma área próxima aos brinquedos das crianças e o risco dessas crianças se machucarem nos espinhos dessas plantas.

> Há, eu gosto de tudo, das planta, gosto muito das planta. É muito bonito. (...) tem uma coisa que eu não gosto. Tem. há tem. Uns pé de coisa, de espinhu, umas planta de espinhu, que tem aí, que o povo planta, já teve mais, mas olhe, esses pé de espinhu num era pra ter numa praça que é chei de criança, chei de gente passeando, andando, brincando. Ai uns negocio de espinho desse, uma criança cai por cima né, o dirmantelo é fei né. É só o que eu num gosto. Eu acho que qualquer pessoa que se perguntasse isso, vai responder a merma coisa, a não ser quem planta, quem planta vai dizer que não tem nada. Mai tem esses espinhu, esses pés de espinhu não era pra ter numa praça. De jeito nenhum, principalmente essa que é cheia de criança. Aqui tem hora que tem tanta da criança que chega dá gosto. (Praça do Cascudo – Morador do entorno imediato).

A respeito da manutenção que a praça deve ter, nem todos os entrevistados comungam da mesma opinião quando entrevistados e questionados sobre a responsabilidade da realização da manutenção desta praça, o próprio morador encarregado de realizar a manutenção da praça ressalva a importância da responsabilidade com a manutenção e zelo por parte dos órgãos públicos com a praça:

> "Os órgão público né. Era pra ter uma pessoa, como eu te falei, que fiscalizasse, uma pessoa que mante-se a limpeza em ordem, porque a gente tem que cobrar da sociedade isso, porque isso não é de graça, isso aqui vem do suor, vem do nosso dinheiro, então não é algo dado, *porque o pessoal pensa que foi o Prefeito fez que ele deu isso de graça. Não! Isso é nosso dinheiro. Isso aqui* vem dos nossos impostos pagos. Então, assim o pessoal aqui é bem tranquilo o pessoal mesmo já faz essa fiscalização, não deixa que ninguém de fora vem e bagunce entendeu." (Praça do Cascudo - Comerciante) (Grifo nosso)

> "Rapaz eu acho que o prefeito. Os governante quem devia ter zelo sabe. Mandar, mandar os funcionário né... eu não entendo esses negócio de política...mas devia ser isso sabe, cuidar. Fazer e cuidar! Porque ai quebra um negócio, quebra outro, ai precisa de agoar as plantas, como é que vai ser? Quando for no verão... ai ele plantou…essas palmeira foi ele quem plantou, mandou fazer tudo, mas quando for no verão se ninguém fizer, como é que vai ser feito? Vai morrer todas as plantas. Então por isso que eu digo que devia ter assim ter um cuidado, por exemplo o prefeito mandasse dois funcionários dele ou um po dia né? Mandava um, outro dia outro, ele lá quem fizesse a escala, eu não sei.

> Se fosse eu, eu sabia fazer isso. Eu como prefeito eu fazia assim: fazia a pracinha, gasta muito dinheiro e conservar. Se abandonar acaba tudinho, num dá um ano. Mas aqui a gente vai ver se num chega a esse ponto né? Porque não tem nem uma praça que tem, pode ser aquela lá do centro, que eu também vejo tudo desocupado lá, num tem. Só era o que eu mudava era isso, botava um funcionário da prefeitura pá tomar conta. Podia ser terceirizado, que eles lá é quem sabe isso ai, eu num sei. Mas que devia ter cuidado, era. Porque isso ai foi gasto muito dinheiro né. Tenho certeza, ai fazer e abandonar, não adianta né?" (Praça do Cascudo – Morador do entorno imediato)

É possível perceber que a revitalização desta praça trouxe uma aceitação favorável aos seus usuários e principalmente aos moradores do entorno imediato, mesmo não sendo uma praça que contemple todas as necessidades que seus usuários gostariam que tivessem, ela se tornou um local de pertencimento pelos que a utilizam. Nesta praça, também houve uma visita técnica com a presença do Prefeito Romero Rodrigues, antes das obras de revitalização, e também houve informalmente questionamentos aos moradores/usuários ali presentes neste momento, quanto das necessidades dos mesmo para o projeto da praça. A academia popular e uma pista para caminhar foram as solicitações feitas e que foram contempladas no projeto.

> *Essa praça é muito importante, primeiro porque é um espaço, em que a gente deixa as crianças né, elas já não ficam tanto tempo na internet, né verdade, no celular, nos tablets né, elas já vão o* que? Brincar. Coma as brincadeiras antigas, bicicletas né, ficar rodando pião, correndo, então isso já tira a criança um pouco do mundo digital. Então pra mim é importante esse espaço, esse tempo, esse tempo de convivência entre as crianças né, de brincadeira, de informação, já tira a criança do mundo digital que é bom e ruin, né. Já conhecem outras crianças, já vai convivendo com outras crianças, já vai aprendendo outras brincadeiras de toca-toca, de pega-pega, de correr na areia, então isso é muito bom, esse lado também é muito importante de você tem tempo de deixar seu filho, seu neto apreciar esses tipos de brincadeiras. É um espaço que purifica o coração, que limpa, que você faz reflexão e que traz reflexões pra você." (Praça do Cascudo – Usuário da Praça).

Esta praça apresenta basicamente os tipos de usos e territorializações que a sua morfologia impõe, quanto aos usos dos elementos inseridos em sua revitalização, algumas poucas outras formas de apropriação acontecem como o uso dos equipamentos da academia pelas crianças com o propósito de divertimento. É contagiante a alegria dos moradores do entorno imediato quanto a apropriação e os cuidados que eles tem com a praça, como se fosse algo próprio e particular e ao mesmo tempo com o sentimento de coletividade por este espaço.

3.4 Praça Francisco Pinto

A outra praça que utilizamos para nossa pesquisa foi a Praça Francisco Pinto, que está localizada na Rua Mém De Sá no bairro de Santa Rosa (Figura 122) e a sua inauguração, ocorreu no dia 26 de março de 2015 tendo como elementos inseridos no processo de revitalização da praça:

a) Instalação de piso na praça;
b) Instalação de equipamentos para atividades físicas cercado por grades;
c) Plantio de árvores;
d) Brinquedos;
e) Instalação de bancos;
f) Instalação de lixeiras;
g) Novo sistema de Iluminação;
h) Estacionamento.

Durante as entrevista realizadas, alguns discursos enfatizam a importância de alguns elementos serem inseridos nas praças, a exemplo de balanços no playground, mais bancos, bebedouros, pista para bicicletas, quadras de esportes, dentre outros, com o objetivo de que o espaço se torne mais atrativo à população e assim ela possa ser mais frequentada proporcionando assim vida a praça e ênfase a segurança do local pela intensidade da ocupação pela população: “O que é importante numa praça é ter a praça das crianças brincar, dos adultos né, fazer exercício. É bom porque fica mais movimenta a praça...porque pouca gente assim a pessoa fica insegura né” (Usuário da praça). (Grifos nosso)

Outros discursos enfatizam a importância dessa praça revitalizada e ocupada como uma forma de trazer segurança ao local: “A gente acha muito importante porque com o movimento a gente se sente mais seguro. A gente que mora em frente com o movimento que tem nessa praça a gente acha...tem muito movimento aqui, a gente acha que dá uma sensação de segurança

Figura 122: Praça Francisco Pinto - Mapa

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Em entrevista a um dos moradores que reside há mais tempo no entorno imediato da praça, ele relata um pouco da historicidade dessa praça, contudo, achamos relevante e pertinente deixar registrado em nossa pesquisa esse discurso, de forma que possa levar ao leitor uma reflexão sobre as políticas públicas sobre a importância da preservação dos espaços públicos como as praças, que são de tamanha importância para a memória urbana das cidades e para os citadinos:

> Tenho 72 anos (...) desde 1969 frequento este local (...) Logo no começo quando nós cheguemos aqui, em sessenta, foi um conjunto Santa Ana, o primeiro conjunto aqui de Campina Grande foi esse né. Quando noi cheguemos aqui, tinha a praça, bem organizada, tinha a pracinha e tudo, ai foi acabando, ai ninguém ligou mais, nem prefeito nem nada, só fazia prometer que ia reformar e num reformava, se tornou um lixão. Isso aqui era chei de lixo, rato, barata, todo tipo de inseto isso aqui era, ai com esse prefeito Romero, todos que entravam ia fazer a praça e não fazia. (...) O nome dessa praça era Francisco Pinto, em homenagem a Francisco Pinto né. (...) aqui tinha uma barraca, um pontuzin pra vender negócio de pipoca, confeito, essas coisa, ai foi aumentando, ai foi negociando bebida, e ele tinha residência mai passou pa morar aqui também, ai quem tirou ele daqui, alugaram casa pra ele e tudo, pra ele desocupar, foi o prefeito pra fazer a praça né. Ele já faleceu. Mas quando ele era vivo morava aqui, morava em outra casa que ele tinha aqui de lado, outra casa que tinha aqui em cima, ele tinha três casa. Sabiduria dele né. Ainda o pior, que a prefeitura quando alugou, alugou uma casa dele mermu, (risos) é até brincadeira uma coisa dessa né. A casa dele mermu e ele alugou a prefeitura. (...) No tempo da pracinha a gente era tudo jovem, ficava aqui conversando. (Praça Francisco Pinto – Morador do Entorno Imediato)

Antes da revitalização a praça encontrava-se bastante deteriorada, e sem manutenção alguma, os passeios apresentavam-se cobertos por vegetação e areia e não existia elementos

que pudessem contribuir de forma mais ampla e dinâmica para outros tipos de uso e territorialização pela população. A Figura 123 apresenta a configuração da praça antes de sua revitalização.

Figura 123: Praça Francisco Pinto – antes da revitalização

Fonte: www.google.com.br/maps/

Outra observação que podemos descrever sobre o uso desta é a sua utilização para depósito de lixo e descarte de entulhos de obras que ocorrem nas proximidades. A Figura 124 apresenta essa situação.

Figura 124: Praça Francisco Pinto – lixo e entulho

Fonte: www.google.com.br/maps/

Observamos também, a utilização da mesma como local de passagem pela população, de forma que os caminhos percorridos no interior da praça ficavam demarcados no solo. Essa

configuração dos traçados dos caminhos percorridos na praça traz significados e sentidos ao local como forma de apropriação e demarcação do território através de seu uso como de passagem e não de permanência, tendo em vista a morfologia da praça em concomitância com o entorno imediato da mesma. O entorno imediato da praça se configura por edificações residenciais coma existências de várias moradias como casas e edifícios verticais e também uns terrenos murados ou abertos. A Figura 125 nos mostra o tipo de uso como local de passagem demarcado no chão pela população antes de sua revitalização através da perceptível demarcação do solo e é possível ver também um monumento em concreto onde existia uma placa da inauguração da praça.

Figura 125: Praça Francisco Pinto – percursos

Fonte: www.google.com.br/maps/

A figura abaixo, mostra como ficou a Praça Francisco Pinto, após a revitalização, podendo ser identificados os elementos mencionados acima, como os bancos, a academia popular, as lixeiras, o playground, as calçadas e novas arvores plantadas.

Figura 126: Praça Francisco Pinto, 2018.

Fonte: Pesquisa de campo, 2018.

Através da pesquisa de campo, podemos observar que novos elementos foram inseridos na revitalização da praça. A praça adquiriu novas dinâmicas de usos propiciadas pelos elementos inseridos, e também novos tipos de territorializações vinculados ou não aos elementos e layout que ele apresenta os quais iremos relatar. Entrevistados apontam a importância dessa praça para a comunidade, bem como a satisfação com a revitalização realizada.

> *Rapaz essa praça aqui representa oportunidade de você crescer psicologicamente e saudavelmente, entendeu?* Você aqui, você... as vezes você ver a pessoa andando, caminhando, correndo e ai você acha que ela só tá perdendo suor, mas naquele suor ali tá saindo o stress do dia todinho, ali pode tá regulando as taxas dela tudinho, certinho, entendeu! E isso ai gera um lucro tão grande pra sociedade que, assim, as idas para os hospitais. (...)depois dessa reforma, show, show de bola cara. Deixou o chão bem retinho, deixou a iluminação bem ok. Tem esses equipamentos [Academia Popular] diga , que ai que o pessoal usa. Bem legal aqui, é um espaço bem bacana. Eu gostei da pista, da pista. Do percurso da caminhada." (Praça Francisco Pinto – usuário da Praça).
>
> A praça serve de inspiração para os poetas, pessoas que gostam de falar de seu bairro, que tem o dom de falar da poesia, da madrugada, de tal, de tocar violão. (...) é de *uma importância super fundamental para o bairro né, valorização do bairro, melhora a saúde das crianças, das pessoas idosas. Minha mãe mesmo, vem aqui de manhã, minha mãe tem 86 anos de idade, mas todo dia de manhazinha ela vem pra cá e faz caminhadas meia hora, quando não existia essa praça, ela não fazia porque não tinha quem levar ela pro* Açude Velho ou pa o Parque da Criança, olha aí, quer dizer que já tá servindo pra

> um idoso de 86 anos de idade, né, e quantas pessoas poderiam se beneficiar mais, talvez não esteja vindo por causa do item segurança. Minha mãe hoje, talvez se não tivesse essa praça hoje, talvez ela não estivesse caminhando, ela tem problema de Artrose e vem melhorando substanciamente né, a saúde dela. Então veja a importância de uma praça dessa. Tudo aquilo que traz benefício para sociedade, *pra comunidade é importantíssimo*. (Praça Francisco Pinto – usuário da Praça) (Grifo nosso!)

Durante a pesquisa de campo observamos quanto mudaram as dinâmicas de uso e as territorializações nesta praça após a sua revitalização. No período diurno, a praça é utilizada como de passagem entre os horários das 6hs até as 16hs, tendo um fluxo de pessoas maior nos horários das 7hs e das 12hs. O percurso realizado pelos citadinos envolve tanto os passeios do entorno na praça assim como os passeios no interior da praça. Percebe-se que os que caminham nesses horários dentro da praça e nos passeios das residências do entorno, são de passos mais apressados, talvez pela alta incidência solar no local devido as mudas de árvores que foram plantadas, na revitalização da praça, não terem ainda alcançado uma altura que proporcione sombra para um conforto térmico da praça nesses horários. A partir das 16hs, podemos observar os usuários vindo a praça para realizar atividades ligadas ao exercício físico nos equipamentos instalados e caminhadas nos passeios em volta da praça.

Também há a presença de crianças acompanhadas de adultos que utilizam dos brinquedos instalados na praça e uma observação curiosa é o fato de que os bancos instalados nessa área onde se localiza os brinquedos tem sua frente voltada para a rua, como podemos observar na figura abaixo, não possibilitando os adultos que acompanham as crianças, observarem o uso dos brinquedos pelas crianças. Outro observação é o fato desses brinquedos estarem instalados próximos a uma das ruas de maior fluxo de veículo (Rua Mém. De Sá) o que causa um desconforto aos acompanhantes das crianças que ficam sempre atentos quando as crianças saem da caixa de areia onde os brinquedos estão instalados. A Figura 127 apresenta essas observações relatadas.

Figura 127: Praça Francisco Pinto – brinquedos

Fonte: Pesquisa de campo, 2017

Alguns dos entrevistados, falam da importância desta praça quanto ao uso dela pelas crianças, mediante o acervo atrativo de equipamentos digitais que cada dia mais tem tomado conta das atividades de lazer das crianças. Um dos entrevistados que mora no entorno imediato da praça afirma que:

> *Hoje essa praça representa mais assim, como vou te falar, mais lazer, e mais valorização do ambiente... eu aumentaria mais a parte de brinquedos pra crianças, porque na verdade ai ele incentivou mais a... até a vinda dos pais a uma praça, porque eu dificilmente, eu ia a praça com minha filha. E a praça dessa infelizmente é aparelho eletrônico né? E depois* da praça eu consegui levar ela mais a praça, ela conseguiu brincar, ela conseguiu ser criança, que antigamente ela não estava sendo, nem ela, nem meu filho de onze anos que não tinha nem onde andar de bicicleta e hoje tem! (Praça Francisco Pinto – Morador do entorno imediato)

Alguns equipamentos, como barras paralelas, para a prática de exercícios físicos foram instaladas uma área próximo à academia popular, e geralmente nos horários de fim da tarde e início da noite é possível observar alguns jovens utilizando esses equipamentos para a pratica de atividade física como mostra a Figura 128. Nesta mesma área é possível ver também adolescentes (figura 136 e figura 137) utilizando para brincar com bola, ou utilizar o local para conversar com os encostados nas barras ou no gradil que cerca a academia popular.

Figura 128: Praça Francisco Pinto – equipamentos atividade física

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Observamos também, durante o período da pesquisa de campo, que na praça há a instalação de um toldo que fica 24hs posicionado no mesmo local, de segunda a domingo, instalado em um dos vértices da praça entre a Rua Mem. De Sá e a Rua Presidente Costa e Silva, rua de maior fluxo de veículos e que proporciona maior visibilidade da praça, pertencente a um comerciante e morador em uma das residências do entorno imediato da praça, que no período noturno organiza a venda de "churrasquinhos" e bebidas na praça, com a utilização de equipamentos de som ou aparelho de televisão. Essa ação configura uma territorialização "privada" do uso deste local, de forma que conflita com ideia de espaço público aberto e livre ao uso por qualquer citadino. Na Figura 129 podemos identificar este tipo territorialização deste espaço na praça.

Durante as entrevistas realizadas, alguns moradores do entorno imediato criticam a pratica do uso de equipamentos de som, devido ao alto volume que atrapalha o descanso noturno dos mesmos. Geralmente o proprietário deste comércio abre seu comercio por volta das 18hs e encerra suas atividades de acordo com a intensidade do fluxo de pessoas utilizando do serviço prestado por ele, permanecendo em média até as 01hs da madrugada e com o aparelho de som ligado.

Figura 129: Praça Francisco Pinto – toldo no passeio

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

A noite a praça tem um uso mais intenso entre os dias de terça-feira e domingo, principalmente aos sábados à noite. Vários usos, territorializações e apropriações podem ser observadas na praça no período noturno. Nas laterais da praça voltadas as ruas Mém de Sá e Pres. Costa e Silva (ruas com maior fluxo de movimento de veículos da praça), a partir das 17:30 começam a estacionar vários trailers de lanches e seus proprietários montam mesas e cadeira de plástico nos passeios da praça onde as pessoas podem sentar para lanchar. Na lateral voltada para a rua Mém. De Sá, há um estacionamento onde usuários da praça geralmente estacionam seus veículos.

Cada trailer tem geralmente um tipo de serviço de lanche o que demarca nestes locais grupo de pessoas distintas, a exemplo citamos o proprietário da tenda mencionada anteriormente, que ao vender apenas espetinhos de churrascos e bebidas alcoólicas, dificilmente pode se observar a presença de crianças nessas mesas, diferentemente das outros trailers que disponibilizam outras comedorias como sanduiches. Há considerável presença de grupos de jovens nessas mesas e de adultos utilizando desse serviço. A Figura 130 e 131 apresenta essas observações.

Figura 130: Praça Francisco Pinto – trailer lanche - a

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Figura 131: Praça Francisco Pinto – trailer lanche - b

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Dá-se a perceber que os usuários utilizam dos bancos instalados após a revitalização e que ficam próximos aos Trailers de lanches para conversarem e observarem o movimento dos que chegam, dos que passam e dos que permanecem tendo as vezes, pela pouca disponibilidade de bancos instalados ficarem alguns em pé envolta aos que estão sentados nos bancos. As Figuras 132 e 133 mostram essa territorialização desses espaços.

Figura 132: Praça Francisco Pinto – assentos - a

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Figura 133: Praça Francisco Pinto – assentos -b

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Alguns dos entrevistados relatam o desconforto com a prática do uso dos passeios pelos comerciantes, devido a impossibilidade de nesses horários exercer a prática de caminhada ou corrida nos passeios do entorno da praça, ou seja, a disputa pelo espaço como forma de apropriação do território entra em conflito quando do uso pelos citadinos nesta praça.

> Essa praça é muito importante em relação a incentivação da caminhada, do exercício físico. O pessoal tá usando as praças de forma inadequada, você vê ali na pista de corrida, na pista de caminhada o pessoal arma tenda pra colocar bebida, pô. (...)a pessoa que vai começar a fazer a atividade física, chega numa praça dessa pra fazer caminhada, pra fazer uma corrida encontra um monte de mesa e cadeiras e o pessoal sentado bebendo, comendo lá, e você... impedindo a sua passagem para realizar aquela tarefa, entendeu? O pessoal ele tem que ter mais consciência nesse caso ai do que está havendo, entendeu! (...)Então isso daí é bom o pessoal prestar atenção nisso quando for colocar um negócio assim! (Praça Francisco Pinto – usuário da Praça)

> Essa hora como você está vendo, o pessoal tá tudo caminhando, mas daqui a pouco para de caminhar, porque eles começam a buta as mesa, as cadeira ai toma o espaço, ai você tem que caminhar aqui pelo mei da rua, pelo asfalto, os carro tirando fino em você, gente que trabai de dia, quando era a noite, seis hora, sete hora, oito hora, vinha caminhar, parou de caminhar por causa desse pontinho que eles bota ar mesa. É cinco ponto de comercio tem ai. Nem limpar a praça aqui eles num limpa. Usa a energia de graça, quem paga a energia é a gente, ai tem um gato ali como você tá vendo, ai eles puxa o fi, ai usa a energia. (Praça Francisco Pinto - Morador do Entorno Imediato)

Outra dinâmica de uso que pode ser observada nesta praça, não apenas no período noturno, mas também durante alguns horários durante o dia, é a utilização da praça por casais de namorados. É o uso da praça para namorar. Geralmente os casais, durante o dia procuram sentar-se em bancos onde há menos intensidade solar incidente sobre eles, que são os bancos que ficam numa área central da praça. Estão presentes geralmente a partir do meio dia, sendo mais intensa a presença no final da tarde. A noite a presença dos casais de namorados é mais intensas e mais perceptíveis, não apenas nos bancos existentes na praça, mas também nas mesas dos trailers de lanches, onde também é possível ver casais e filhos lanchando.

A noite é possível também observar a presença de crianças na praça e geralmente elas territorializam três áreas na praça: as crianças menores, na faixa etária de até uns 5 anos, utilizam da área onde os brinquedos foram instalados, utilizando os brinquedos e também com brincadeiras de correr ou brincando com a areia da caixa de areia onde foram instalados os brinquedos. As crianças maiores, até os 12 anos, ficam nas proximidades dos equipamentos para atividade física, mas não utilizando os equipamentos, e sim conversando ou com outros tipos de brincadeiras, em grupos geralmente fechados, mulheres ou homens separadamente, percebe-se pouca interação direta entre os grupos. As Figura 134, 135, 136 e 137 apresentam essa configuração.

Figura 134: Praça Francisco Pinto – brinquedos - a

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Figura 135: Praça Francisco Pinto – equipamentos e crianças

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Figura 136: Praça Francisco Pinto – passeios e crianças - a

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Figura 137: Praça Francisco Pinto – passeios e crianças - b

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Observamos, durante a pesquisa de campo, que alguns moradores do entorno imediato têm interação constante com a praça. Entrevemos, em todas as vezes que visitamos a praça no final da tarde, que um dos moradores fica em sua calçada observando o movimento da praça no período da tarde e no período noturno. Sempre com o portão aberto, as vezes em pé e outras vezes sentado ao meio-fio da calçada a frente de sua residência, mas estando aberto o portão e porta de sua casa, poucas vezes ele se desloca para uns dos bancos que fica voltado para frente de sua residência e fica observando a movimentação da praça e do entorno da praça. Outros moradores do entorno imediato, geralmente vêm a praça mais para lanchar ou realizar exercícios nos equipamentos da academia popular.

No final da tarde, por volta das 16hs, muitos adultos e idosos veem a praça para utilizar os equipamentos da academia popular, bem como os passeios que contornam a praça para caminhadas ou correr. Eles ficam geralmente por volta de uma ou duas horas na praça e quando acompanhados, seus acompanhantes que não praticam as atividades físicas ficam sentados nos bancos dentro da área da academia popular ou nos poucos bancos que há na praça. Um detalhe a se destacar é a instalação de um gradil em volta a academia popular e o acesso se dava por um portão, que durante o período desta pesquisa, pode-se observar a degradação do gradil e ausência do portão que fechava essa área. Não fica claro o motivo pelo qual se deu a instalação do gradil nessa academia popular nesta praça. Muitos dos equipamentos da academia estão danificados e não apresentam nenhum resquício de manutenção realizada neles.

Nesta praça foi possível observar, também, o uso da praça pelos citadinos como local para a prática de atos religiosos, a exemplo de cultos realizados por igrejas evangélicas. Geralmente, acontecem no período noturno, e são realizados no lado oposto ao local onde se encontram os trailers de lanches, talvez para que não haja uma disputa de territórios entre os usuários da praça ou talvez pelo uso de equipamentos áudios visuais por ambos os grupos de usuários nesse período. São geralmente, dispostos equipamentos de som, algumas vezes vídeo em telas projetoras, e cadeiras nos passeios da praça para a realização dos eventos religioso, o que também configura uma disputa de território com aqueles que utilizam a praça para atividades físicas como caminha ou correr pelos passeios da praça. A figura 138 apresenta essa territorialização e tipo de uso da praça.

Figura 138: Praça Francisco Pinto – Culto Religioso

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

É possível perceber que a praça não passou por nenhuma manutenção durante o período de observação em campo, mas que após entrevistas realizadas com a gestão municipal, sobre as praças, onde alguns pontos que foram questionados um deles era sobre um programa de manutenção das praças, e após o retorno a campo para observação e entrevistas com os usuários, foi possível ver algumas ações pontuais de manutenção, como poda das arvores, limpezas dos canteiros, pinturas de alguns elementos inseridos *etc*. sendo realizadas por equipes na PMCG. Não se pode afirmar ao certo se foram ações previstas pela gestão pública para aquele período ou se foram ações propositais por estarem cientes, após as entrevistas realizadas com os gestores, que estávamos realizando uma pesquisa nas praças revitalizadas.

Sobre a manutenção da praça, alguns entrevistados enfatizam a importância tanto da PMCG quanto dos próprios usuários, em ter o cuidado e o zelo com a praça, ressaltam também a impotência que sentem em se cobrar PMCG para com a limpeza e manutenção da praça, cujo alguns moradores e alguns comerciantes já solicitaram a prefeitura para que pudessem fazer uma limpeza dos arbustos grandes nos jardins e manutenção dos equipamentos da academia popular, bem como de outros elementos como bancos, lixeiras, que foram danificados. *"Só que a nossa parte, infelizmente, numa praça dessa que num é tão grande mas também não é tão pequena, a gente se torna pequeno, a nossa voz se torna pequena."* (Praça Francisco Pinto – Comerciante).

> "Hoje eu percebi que tinha bastante lixo na parte do gramado. Acho quer também se tivesse uma limpeza mais frequente seria uma boa coisa a adicionar na praça. Apesar que eu sei que tem uma limpeza mas não é diária ela... entendeu? Pessoal da prefeitura que limpa. Talvez uma contribuição de cada uma para a manutenção da praça...uma contribuição em dinheiro talvez pra se juntar e fazer alguma coisa na praça." (Praça Francisco Pinto – Morador do entrono imediato)

> *O povo fala que é o Prefeito né? O governador... mas a população né? Quem usa mais é a população né? Tem esse pessoal que mora em frente né? Podia varrer...dá uma cuidada. (...)Um gari né, pra... E uma pessoa pra ficar orientando pra as criança num ficar quebrando o material de ginastica...porque tem muito material quebranto já que as criança fica quebrando... e pra limpeza ter uma pessoa pra um dia na parte da manhã na parte da tarde ter uma pessoa pra limpar né!"* (Praça Francisco Pinto – Usuário da praça)

> "A praça deve ter iluminação, deve ter iluminação. Ela tem que ter segurança, ela não pode ficar assim, assim ao ao... ao... entregue! Entendeu? a sociedade! Porque? Porque a parte assim periférica da cidade, a marginalidade, ela procura as praças, esses locais público para poder oferecer droga e montar ali o ponto de droga ai tem que ter um segurança pra o pessoal que frequenta essa praça. È mais seguranças assim.. ronda da polícia..dá uma passada de vez enquanto isso daí já intimida a bandidagem!" (Praça Francisco Pinto – usuário da Praça)

Um ponto bastante comentado nas entrevistas realizadas nesta praça é a questão da segurança do local. Muitos dos entrevistados enfatizam a importância de se ter um vigia no local, ou rondas policiais, principalmente no período noturno, mas há também moradores do entorno imediato que se sentem mais seguro tanto na praça como em suas saídas de suas

residências ou retornos no período noturno apenas pelo fato da praça apresentar movimentação ou presença de pessoas utilizando-as nos mais diversos tipos de usos que a praça proporciona.

> *A gente acha muito importante porque com o movimento a gente se sente mais seguro*. A gente que mora em frente com o movimento que tem nessa praça a gente acha...tem muito movimento aqui... a gente acha que... da uma sensação de segurança... por causa disso." (Praça Francisco Pinto – morador do entorno imediato)

> É humm..colocaria algum tipo de policiamento mas por perto da praça. Talvez uma ronda todos os dias a noite. Porque a gente já teve caso de torca de tiros aqui nessa praça e a policia demorou muito pra chegar assim... chegou uns 15 a 20 minutos depois que já tinha acontecido e num deu em nada...entendeu? (Praça Francisco Pinto – morador do entorno imediato)

Mas é possível também perceber outras perspectivas através dos entrevistados sobre as possibilidade que a ocupação da praça pela população faz do espaço público um local mais seguro.

> Com a chegada da praça, depois que foi construída, então também foram chegando também, veja que vai mudando os parâmetros sociais né, então foram chegando também aqueles foodtruck aqui, já tem hoje uma média de três ou quatro aqui, e com a chegada deles, a própria sociedade também foi chegando pra fazer lanche e tal, e ai, como se diz no popular, infelizmente, os vagabundos foram vendo que tem mais gente do bem do que do mal, então eu perguntei a ela [uma moradora do entorno a qual ele conversou certa vez – grifo meu] hoje em relação depois que esses foodtruck vieram pra cá qual foi o percentual...ai ela disse: - olhe, diminuiu bastante. Acredito que hoje, 80% a 90%, daquele pessoal que era usuário, desapareceu. Ou seja, já ontem um rapaz veio aqui, e instalou um pula-pula. Mais um com uma vontade de ganhar seu dinheirinho e também trazer um brinquedo pra locar dez minuto por dez reais, é um bem de vida dele e ao mesmo tempo proporcionar saúde pras crianças, então assim, eu tava dizendo a ele que, é preciso chegar as pessoas de bem, pra isso aqui se tornar 100% de pessoas de bem. (Praça Francisco Pinto – usuário da Praça).

A Praça Francisco Pinto apresenta diversas dinâmicas de usos, apropriações e territorializações diferentes das que anteriormente existiam na praça antes da revitalização, nos possibilitando uma reflexão quanto à importância do planejamento e da participação da população nas tomadas de decisão para os elementos que devem ser inseridos e que propiciaram essas dinâmicas de uso, apropriações, pertencimentos e territorializações nas praças.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos capítulos apresentados neste trabalho, buscamos desenvolver a temática a partir da literatura sobre a praça desde sua origem, bem como buscamos conceitos relacionados aos espaços públicos que concernem o desenvolvimento, apresentando um breve histórico das praças de Campina Grande. Mostramos como essas praças revitalizadas se encontram quanto à morfologia, identificando os novos elementos inseridos durante as reformas e como se apresentam os usos desses espaços urbanos. Ao analisarmos este aspecto das dinâmicas de usos, observamos características intrínsecas aos elementos e à morfologia que foram determinadas pelos projetos de revitalização, enfatizando a importância da participação da população quanto à composição dos espaços públicos urbanos.

Constatamos com a pesquisa de campo, que elementos inseridos, como a academia popular, os revestimentos dos passeios, os bancos, a iluminação, o playground, em duas das praças de bairros periféricos, (Praça do Cascudo e a Praça Francisco Pinto), proporcionaram uma maior ativação desses espaços, comparando-se com as características em que se apresentavam antes da revitalização. Constatamos que essas revitalizações, motivaram parte da população local à utilização da praça. Verificou-se que a prática de comércio de alimentos e bebidas, também trouxe uma maior ocupação por parte da população, o que levou à sua utilização da praça para outros fins, como contemplação, famílias com crianças utilizando o playground, lugar pra paquerar, namorar, dentro outras atividades.

Já na Praça 13 de Maio, pudemos verificar, que a revitalização trouxe usos excludentes e contraditórios, tendo em vista a função de uma praça segundo as teorias apresentadas aqui neste trabalho. Os usos excludentes, podem ser explicados, devido à inserção do gradil instalado nos entornos, evidenciando uma barreira que coíbe de maneira significativa o acesso livre ao espaço. Em concomitância, houve a retirada dos comerciantes de lanches que frequentavam o local antes da revitalização. Estavam presentes em determinados períodos do dia e incentivaram a utilização da praça pelos moradores da comunidade e pelos estudantes de uma universidade privada. A instalação do gradil, também, impacta nos outros tipos de usos que a praça proporciona, a exemplo, da prática da caminhada. Há também o receio de alguns usuários quanto à violência e situações de insegurança, como tentativas de assaltos.

Contudo, mesmo com a instalação do gradil, houve o uso da praça por diversos citadinos, como a utilização dos bancos, do playground e da academia popular. No período noturno a praça, possui outro perfil de uso, bastante reduzido, mesmo com a presença dos comerciantes de lanches, o que ratifica mais ainda a presença impactante e negativa da instalação do gradil.

A revitalização da Praça da Bandeira, trouxe de alguns impactos negativos a alguns usuários mais antigos, devido à retirada de revestimentos, como o piso, e à modificação de alguns elementos como o tamanho das jardineiras, que eram tidos como elementos simbólicos para esta parcela de usuários. Contudo, para a maioria dos entrevistados, a revitalização é vista de forma positiva. As dinâmicas de uso diurnas não apresentaram mudanças significativas, e isso pode ocorrer devido à sua localização, no Centro da cidade, e em um local de intensa passagem dos citadinos. Um fato que achamos relevante ressaltar, é não houve instalação de academias populares, o que deixa evidente que a Praça da Bandeira, não é utilizada para atividades físicas, mesmo com seus passeios e seu piso, totalmente revitalizados. A Praça da Bandeira é vista e utilizada como local de contemplação e descanso.

Um uso que obteve crescimento, foi o *uso* da prática de jogos de tabuleiro, a exemplo do xadrez, o que foi intensificado, devido à instalação das mesas e bancos, adequados. No início da noite essa prática ainda pode ser vista devido à iluminação, outro elemento que teve bastante relevância na revitalização. Foi bastante relatado nas entrevistas, que o novo sistema de iluminação aumentou a permanência dos usuários no período noturno.

Um fator importante a ser mencionado é a falta de um comprometimento com a manutenção das praças revitalizadas por parte da PMCG. Não foi possível, durante o período de pesquisa de campo, visualizar ações de reparos nos elementos inseridos nessas praças. Foi observado que vários componentes, como bancos, lixeiras, equipamentos da academia popular, dentre outros, estavam danificados e sem uma manutenção que proporcionasse mais segurança e conforto. Mesmo a Praça da Bandeira, que possui um administrador direto, possui elementos danificados, como as mesas de jogos de tabuleiros e os bancos. Contudo, os serviços de limpeza, poda de árvores, e retirada de lixo são mais frequentes no local do que nas praças de zonas periféricas.

Percebemos que as territorializações, a partir das dinâmicas de uso, nas praças de Campina Grande, são construídas a partir das interações constantes entre as ações da esfera pública e as relações entre os usuários desses espaços, contribuindo para a formação de identidades numa escala de temporalidades fluidas e dinâmicas.

Observamos também, que o fator segurança, vinculada à vigilância das praças revitalizadas, é um elemento bastante enfatizado pelos usuários. A maior parte dos entrevistados enfatizam a importância de um poder público que garanta uma maior segurança no local, seja a partir de equipamentos eletrônicos, como câmeras de vigilância, seja com a contratação de vigilantes e policiamento. Verificamos que, mesmo, existindo um administrador para a Praça da Bandeira e também a presença de um ponto de policiamento no entorno imediato, ainda foi possível ouvir dos entrevistados um apelo para uma melhor vigilância.

Outro relevante fator a ser considerado na dimensão desses espaços urbanos públicos é a dinâmica da economia e do comércio. Estes elementos estão presentes na estrutura territorial desses espaços, sejam de maneira formal ou informal, e disputam de forma significativa territórios. Essa dinâmica também influencia na composição da identidade dessas praças, pois contribuem de forma significativa na construção das relações sociais.

Esse conjunto de fatores é fundamental para a compreensão dessas praças e suas territorializações. São espaços públicos urbanos que dialogam com as relações sociais de poder, transformando-as em locais de disputas e de conflitos, mas também de acordos e de negociações. A importância de espaços públicos, como as praças, jaz na possibilidade de se conviver com pessoas diferentes, em locais que muitas vezes agregam indivíduos de diversos extratos sociais em um espaço de convívio, como pudemos observar na pesquisa de campo para esta dissertação.

Percebemos que nas praças de Campina Grande é possível encontrar significativas mudanças de caráter dinâmico, bem como permanências e pertencimentos, territorializações que se estabelecem e acompanham os anseios de uma sociedade que projeta nesses espaços públicos urbanos as suas ideologias, impulsionadas por encontros e sociabilização.

Por fim, esperamos que este trabalho possa contribuir de forma significativa, para o aprofundamento da discussão sobre o tema, ao promover uma reflexão sobre revitalizações das praças, e buscar compreender a importância das perspectivas dos usuários que se apropriam

desses espaços. Além da importância dos saberes técnicos nestas revitalizações, é preciso é visualizar que as políticas de reformas estão diretamente ligadas a este sentimento de pertencimento.

Entendemos, deste modo, a complexidade que envolve o estudo deste tema, contudo não foi nossa intenção, esgotar a temática e tampouco, alcançar um nível máximo de compreensão do tema. Nosso intuito foi o de investigar e adentrar a realidade das praças revitalizadas de Campina Grande e problematizá-las sob a luz das teorias de urbanização contemporâneas.

5 – REFERÊNCIAS

BACON, E. **Design of Cities** – A Superbly Illustrated account of the development of urban form ancient Athens to modern Brasilia**.** Lodon: Thames and Hudson, 1995. 336 p.il.

BENÉVOLO, L. **História da Cidade.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1983. 729 p. il.

DELFANTE, C. **A Grande História da Cidade –** da Mesopotâmia aos Estados Unidos. Lisboa: Instituto PIAGET, 1997. 446 p.il.

COLVERO, A. **A requalificação do centro antigo da cidade de São Paulo**: políticas urbanas, planejamento participativo e gestão, no período de 2001-2004. Campinas: IG/UNICAMP – Tese de Doutorado em Geografia, 2010.

EVOLUÇÃO Física de Salvador 1549 a 1800, Fundação Gregório de Mattos, Centro de Estudos da Arquitetura na Bahia, Salvador: Edição Especial, 1998. 138 p.il.

FRANCH, M. QUEIROZ, T. **Da casa à praça**: um estudo da revitalização de praças em João Pessoa – PB. Belo Horizonte: Argumentu Editora Ltda, 2010. 191 p.

GOMES, Luis. Geometria no traçado de praças, teoria versus prática, no tempo de pombal, In: **A Praça na Cidade Portuguesa**, Colóquio Portugal-Brasil, Livros Horizonte, Lisboa, 2001. 252 p.il.

GUTIÉRREZ, M; QUEIROZ, T. Bairros de João Pessoa e suas praças: encontros e desencontros nos processos de requalificação. In: SCOCUGLIA, Ji. **Cidade, cultura e urbanidade**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

JACOBS, J. **Morte e vida das grandes cidades**; São Paulo: Martins Fontes, 2011

LACERDA J; LIRA, A. **Retratos de Campina Grande:** um século em imagens urbanas. Colaborador: Paulo de Tarso C. de Castro – Campina Grande: UFCG, 2012. 552 p. il.

LAMAS, J. **Morfologia Urbana e desenho da cidade**, textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa: Fundação Caloustre Gulbenkian. 1989. 564 p.

LIMA, E. **Arquitetura do Espetáculo:** teatros e cinemas na formação da Praça Tiradentes e da Cinelândia, Rio de Janeiro: Editora URFJ, 2000. 392 p.il.

KOSTOF, S. **The city assemblend –** The elements of urban form through history. London: Thames and Hudson, 1992. 320 p.il.

MARX, M. **Cidade Brasileira**. São Paulo. Melhoramentos: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980. 151 p.il.

MORRIS, A. **Historia de la forma urbana –** desde sus Orígenes hasta la Revolución industrial, Barcelona: GG, Colección Arquitectura / Perspectivas, 1992. 477 p.il.

OLMOS S; CAVALCANTE, M. **Olhares sobre a Paisagem:** um estudo de caso. Salvador: EDUFBA, 2008. 116 p.

PINTO, R. I. B. P. S. **A praça na história da cidade: o caso da praça da sé – suas faces durante (1933/1999).** Salvador, 2003

PIRENE, H. **As Cidades da Idade Média**, Portugal: Colecção SABER, Publicações Europa – América, 1989. 182 p.

PUIG, A. **Cerda –** Las cinco bases de la teoria general de la urbanización. 447 p. il.

RIBEIRO, A. Territórios da sociedade: por uma cartografia da ação. In: SILVA C. **Território e ação social:** sentidos da apropriação urbana – Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. 171 p.

ROBBA, F. MACEDO, S. S. **Praças Brasileiras**. São Paulo, Edusp, 2010.

ROSSI, A. **La arquitectura de la cuidad**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S. A. 1991. 311 p.il.

SACHS, I. **Desenvolvimento:** includente, sustentável e sustentado. Garamond, Rio de Janeiro, 2004.

SANTOS, P. **Formação de Cidades no Brasil Colonial**. Rio Histórico, Corredor Campo Grande – Sé, Salvador, 2001.

SANTOS, B. **Modernidade, identidade e cultura de fronteiras**. Tempo Social – Revista Social, USP, 1994.

SCOCUGLIA, J. **Cidade, cultura e urbanidade.** João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

SERPA, A. **O Espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2003.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução: Laura Teixeira Motta, revisão técnica Ricardo Doninelli Mendes São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SILVA, C. **Território e ação social:** sentidos da apropriação urbana – Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. 171p.

SILVA, R. – **A Praça na história da cidade:** o caso da praça da sé – Suas Faces durante (1993/1999). Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura. Salvador, 2003, 219p.il.

SILVEIRA, M. Economia Política e ordem espacial: circuitos da economia urbana. In: SILVA, C. **Território e ação social:** sentidos da apropriação urbana – Rio de Janeiro: Lamparina, 2011. 171p.

SIMÕES, C. Mobiliário Urbano como objeto de Cenarização da Praça Nossa Senhora da Luz. In: OLMOS, S; CAVALCANTE, M. **Olhares sobre a Paisagem:** um estudo de caso. Salvador: EDUFBA, 2008; 116 p. il.

SITTE, C. **A construção das cidades segundo seus princípios artísticos**. Tradução de Ricardo Ferreira Henrique, 4ª ed. (alemã 1909), São Paulo. 1992. 239p.

SOUZA, M. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 192p.

STRAUSS, A; CORBIN, J. **Basic of qualitative research**: techniques and procedures for developing grounded theory. 2. Ed. Thousand Oaks: Sage Publications, 1998.

TEIXEIRA, M. **A Praça na Cidade Portuguesa.** Colóquio Portugal-Brasil: Livros Horizonte, Lisboa, 2001. 252 p. il.

VASCONCELOS, E. **Ah, Campina**!. Campina Grande: Santa Marta, 2014. 156 p.

VEIGA, A. Avaliação das características morfológicas da paisagem urbana do bairro da Pituba e seu entorno na cidade de Salvador – Bahia. In: OLMOS, S; CAVALCANTE, M. **Olhares sobre a Paisagem:** um estudo de caso. Salvador: EDUFBA, 2008; 116 p. il.

VERÍSSIMO, F; BITTAR, W; ALVAREZ, J. **Vida Urbana:** a evolução do cotidiano da cidade brasileira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001. 230p.il

APÊNDICE A - ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO PARA USO PESSOAL DE TRABALHO EM CAMPO

Dia:_____

Horário:_____

Tempo de Permanência: _____

Local: _____

Dinâmicas de uso e Usuários:

1) Atividades desenvolvidas:
2) Gênero:
3) Faixa etária:

Concepção espacial (projeto arquitetônico)

4) Percursos e passeios (acessibilidade):
5) Equipamentos / mobiliários:
6) Manutenção dos equipamentos (há pichação?):
7) Iluminação:
8) Paisagismo / arborização:
9) Elementos culturais

Dinâmicas entre a praça e o entorno: Observar e registrar (imagens e anotações)

10) Localização:
11) Ponto de ônibus:
12) Estacionamento:
13) acessos:
14) segurança:
15) comércio/residências:

Territorialização e apropriações: Observar e registrar (imagens e anotações)

16) Áreas para vivências de lazer:
17) Áreas para prática de atividade física:

18) Espaço verde:
19) Atratividade da estrutura física:
20) Bancos/mesas/estabelecimentos/ Banheiros:
21) Projetos sociais da prefeitura:

Outras informações relevantes:

_____

_____

_____

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA – MORADORES DO ENTORNO IMEDIATO DA PRAÇA E USUÁRIOS DA PRAÇA

Praça:
Data:
Hora:

1 - Perfil do entrevistado

Faixa Etária:

a) Até 18 anos
b) 19 – 30 anos
c) 31 – 40 anos
d) 41 – 65 anos
e) Maiores de 65 anos.

Gênero:

Estado civil:

a) Solteiro(a)
b) Casado(a)
c) Namoro(a)
d) Separado(a)
e) Viúvo(a)

Nível de escolaridade:

a) Analfabeto
b) 1º grau completo
c) 1º incompleto
d) 2º grau completo
e) 2º grau incompleto
f) Técnico completo
g) Técnico incompleto
h) 3º completo
i) 3º incompleto
j) Pós graduação

Profissão:

Renda mensal:

a) Até 1 SM
b) 1 - 3 SM
c) 3 - 6 SM
d) 6 - 9 SM
e) Acima de 9 SM

Bairro o qual reside:

2 – Usos da Praça

a) Há quanto tempo você frequenta essa praça?

b) Com que frequência você vem a esta praça?
( ) 1ª vez
( ) 1 vez por semana
( ) 3 a 5 vezes por semana
( ) 1 a 3 vezes por mês
( ) diariamente
( ) outro: _____

c) Em quais dias?
d) Qual(is) o(s) horário(s)?
e) Quanto tempo em média você permanece na praça?
f) Por qual(is) o(s) motivo(s)?
g) Além desta, você frequenta outra praça? Qual?
h) Há alguma diferença entre uma e outra, qual?

3-Função das Praças

a) Para você o que deve ter numa praça?
b) Para você, qual a importância dessa praça?

4 – Valores, sentimentos e pertencimento.

a) Você foi contactado pela gestão pública para opinar sobre o projeto de reforma desta praça?
b) Você teve alguma participação no projeto de reforma desta praça?
c) O que você mais gosta(va) nesta praça (antes e depois da reforma)?
d) O que você não gosta(va) nesta praça (antes e depois da reforma)?
e) O que você mudaria nesta praça e por que?
f) O que falta ter nesta praça para você?
g) Diga-me algumas palavras que representam esta praça pra você:

5 - Administração e zelo

a) Para você, quem deve cuidar desta praça?
b) Que sugestão você deixa para a melhor manutenção dessa praça?

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA – ATORES DA GESTÃO PÚBLICA: ARQUITETOS, TÉCNICOS, ADMINISTRADORES E GESTORES ENVOLVIDOS COM AS REFORMAS DAS PRAÇAS

Local:
Data:
Hora:

1 - Perfil do entrevistado

Faixa Etária:

a) Até 18 anos
b) 19 – 30 anos
c) 31 – 40 anos
d) 41 – 65 anos
e) Maiores de 65 anos.

Gênero:

Estado civil:

a) Solteiro(a)
b) Casado(a)
c) Namoro(a)
d) Separado(a)
e) Viúvo(a)

Nível de escolaridade:

a) Analfabeto
b) 1º grau completo
c) 1º incompleto
d) 2º grau completo
e) 2º grau incompleto
f) Técnico completo
g) Técnico incompleto
h) 3º completo
i) 3º incompleto
j) Pós graduação

Profissão:

Renda mensal:

a) Até 1 SM
b) 1 - 3 SM
c) 3 - 6 SM
d) 6 - 9 SM
e) Acima de 9 SM

Bairro o qual reside:

Cargo que ocupa:

Tempo que ocupa este cargo:

2 – Das Praças

a) Como surgiu a ideia de reformar as praças de Campina Grande?
b) Quais foram os critérios de escolhas das praças para serem reformadas?

c) Houve algum estudo preliminar para essa decisão?
d) Foi definida uma equipe específica para essas reformas?
e) Quantas pessoas foram envolvidas na gestão desse projeto de reforma das praças?
f) Quem são técnicos envolvidos nos projetos das reformas destas praças?
g) Quais os objetivos para com as reformas dessas praças?
h) Houve a preocupação em ouvir a população local sobre tais reformas? (Se SIM, como se deu?). (Se não, por que não?)
i)

3 - Função e Projetos das Praças

a) Para você, qual(is) é(são) a(s) função(ões) da Praça?
b) Quais os elementos indispensáveis escolhidos para estarem nas praças e porque?
c) Foi realizada uma pesquisa com os moradores do entorno imediato e os usuários das praças sobre seus anseios quanto as necessidades nas reformas das praças? (caso não, porque não?)

4 – Valores, sentimentos e pertencimento

a) Você frequenta alguma praça na cidade? (Se sim: Qual?) (Se não: Por que não?)

5 - Administração e zelo

a) Existe um projeto de administração dessas praças? Qual?
b) Como se dá a manutenção dessas praças?
c) Como estar se dando o processo de acompanhamento pós reforma, há algum trabalho junto às comunidades atendidas pelo projeto de reforma? (Se sim, poderia descreve como ocorre?) (Se não, tentar saber o porquê em não acontecer...)
d) Gostaria de acrescentar algo mais?

APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA – COMERCIANTES

Praça:
Data:
Hora:

1 - Perfil do entrevistado

Faixa Etária:

a) Até 18 anos
b) 19 – 30 anos
c) 31 – 40 anos
d) 41 – 65 anos
e) Maiores de 65 anos.

Gênero:

Estado civil:

a) Solteiro(a)
b) Casado(a)
c) Namoro(a)
d) Separado(a)
e) Viúvo(a)

Nível de escolaridade:

a) Analfabeto
b) 1º grau completo
c) 1º incompleto
d) 2º grau completo
e) 2º grau incompleto
f) Técnico completo
g) Técnico incompleto
h) 3º completo
i) 3º incompleto
j) Pós graduação

Profissão:

Renda mensal:

a) Até 1 SM
b) 1 - 3 SM
c) 3 - 6 SM
d) 6 - 9 SM
e) Acima de 9 SM

Bairro o qual reside:

2 – Usos da Praça

a) Há quanto tempo você comercializa nesta praça?
b) Por qual(is) o(s) motivo(s) você comercializa nesta praça? E o que você comercializa?
c) Você comercializava nesta praça antes da reforma?
d) Em quais dias da semana você comercializa nesta praça?
e) Qual(is) o(s) horário(s) que você comercializa nesta praça?
f) Quanto tempo em média você permanece na praça?
g) Você tem comércio em outra(s) praça(s) além desta ou em outros espaço(s) público(s)?
h) Para você o que deve ter numa praça?

3 – Valores, sentimentos e pertencimentos

a) Você teve alguma participação no projeto de reforma desta praça?
b) Você foi consultado pela gestão pública para opinar sobre o projeto de reforma desta praça?
c) O que você mais gosta(va) nesta praça (antes e depois da reforma)?
d) O que você não gosta(va) nesta praça (antes e depois da reforma)?
e) O que você mudaria nesta praça?
f) O que falta ter nesta praça para você?
g) Diga-me algumas palavras que representam esta praça pra você:

4 - Administração e zelo

a) Para você, quem deve cuidar desta praça?
b) Como você cuidaria(cuida) desta praça?
c) Seu comercio nesta praça gera algum tipo de resíduo?
d) Há um cuidado com a política de destino dos resíduos gerados pelo seu comercio?
e) Alguma outra questão que você pudesse sugerir ou analisar, com relação a esta praça?